ILUSTRAÇÃO

N.º 274—12.º ano

SS. MM. O REI E A RAINHA DA INGLATERRA

PREÇO 5 escudos

INDISPENSÁVEL EM TÔDAS AS CASAS

Manual de Medicina Doméstica

pelo DR. SAMUEL MAIA
Médico dos Hospitais de Lisboa

O QUE TODOS DEVEM SABER DE MEDICINA

Nenhuma família deve deixar de ter em casa esta obra humanitária

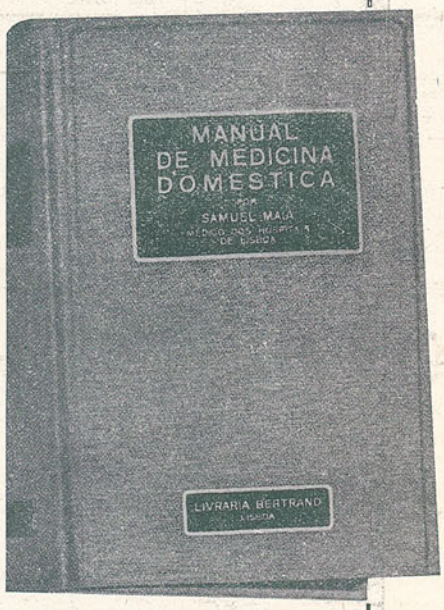
INDISPENSÁVEL A TÔDA A GENTE

A melhor fortuna é a saúde e por isso todos devem olhar por ela e não esquecer a da família. O **Manual de Medicina Doméstica,** é guia, é conselheiro indispensável para êsse efeito. Nesta obra incontestàvelmente de grande utilidade, trabalho cuja **seriedade é garantida pelo nome do autor ilustre,** qualquer pessoa encontrará tudo o que é preciso saber para conservar a sua saúde ou tratá-la em caso de doença.

O **Manual de Medicina Doméstica** ensina a proceder imediatamente, antes que o médico chegue: no caso de um ferimento grave, duma queda, duma dor repentina, dum desmaio; dá os melhores conselhos **sôbre enfermagem,** mostra como se põe uma ligadura, como se faz um penso, etc.; ensina a preparar e a realizar a **alimentação para os doentes ou convalescentes** e mesmo para os sãos, etc., etc.; emfim esclarece uma infinidade de casos em que a aflição e a falta de conhecimentos médicos serão vantajosamente remediados.

Todos os assuntos se acham observados sob um ponto de vista prático, expostos duma forma agradável e acessível a tôda a gente e indicados num índice elucidativo, de fácil e rápida consulta.

HIGIENE — DIETÉTICA — GINÁSTICA — ENFERMAGEM — FARMÁCIA — DEFINIÇÃO E TRATAMENTO DAS DOENÇAS — RECEITUÁRIO — SOCORROS DE URGENCIA



EM INÚMEROS CASOS DE DOENÇA, DISPOSTOS POR ORDEM ALFABÉTICA, ATENDE, RESPONDE, ENSINA O

Manual de Medicina Doméstica

E assim, quando na **ausência de médico por o não haver na vila ou na aldeia, ser distante a sua residência,** ou na sua falta, como no interior e **sempre que seja preciso actuar imediatamente,** recorrendo-se ao **MANUAL DE MEDICINA DOMESTICA** nele se encontrarão todos os conselhos, tôdas as indicações quer se trate duma queda, dum envenenamento, duma dor repentina, ou dos sintomas ou das manifestações de qualquer doença.

Regra de bem viver para conseguir a longa vida

1 vol. de 958 páginas nitidamente impresso, profusamente ilustrado, lindamente encadernado em percalina **Esc. 35$00**

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND

LISBOA — Rua Garrett, 73, 75

ILUSTRAÇÃO
Propriedade da Livraria Bertrand (S. A. R. L.)
Editor: José Júlio da Fonseca
Composto e impresso na IMPRENSA PORTUGAL-BRASIL – Rua da Alegria, 30 – Lisboa

Preços de assinatura

	MESES		
	3	6	12
Portugal continental e insular	30$00	60$00	120$00
(Registada)	32$40	64$80	129$60
Ultramar Português	—	64$50	129$00
(Registada)	—	69$00	138$00
Espanha e suas colónias	—	64$50	129$00
(Registada)	—	69$00	138$00
Brasil	—	67$00	134$00
(Registada)	—	91$00	182$00
Outros países	—	75$00	150$00
(Registada)	—	99$00	198$00

Administração – Rua Anchieta, 31, 1.º – Lisboa

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

Todas as creanças são felizes e saudaveis quando tomam a deliciosa

'OVOMALTINE'

diariamente

À venda em todas as Farmácias, Drogarias e Mercearias em 1/1, 1/2 e 1/4 de lata

DR. A. WANDER S. A. — BERNE

ÚNICOS CONCESSIONÁRIOS PARA PORTUGAL:

ALVES & C.ª (IRMÃOS) — RUA DOS CORREEIROS, 41-2.º — LISBOA

PRODUTOS

M.me CAMPOS

DE BELEZA

Os cuidados necessários para que a beleza se mantenha, são delicados e requerem uma escolha judiciosa de produtos, destinados a conservar a frescura e o encanto da juventude.

Os produtos de **M.me Campos, Rainha da Hungria, Yildizienne, Rosipôr, Oly, Rodal, Mystik,** etc., são excelentes preparados que conforme a natureza da epiderme, assim devem ser usados. Para cada caso especial da sua pele ou correcção de formas. Consulte-nos e peça catálogos.

ESTABELECIMENTO CIENTIFICO DE CULTURA ESTETICA

ACADEMIA SCIENTIFICA DE BELLEZA

Av. da Liberdade, 35 LISBOA Telef. 2 1866

VIAGENS

À VENDA

Categoria Literária das Cidades

POR LUIZ TEIXEIRA

A arqueologia e o pitoresco das cidades — Como viajam os franceses — Como viajam os americanos — Como viajam os portugueses — Paris — Londres — Atenas — Berlim — Hamburgo — St. Pauli — Hamburgo — Alemanha, país da cerveja — Gibraltar — Ilha de Malta — Nápoles — Veneza — A Sicília — Palermo — Redipuglia e Corfu — A Tripolitania — A Africa e a aventura — Regresso: Algarve em flor — Conselhos e confidências a quem parte: Viajar — A «toilette» — O amor — Itenerários no Adriatico

1 vol. de 242 págs., broch. . . . . **10$00**

Pedidos à
LIVRARIA BERTRAND
73, Rua Garrett, 75
LISBOA

De

4 Mulheres Há 3

Que Escolhem Mal O Tom Do Seu Pó de Arroz

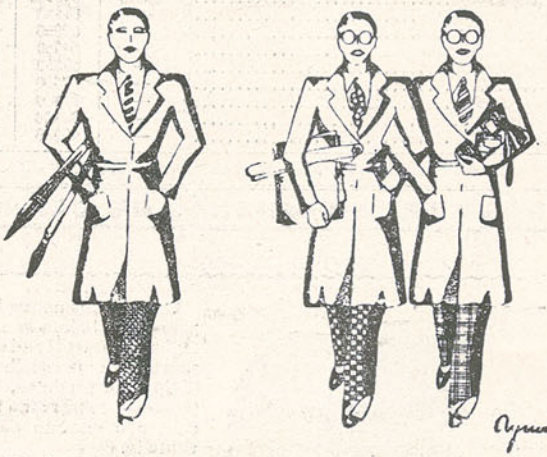
Os especialistas provaram que há quatro tons de pele bem diferentes, exigindo cada um dêles uma côr diferente de pó de arroz. Empregando-se a côr que convem mais exactamente à pele, em 4 mulheres, 3 aumentariam fàcilmente de 100 % a beleza do seu rosto.

O Pó Tokalon é o único pó de arroz que se segura durante o dia inteiro, ou tôda à noite, quer dentro de casa, quer ao ar livre, apesar do vento, da chuva ou da transpiração. A «mousse de crème», fá-lo aderir tão íntima e invisivelmente que ninguem poderia imaginar que a esplêndida côr obtida não é o encanto próprio e natural da pessoa.

A' venda em tôdas as perfumarias e boas casas do ramo. Não encontrando, dirija-se à Agência Tokalon — 88, Rua da Assunção, Lisboa — que atende na volta do correio.

GRAVADORES

IMPRESSORES



TELEFONE 21308

BERTRAND IRMÃOS, L.DA

TRAVESSA DA CONDESSA DO RIO, 27 - LISBOA

GOTOSOS E REUMATICOS

Em menos de 24 horas, podeis acalmar as vossas dôres com o

ESPECIFICO BÉJEAN

O remédio mais ACTIVO prescrito pelas autoridades médicas contra

a GÔTA, a SCIÁTICA os REUMATISMOS Agudos ou Chronicos e todas as dôres de origem arthritica

Um unico frasco bastará para vos convencer da rapidez da sua acção.

Á venda em todas as Pharmácias

Produits BÉJEAN - Paris

DOCES E COZINHADOS

RECEITAS ESCOLHIDAS POR ISALITA

1 volume encader. com 351 páginas. **25$00**

DEPOSITÁRIA:

LIVRARIA BERTRAND

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

O Bébé

A arte de cuidar do lactante

Tradução de Dr.ª Sára Benoliel e Dr. Edmundo Adler, com um prefácio do Dr. L. Castro Freire e com a colaboração do Dr. Heitor da Fonseca.

Um formosíssimo volume ilustrado

6$00

Depositária:

LIVRARIA BERTRAND

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

ANTOLOGIA PORTUGUESA

ORGANIZADA PELO

Dr. Agostinho de Campos

Sócio Correspondente da Academia das Ciências de Lisboa

Volumes publicados:

Afonso Lopes Vieira, um volume. — **Alexandre Herculano,** um volume. — **Antero de Figueiredo,** um volume. — **Augusto Gil,** um volume. — **Camões lírico,** cinco volumes. — **Eça de Queirós,** dois volumes. — **Fernão Lopes,** três volumes. — **Frei Luís de Sousa,** um volume. — **Guerra Junqueiro,** verso e prosa, um volume. — **João de Barros,** um volume. — **Lucena,** dois volumes. — **Manuel Bernardes,** dois volumes. — **Paladinos da linguagem,** três volumes. — **Trancoso,** um volume.

Cada volume brochado. . . . . . **12$00**

Cada volume encadernado. . . . . **17$00**

Pedidos à **Livraria Bertrand**

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

À venda a 5.ª edição actualisada

DE

MATERIAIS DE CONSTRUÇÃO

DA

Biblioteca de Instrução Profissional

pelo engenheiro **João Emílio dos Santos Segurado**

Considerações gerais. Pedras de construção, aviamentos, cal, areias, pozolanas, gessos e produtos cerâmicos, madeiras para construções, ferro, metais e substâncias diversas, etc.

1 vol. de 558 págs., com 45 tabelas e 300 gravuras, encadernado em percalina **30$00**

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

À VENDA

PENSADORES BRASILEIROS

PEQUENA ANTOLOGIA

POR **CARLOS MALHEIRO DIAS**

ÍNDICE: Prefácio — Gilberto Amado — Ronald de Carvalho — Baptista Pereira — Azevedo Amaral — Gilberto Freire — Tristão de Ataide — Plinio Salgado

1 volume brochado . . . **8$00**

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

À VENDA A 4.ª EDIÇÃO

DONAS DE TEMPOS IDOS

PELO

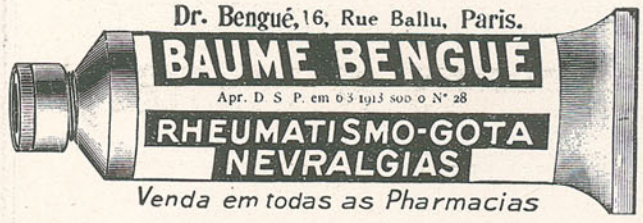
CONDE DE SABUGOSA

D. Maria Pia, a «Ribeirinha» — D. Beatriz, Condessa de Arundel e de Huntingdon — D. Leonor de Austria — D. Beatriz de Sabóia — As metamorfoses da Infanta — D. Francisca de Aragão — El-Rei D. Sebastião e as mulheres — Catarina de Bragança, Infanta de Portugal e Rainha de Inglaterra — D. Isabel de Portugal.

1 vol. de 332 págs., broch. . . . . **12$50**
Pelo correio à cobrança **14$00**

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

Dr. Bengué, 16, Rue Ballu, Paris.



Venda em todas as Pharmacias

Estoril-Termas

ESTABELECIMENTO HIDRO-MINERAL E FISIOTERAPICO DO ESTORIL

Banhos de agua termal, Banhos de agua do mar quentes, BANHOS CARBO-GASOSOS, Duches, Irrigações, Pulverisações, etc. — — — — —

FISIOTERAPIA, Luz, Calor, Electricidade médica, Raios Ultravioletas, DIATERMIA e Maçagens. — — — — —

MAÇAGISTAS ESPECIALISADOS

Consulta médica: 9 às 12

Telefone E 12

PAULINO FERREIRA

:: ENCADERNADOR-DOURADOR ::

AS MAIORES OFICINAS DO PAIZ, MOVIDAS A ELECTRICIDADE

CASA FUNDADA EM 1874

Premiada com medalha de oiro em tôdas as exposições a que tem concorrido. — *DIPLOMAS DE HONRA* na exposição da Caixa Económica Operária e na Exposição de Imprensa

TRABALHOS TIPOGRÁFICOS EM TODOS OS GENEROS simples e de luxo

Orçamentos Grátis

Rua Nova da Trindade, 80 a 92—LISBOA

Telefone 2 2074

Horas sem sofrer...
Horas felizes

A alegria de viver da mãi reflecte-se fielmente no rosto da criança. Por isso, devem todas as mãis inculcar indelevelmente no ser da criança a expressão viva da sua alegria natural e evitar a dôr. E é tambem tão simples levar uma vida sem dôres com a

Cafiaspirina

SAMUEL MAIA
Médico dos hospitais de Lisboa

O LIVRO DAS MÃIS

O MEU MENINO

Como o hei-de gerar, crear e tratar se adoecer

1 vol. de 326 págs., ilustrado, encad., **17$00**; broc., **12$00**

Pedidos à

LIVRARIA BERTRAND
73, Rua Garrett, 75
LISBOA

GRANDE SUCESSO DE LIVRARIA

À VENDA A 3.ª EDIÇÃO

AVENTURA MARAVILHOSA
DE D. SEBASTIÃO, REI DE PORTUGAL, DEPOIS DA BATALHA COM O MIRAMOLIM

ROMANCE
POR **AQUILINO RIBEIRO**

1 vol. de 318 páginas, com uma artística capa de Alberto de Sousa, brochado **12$00**
Pelo correio, à cobrança **14$00**

Edição da LIVRARIA BERTRAND
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

À venda a 9.ª edição

D. PEDRO E D. INÊS
«O GRANDE DESVAYRO!»
Romance por ANTERO DE FIGUEIREDO

1 vol. de 324 páginas, brochado, com capa a côres e ouro, Esc. **12$00**; pelo correio à cobrança, Esc. **14$00**

À venda em tôdas as livrarias

Pedidos à

LIVRARIA BERTRAND
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

PROPRIEDADE DA LIVRARIA BERTRAND

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: RUA ANCHIETA, 31, 1.º TELEFONE: — 2 0535

N.º 274 — 12.º ANO
16-MAIO-1937

ILUSTRAÇÃO

grande revista portuguesa

Director ARTHUR BRANDÃO

Pelo carácter desta revista impõe-se o dever de registar todos os acontecimentos e publicar artigos das mais diversas opiniões que possam interessar assinantes e leitores afim de se manter uma perfeita actualidade nos diferentes campos de acção. Assim é de prever que, em alguns casos, a matéria publicada não tenha a concordância do seu director.

Suas Majestades o Rei Jorge VI e a Rainha Isabel de Inglaterra

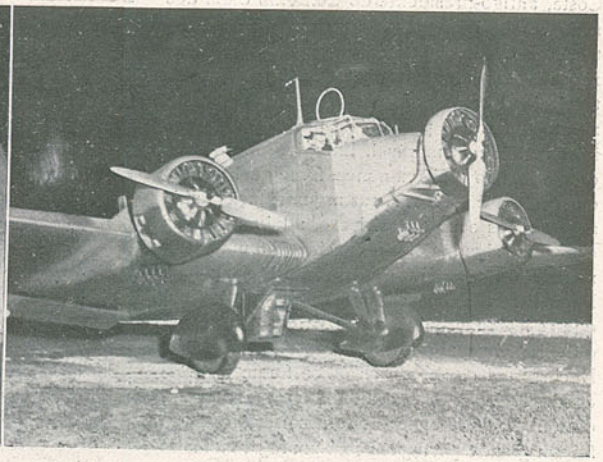
SOLENIDADES BRITÂNICAS

NA Embaixada da Inglaterra foi oferecido um chá à colónia britânica comemorando a coroação do rei Jorge VI. Os jardins da Embaixada estiveram muito animados, tendo uma orquestra executado um selecto programa. Notava-se a alegria em todos os rostos que bem patenteavam o que se passava na alma. A gravura da direita mostra um aspecto dessa interessante festa. A' esquerda, o sr. embaixador falando em honra do seu rei.

Os srs. Presidente do Conselho e ministros assistiram ao serviço religioso celebrado na Igreja Anglicana. A' esquerda, o sr. dr. Oliveira Salazar, acompanhado pelo sr. Embaixador da Inglaterra saindo do templo. — A' direita, o Chefe do Govêrno cumprimentando o ilustre diplomata britânico. Em baixo, à esquerda: O consul da Inglaterra com o Governador Civil do Pôrto e demais entidades à saída da Igreja Anglicana da capital do Norte, onde igualmente foram celebrados oficios religiosos. A' direita: Em Lisboa: alguns membros do Govêrno e do Corpo Diplomático durante as celebrações.

NOTICIAS DA QUINZENA

Em honra da Mulher Portuguesa realizou-se na Sociedade de Geografia e na presença dos srs. Presidente da República e Ministro das Obras Públicas um sarau de cultura física promovido pelo Ateneu Ferroviário. Na gravura da esquerda vê-se o Chefe do Estado presidindo à sessão em que usaram da palavra a sr.ª D. Maria Lamas, dr. José Pontes e prof. José Júlio Moreira que fez uma demonstração de gimnástica musicada, segundo um plano seu de magnífico efeito. Por fim, um numeroso grupo de senhoras do Ateneu realizou vários exercícios demonstrando o bom aproveitamento das suas lições



Um dos nossos trimotores de bombardeamento voou uma noite destas sôbre Lisboa para treino dos nossos aviadores. A gravura da esquerda mostra os oficiais na pista da Granja do Marquês, depois dos vôos nocturnos. A' direita, vê-se o trimotor que voou sôbre Lisboa e que tanta curiosidade despertou na população lisboeta. Para que a aterragem fôsse mais difícil, os projectores da pista mantiveram-se apagados durante algum tempo. Desde as 22 às 24 horas realizaram-se sete aterragens e descolagens, tomando lugar no aparelho os srs. majores Alfredo Sintra e Sérgio da Silva, capitão Caldeira Pires e tenentes Costa Macedo, Manuel Gouveia e Peral Fernandes. As provas resultaram brilhantes, mostrando bem a perícia e intrepidez dos nossos pilotos

Próximo da costa do Outão, na frente da Serra da Arrábida, na restinga conhecida pelo nome da Queda, uma rajada de vento voltou a canoa «Arminda» com seis tripulantes que caíram à água. Quatro dêles ficaram embrulhados nos aparelhos de pesca, não lhes sendo possível escapar à morte, o mesmo sucedendo a outro que não voltou a aparecer. Salvou-se um dos náufragos que se manteve agarrado durante quatro horas à quilha do barco. A gravura da esquerda mostra o barco que recolheu os cadáveres. A' direita, um avião que, ao deslocar na pista de Alverca, se precipitou ficando o piloto ferido

FIGURAS E FACTOS

Dr. Afonso Costa

Vitimado por uma *angina pectoris*, faleceu na noite de 10 do corrente, em Paris, o sr. dr. Afonso Costa, antigo presidente do Conselho e um dos mais combativos políticos portugueses. Salientando-se desde os bancos da escola pelas ideias republicanas, a monarquia teve nele o seu mais temível adversário. A sua passagem no Parlamento durante o período da propaganda republicana ficou memorável. Enérgico, inteligente e ousado, não vacilava nunca, fôsse qual fôsse o obstáculo a derrubar. A sua argumentação tolhia a acção dos seus contrários e, a tal ponto, que chegaram alguns dêles a considerá-lo um parlamentar da têmpera de Jaurés. Proclamada a República, triunfou, como seria de calcular, até que as lutas mesquinhas de partidos originaram o descalabro que o levaram ao exílio voluntário. Decorreram os anos e os ódios foram amortecendo. Hoje, que a morte ceifou o grande paladino da República, fica-nos a recordação de que foi um grande português com um lugar marcado na História.

O seu cadáver, depois de embalsamado, ficou depositado no cemitério de Aubervilliers, aguardando a sua condução para Portugal.

Aspecto do banquete de homenagem oferecido pela Associação Comercial de Lisboa à Câmara Portuguesa de Comércio do Rio de Janeiro na pessoa do seu presidente, prof. Vitorino Moreira. Aos brindes usaram da palavra os srs. Roque da Fonseca, José Maria Alvares, D. Alberto Bramão, dr. Fernando de Oliveira, Alfredo Ferreira, Alvaro de Lacerda, prof. Vitorino Moreira, dr. Pereira de Sousa, e, por fim, encerrando com chave de oiro, o sr. Embaixador do Brasil

O sr. general Domingos de Oliveira, com as entidades que lhe foram apresentar cumprimentos de despedida a bordo do «Arandora Star» no momento de partir para Londres, afim de representar Portugal nas festas da coroação do Rei de Inglaterra. À largada do paquete, que levava içada a bandeira portuguesa em homenagem ao representante do nosso País, a orquestra de bordo executou os hinos de Portugal e de Inglaterra, tendo êste sido cantado em côro pelos tripulantes e passageiros britânicos

O livro *Os amores de Wenceslau de Morais*, que os nossos prezados camaradas Angelo Pereira e Oldemiro Cesar acabam de publicar, constitui um verdadeiro mimo para os inúmeros admiradores do excelso escritor do *Dai-Nippon*. Nesse volume encantador, ilustrado com 28 gravuras fora de texto e 12 vinhetas de escolhidos artistas japoneses, passa a vida amorosa de Wenceslau de Morais que vale a pena conhecer. Desde a Maria Isabel à Laurinha do Passeio Público, desde a chinesa Atchon às japonesas ÓYoné e Ko-Haru que foram a grande paixão do grande escritor português, o livro de Angelo Pereira e Oldemiro Cesar tudo apresenta com inteira verdade apoiada em larga documentação inédita. Esta homenagem a Wenceslau de Morais tornava-se necessária em Portugal quando o Japão lhe está enaltecendo a saüdosa memória

O ilustre escultor Diogo de Macedo reüniu num elegante volume algumas das suas crónicas evocativas da última romagem que fez através da nação vizinha e deu-lhe por título *Espanha de ontem*. Não se trata da guerra civil com todos os seus horrores. É o trabalho magistral dum grande artista que vibra e sente—e sabe escrever. Valha-nos isto neste momento em que ha tanta falta de verdadeiros artistas

O prof. Dr. Mendal Diesendruck realizou, a convite do «Grupo dos amigos da Palestina», no «Hehaber» uma notável conferência sôbre «O Judaísmo e a música» que constituiu uma brilhante lição. O sábio, apoiando o artista, foi-o seguindo através das regiões harmoniosas em que perdura a mais inabalável fé que surgiu no Mundo. Por isso a selecta assistência o aplaudiu com todo o entusiasmo que se calcula

GIL VICENTE

E A SUA OBRA

Estátua de Gil Vicente

Em boa hora tomou a Academia das Ciências a patriótica iniciativa de comemorar, por meio duma série de conferências, a notabilíssima figura de Gil Vicente, verdadeiro poeta na mais elevada acepção da palavra, e com tôda a justiça considerado como o fundador do Teatro Português.

Quatro séculos depois da morte de Gil Vicente, tão ignorado ou incompreendido das gerações passadas e das presentes, tardia é a homenagem que a Pátria lhe presta, mas... "vale mais tarde que nunca».

Triste e forçoso é reconhecer que tais conferências, apesar de realizadas por pessoas ilustres e das mais doutas, só são entendidas por um reduzidíssimo escol.

Como se explica, então, que os nossos intelectuais não se irmanem com a alma de Gil Vicente, que é, afinal, a alma da Nação?

A razão é simples, mas patente. É que chegados à sua adolescência mental, apesar da árdua tarefa dos seus professores, a grande maioria dos estudantes da Instrução Secundária fecham obstinadamente os olhos, os ouvidos e o coração às belezas da literatura, da arte e do pensamento, que se lhes pretende incutir.

¿Como é que se pode amar o que se não entende?

¿E como é que se pode entender o que se não estudou com interêsse e atenção?

O mal é de raiz. Eis a razão por que tantas pessoas cultas e inteligentes, ou assim reputadas, fazem muitas vezes a triste figura do contrário.

Se todos os vicentistas, em vez de compulsar aqui ou além esta ou aquela passagem, tivessem lido a obra completa, confrontando atentamente as palavras e os dizeres do autor, verificariam que Gil Vicente os elucidava bastante para evitar as controvérsias inúteis e, por vezes, ridículas que se têm travado, e para tornar bem claras as passagens até agora consideradas obscuras, ou mal interpretadas, ou cuja interpretação cautelosamente se evita.

Volvamos ao poeta.

Os homens valem pelas suas obras. Os homens passam, e passam bem depressa. As obras, quando uma má sorte as não fez perder, essas ficarão para sempre na memória da posteridade, enquanto o Mundo fôr Mundo.

É, portanto, através da obra que se deve apreciar o autor, e é sob êsse aspecto que eu vou fazer algumas considerações, abstraindo por completo da vida particular de Gil Vicente, por sinal bem pouco conhecida, e que não me interessa nimiamente.

De todos os escritores quinhentistas, é, sem dúvida, Gil Vicente aquêle que com maior exuberância nos transmite a linguagem popular do seu tempo e que melhor penetra e desvenda o fundo da alma portuguesa.

Ele faz perpassar, num kaleidoscópio cheio de côres, de movimento e de beleza natural, perante a nossa vista deslumbrada e a nossa alma suspensa de encanto, as multíplices figuras dos seus autos: Deus, a Virgem e o menino Jesus, os Anjos, Arcanjos e Serafins, Lúcifer, Satanás e outros Diabos tentadores; vêm depois os Reis e outros grandes Fidalgos, aureolados de majestade ou prepotentes e tiranos, as belas Damas da Côrte, discretas e avisadas, as camponesas, pastoras e serranas com todo o encanto e graça que Deus lhe deu, e também as donzelas estouvadas e fantasiosas que se deitam a perder; os pastores com a sua bem-aventurada ignorância, mas de boa alma e de bons instintos; os lavradores, por quem Gil Vicente mostra especial simpatia; os velhos enamorados e as velhas praguentas, os frades e clérigos devassos, os juizes corruptos, os escudeiros impostores e covardes, os judeus, a quem o autor detesta, as alcovetas e regateiras, os físicos, as feiticeiras, os vilãos, os negros ladrões e manhosos, os mouros, as ciganas e os parvos.

Eis os personagens dominantes dos autos de Gil Vicente.

Inteligente, instruído, dotado dum raro poder de observação, encarna-se nos seus personagens, empregando palavras e maneiras de dizer exclusivamente próprias das classes a que pertencem. Assim, encontram-se no autor diferentes linguagens: a da Virgem, dos Anjos e das Virtudes personificadas, linguagem cheia de nobreza e de elevação moral; a dos pastores lavradores e regateiras; a linguagem infantil; a dos físicos letrados e doutores, a linguagem desconexa e desassizada dos parvos, sem falar no português estropiado dos negros, dos mouros e das ciganas.

Exemplo:

Diálogo entre a regateira Marta Gil, o Diabo e um Anjo *(Auto da Barca do Purgatório)*. Matinas do Natal de 1518.

M. — *Hui! que ribeiros são estes?*
D. — *Venhais embora, Marta Gil!*
M. — *E donde me conhecestes?*
D. — *Folgo eu bem porque viestes*
Ufana e dando ao quadril!
M. — *Vêdes outro perrexil?*
E marinheiro sondes vós?
Ora assim me salve Diós
E me livre do Brazil,
Que estais sutil.
Em que eu seja lavradora,
Bem vos hei-de responder.
D. — *Não vos agasteis vós ora,*
Que, ou lavradora, ou pastora,
Aqui vos hei-de meter.
M. — *Hui mana! E quem no deu?*
Ide beber,
Que bem vos conheço eu.
D. — *E eu tambem vos vi nascer*
E vi fateixas fazer,
Que o que trazeis é meu
E ha-de ser.
M. — *E que coisas são fateixas?*
Fateixado te veja eu!
D. — *Os feitos que feitos leixas*
E o povo cheio de queixas.
M. — *Cal-te! almário de judeu!*
D. — *Não sabes tu que viveste*
Lavradora e regateira?
M. — *Ora comêde la que vos preste,*
Hui! e que gaio é ora este
De ribeira?

Sabedes vós, João Corujo?
Todos fazem seu proveito.
Olhade o Frei Caramujo,
Bargante que não tem cujo!
Quanto agora é o feito feito.
Não sabes tu que o respeito
Do mundo é em ganhar?
E sôbre isso é seu proveito
Ou a tôrto ou de direito
Apanhar.

Fui em tempo de cobiça,
Cada tempo sua usança.
Se eu morrera de preguiça,
Tiveras muita justiça
E eu pequena esperança
Vendia minha lavrança,
Um ôvo por dois reais,
Um cabrito, se se alcança,
Té quatro vintens, não mais!
Tendes vós isto em lembrança?

Um frângão por um vintem,
E uma galinha sessenta,
E acerta-se tambem
Que às vezes vem alguem
Que as leva por setenta
D. — *E p'ra que era água no leite*
Que deitavas, ioramá?
M. — *Mas azeite!*
Ind' hoje o êle dirá!
Vistes ora o diabreite?

Ó diabo, visses tu,
Bòfé asinha o eu direi!
Como é palreiro, Jesu!

Mofina Mendes (estatueta de Manuel Gustavo Bordalo Pinheiro

Fôra êste cucurucu
Bom secretário de El-Rei.
Amanhade-lhe o atafal,
Nadar patas, patarrinhas...
Corregede-lhe o enxoval:
Onças de raiva mortal
Nas badarrinhas!

D. — *Valha-te a ti, Marta amiga,*
Que estamos enfeitiçados...
M. — *Embarcade lá esta figa!*
D. — *Passará esta fadiga,*
Seremos desembargados...

M. (aos Anjos)

Anjos bem-aventurados,
Meterei o canistrel?...
Que trago os testos britados...
Carregam êstes pecados,
Que fazem lançar o fel
A bocados!

A. — *E p'ra que eram êles cá?*
M. — *Para o demo! E que sei eu?*
A. — *Ora pois: embarca lá.*
M. — *Melhor creio eu que será*
Jesu, Jesu, benzo-me eu!
Ó bento Bertolameu,
E vós, virgem do Rosairo,
Polo filho que Deus vos deu
Esta noite, vosso e seu,
Haja repairo!

Bem sabedes vós, Senhora,
Que venho eu manifestada
E fui vossa lavradora...
Em que pecasse algum'hora
Venha a piedosa alçada!
Esta é a noite que paristes,
Benta a hora em que nascestes,
Esqueçam meus males tristes
Polo menino que vestistes
E envolvestes!...

Anjos, ajudade-me ora,
Que vos veja eu bem casados!
Não me deixedes de fora
Por aquela santa hora
Em que todos fôstes criados
A. — *Não é tempo cá de orar,*
Quanto para merecer.
M. — *Manos, eu quero provar*
Que em todo o tempo ha lugar
O que Deus quer.

E este serão glorioso
Não é de justiça, não!
Mas todo mui piedoso,
Em que nasceu o espôso
Da humanal gèração,
E a barca de Satão
Não passa hoje ninguem
E por força hei-de ir alem,
Só pena de excomunhão
Que posta tem.

A. — *Grande coisa é oração!...*
Purga ao longo da ribeira,
Segura de danação:
Terás angústia e paixão
E tormento em gran maneira,
Isto até que o Senhor queira
Que te passemos o rio.
Será tua dôr lastimeira
Como ardendo em gran brazio
De fogueira.

M. — *Ó esperança! Esperança!...*
A mais certa pena minha
Com toda esta segurança,
Tu és a mesma tardança
Em figura de mèsinha!
Ó quem tal arrepender,
Tal maneira de penar
Lá soubesse no viver!...
Ó quem tornasse a nascer
Por não pecar!...

O cunho intensamente lírico que Gil Vicente soube imprimir às suas trovas, cantigas e vilancetes, (ora em português, ora em espanhol), em que se nota também por vezes uma certa ironia filosófica, bem merece ser aqui especialmente apontado.

Algumas são incontestàvelmente da sua autoria. Seriam outras recolhidas da tradição popular, e, como tais, inseridas nas suas obras, e por Gil Vicente desenvolvidas.

Dámaso Alonso publicou há três anos em Madrid trinta poesias de Gil Vicente, tôdas em castelhano, dispersas por diferentes autos do mesmo, e a seu respeito escreve as seguintes palavras tanto mais valiosas e insuspeitas quanto é certo partirem dum estrangeiro, e que peço licença para reproduzir em português:

"...O certo é que destas poesias (as 30 a que me acabo de referir) as que se ajustam à maneira de trovar dos poetas cortesãos do século XV e princípios do século XVII *(Consuelo, vete con Dios)* revelam uma emoção, um sentido lírico,

OBRAS DE DEVAC, AM. 71.

Belial. Lucifer. Satanes.

HO auto que se segue he intitulado breue summario da hiſtoria de Deos. Foy repreſentado ao muyto alto, & muyto poderoſo Rey dom Ioam o Terceyro deſte nome em Portugal, & a ſereniſſima & muyto eſclarecida Raynha Dona Catherina em Almeyrim. No anno do Senhor de: 1527.

¶ Entra hum Anjo, & a modo de argumento diz o ſeguinte introito.

K iij. Anjo

Breve Sumário da Historia de Deus, de Gil Vicente

ausente por exemplo nas insulsezas do Cancioneiro de Rezende, sentimento de que só era capaz o genial autor do *D. Duardos*.

"E, pelo que respeita às de inspiração popular, coplas paralelísticas, encadeadas, etc., tôda a alma dramática de Gil Vicente prova que êste era um dêsses casos portentosos de expressão racial em que o poeta se apodera do sentido do popular e, enamorado do popular, o colecciona e também o cria, naturalmente, sem nada de *pastiche*.

"Há, pois, que pensar em que, se algumas destas poesias são indubitàvelmente populares, recolhidas por Gil Vicente e metidas dentro da sua obra, outras bem podem ser criação sua original; suas serão, pelo menos em muitos casos, as *voltas* ou desenvolvimento dos vilancicos, etc. Dum modo ou doutro, o delicado gôsto do poeta ou as criou, ou as salvou do esquecimento, e bem merecem o nome de *Poesias de Gil Vicente*.

"Esta questão carece de importância. O que a tem e enorme é assinalar o valor desta colecção lírica que apresento aqui. Menendez y Pelayo, num dos seus geniais ensaios críticos, indicou já a valia de Gil Vicente como poeta lírico (ainda que sem ter chegado a compreender a altíssima significação que tem como dramaturgo). Apesar dêste acêrto do nosso grande crítico, o público não tem prestado a Gil Vicente a atenção que merece.

"Quero assentar aqui uma opinião (compartilhada seguramente por alguns dos meus contemporâneos): Gil Vicente, apesar dos seus leves lusismos, é um dos maiores e mais ricos poetas líricos da língua castelhana. Cheio de melancolia portuguesa *(Consuelo vete con Dios), Pues ves la vida que sigo, no pierdas tiempo comigo)* cheio de ternura, de delicadeza *(Ro, ro, ro, nuestro Dios y Redemptor, no lloreis que dais dolor a la Virgen que os parió! Ro, ro, ro)*, sabe estalar em hinos jubilosos *(A la fiesta!, A la fiesta! que las bodas son aqui)*, tem provàvelmente um sentido mais intenso da natureza que nenhum poeta do seu tempo *(En la huerta nace la rosa, quierome, ir allá por mirar al ruiseñor cómo cantaba)*, acha tesouros de graça na simpleza dos rústicos *(Cuitado, quién m'ahora ca mi sayo!)* conhece a intacta beleza dos rítmos populares *(Del rosal vengo, mi madre, vengo del rosale)*, divinamente expressa o divino *(Mui graciosa es la doncella, ¡cómo es bella y hermoçá!)*. E estas qualidades realçam-se e comprovam-se a cada passo dentro das suas obras dramáticas.

"Não. Para comparar a Gil Vicente a alguém dentro do século XVI, só o podemos comparar com Garcilazo, Fray Luis de Léon e San Juan de la Cruz.

"E a todos êles os vence em variedade. E a quási todos em intensidade, nas cercanias do mistério intangível do poético. Renascentista, embora ainda no mesmo umbral do nosso Renascimento, oferece-nos uma poesia variada, colorida, humana e divina ao mesmo tempo, fóra e muito longe dos cânones que petrarquismo ou horacionismo iam impor ao

Século de Ouro. Porque êste Shakspeare imaturo tinha aberto os seus olhos, os seus ouvidos e o seu coração a tôdas as possibilidades do complexo mundo; e, assim como o seu teatro é um cosmos em miniatura, assim na sua poesia soube espremer todos os sucos da vida, agridoce vinho de que nunca nos saciaríamos.»

Seguem-se as trovas em castelhano; prefiro citar duas de Gil Vicente, mas escritas em português:

(Auto das Fadas)

(Veem as Fadas marinhas cantando a cantiga seguinte:)

Qual de nós vem mais cansada
Nesta cansada jornada?
Qual de nós vem mais cansada?...

(Respondem as Sereias cantando:)

Nosso mar é fortunoso,
Nosso viver lacrimoso,
E o chegar rigoroso
Ao cabo desta jornada:
Qual de nós vem mais cansada
Nesta cansada jornada?

Nós partimos, caminhando
Com lágrimas, suspirando,
Sem saber como nem quando
Fará fim nossa jornada...
Qual de nós vem mais cansada
Nesta cansada jornada?

Final da farsa do Juiz da Beira

(Saíram-se todos cantando a cantiga seguinte:)

Vamos ver as Sintrãs,
Senhores, à nossa terra,
Que o melhor... está na serra!
As serranas coimbrãs
E as da Serra da Estrela,
Por mais que ninguem se vela,
Valem mais que as cidadãs.
São pastoras tão louçãs,
Que a todos fazem guerra
Bem desde o cume da serra!

Gil Vicente teve em vida bastantes detractores, e, depois de morto, numerosos críticos, que muitas vezes àqueles se assemelham: acusam-no, entre várias coisas, do emprêgo de termos desbragados, indecentes e imundos; de ter deixado na obscuridade os herois do mar, de meter a ridículo os médicos (*físicos* se chamavam então), os juizes e as classes mais respeitáveis da burguesia, de ser ignorante em humanidades, especialmente em línguas vivas e, quanto ao latim, de não saber mais que o latim de igreja, e mesmo êsse estropiado. Que não passava dum farsante, *de cultura còmezinha*, ocupado em distraír o Paço e fazer gargalhar o público com as suas facécias histriónicas. Acusam-no, finalmente, de ter atacado a religião católica e tanto que algumas das suas obras, entre elas o *Jubileu de Amores*, *A aderência do Paço* e a *Vida do Paço*, infelizmente perdidos para sempre, foram em 1551 incluidos no *Rol dos livros defesos*.

"Livro meu, que esperas tu? Porém te rogo que, quando o ignorante malicioso te reprender, que lhe digas: Se meu mestre aqui estivera, tu calaras.»

A primeira condição duma crítica séria e imparcial é encarar o criticado à luz do seu tempo, enquadrá-lo na sua época e ponderar bem os usos e costumes, as verdades e os êrros, os preconceitos e as convenções do meio em que viveu. É o que geralmente se não faz.

Refutarei em breves palavras tais acusações.

Quanto à suposta pornografia vicentina, não vale a pena deter-me: leiam os Cancioneiros, desde o da Biblioteca Vaticana até ao de Garcia de Rèzende, e encontrarão lá palavrões e cenas muito mais chocantes do que as do pobre Gil Vicente: perdoem-lhe, pois, o *Pranto de Maria Parda*, as trovas *ao Lopes Sapaio*, alguns passos da *Inez Pereira*, da *Barca do Inferno*, do *Triunfo do Inverno*, etc. Chamar às coisas pelo seu nome vulgar, descrever os factos com o seu duro realismo era quási indispensável elemento da comédia: os nossos antepassados achavam-lhe chiste e as donas e donzelas ficavam imperturbáveis, tal qual como ficam as de hoje, quando no teatro ou no cinema veem e ouvem coisas muito piôres, embora veladas pela máscara artística da actualidade.

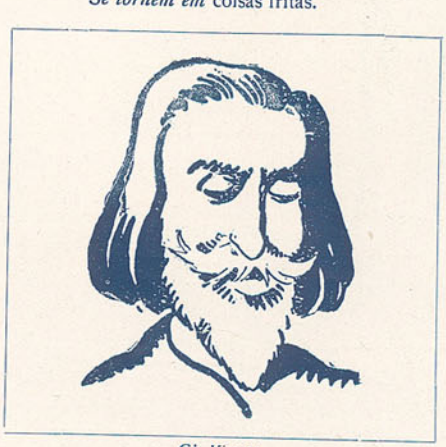
Segundo ponto: os herois do mar, como os herois da terra, não foram esquecidos por Gil Vicente, mas exactamente porque são herois, não ocupam lugar dominante nas obras do autor, que não é um épico, como Camões, mas sim, como se diz hoje, um comediógrafo, e, nessa qualidade, ao referir-se aos físicos, não é a medicina que êle pretende atacar, mas sim a charlatanice ou a ignorância profissional; o mesmo direi da Justiça: a velha corcovada, com sua vara quebrada que diz:

A Justiça sou chamada,
Andо muito corcovada,
A vara tenho torcida
E a balança quebrada...
E, pois de novo nos vem
Rainha de tanto honor,
Renovai-me muito bem,
Que cada vez vou piór.
.....
Fazei-me estas mãos menores,
Que não possam apanhar,
E que não possa escutar
Êsses rogos de senhores
Que me fazem entortar...

(Frágua de Amor)

(Agora fala a Verdade a respeito dum juiz, e diz assim a Verdade:)

Se tu diante lhe deitas
Duas duzias de perdizes
E outras semelhantes peitas,
Farás que as varas direitas
Se tornem em coisas fritas.



Gil Vicente

LIVRO SEGVNDO

Philosopho. Paruo. Vétura pelegrina. Principe

COmédia chamada Floresta de enganos. Foy repreſentada ao muyto alto & poderoſo Rey dom Ioam terceyro deſte nome, na ſua cidade de Euora. Erad Senhor de M.D.XXXVI. Annos.

Figuras della.

¶ Hum Philoſopho com hum paruo arado ao pee. hum Mercador, hum homem em trajos de uilaa, cõ hũa mocinha, Cupido, Apollo, Rey Tebano, Gri Celia, Princeſa, doutor, juſtiça mayor, hũa velha, hu Duque pelegrino, hum Principe, a ventura pelegrina, com outros tres pelegrinos.

Rosto da Floresta de enganos, *de Gil Vicente*

Porque é tanta a cobiça
Nos que agora tem mando,
Que em al não andam cuidando,
E a coitada da Justiça
Anda da sorte que eu ando!

(isto é: nú em pêlo)

(Auto da Fes'a)

Não é a Justiça que êle ataca, mas sim os juizes corruptos. Atacando, não fez mais que defender com raro desassombro tão nobres classes e instituïções.

Quanto ao latim, humanidades, etc. *(terceiro ponto)* quási que não vale a pena refutar. ¿O autor do *Auto da Cananeia* e da *Paráfrase do Salmo 50 de David* não sabia então latim? Eu, que, por mal dos meus pecados, sou professor efectivo de latim há trinta e tantos anos, protesto contra tal afirmação. E, mesmo que o não soubesse, não teria quem o auxiliasse e esclarecesse, mesmo talvez sem saír de sua casa: a sua própria filha, por exemplo, que se sabe ter sido muito versada, não só no latim, mas em outras letras, nas ciências e nas belas artes? Estropiou muitas vezes o latim, mas propositadamente, para despertar hilaridade, ao que muito se presta o latim macarrónico: "Rapinastis coelhorum et pernis perdigotorum». *(Auto da Barca do Inferno).*

Lembra-me êste passo aquele outro, não menos engraçado de Castilho, na sua beja tradução do *Tartufo*, quando êste, finalmente desmascarado, começa com a sua hipócrita unção a invocar o *sancta-sanctorum*, e o dono da casa, indignado, lhe replica: *oculo ruorum*, em vez de dizer: "Já para o ôlho da rua!»

Quarto ponto: Gil Vicente, homem de superior inteligência, não era um mandarete dos Reis de Portugal, nem tinha por único fito divertir a Côrte e o povo com a representação dos seus autos. Quem os ler com atenção e imparcialidade, deverá reconhecer que êles obedeciam a *um princípio* e tinham *uma finalidade:* o de corrigir os costumes, até mesmo os autos que têm um desfe-

cho imoral, como o da *Farsa da Inez Pereira*. Aproveitar-se-iam os Reis D. Manuel I e D. João III, principalmente da veia comica do poeta para fazerem a sua politica interna? É mais que provável.

O certo é que, se assim foi, o não retribuiam condignamente. Ele proprio o declara em 1523: "Um Gil, um Gil, um Gil, um que não tem nem ceitil, que faz os aitos a El-Rei».

Quinto e último ponto: Que era heterodoxo. ¿Como se pode fazer tal suposição a respeito do autor do divino *Auto da Alma*, em que a Santa Madre Igreja é quem reconforta com seus manjares a alma já cansada da luta, mas enfim liberta das garras do Diabo tentador? Êle, que através de tôda a sua obra se mostra tão fiel católico?

Seria por ter combatido os desregramentos do clero e até os do próprio Papado, principalmente no *Auto da Feira* e talvez ainda mais no desconhecido *Jubileu de Amores*, que tantos engulhos causou ao núncio Aleandro? Talvez.

Mas, a êste respeito, direi o mesmo que já disse a respeito da Medicina, da Justiça, etc. Gil Vicente era um homem extremamente sincero e dum raro desassombro: homens destes sofrem sempre as duras conseqüências da sua sinceridade...

O facto de apontar os êrros ou os vícios eclesiásticos não quere dizer que Gil Vicente se afastasse da Igreja Católica, antes exprime, a meu vêr, o seu anseio de que ela seja respeitada, como deve.

Nem doutra forma se compreenderia a protecção do Rei Piedoso, que lhe ordenou que imprimisse as suas obras, como se vê da Epístola dedicatória que o autor dirigiu a D. João III em data desconhecida, provavelmente em 1536 que foi quando se representou em Évora a comédia chamada *Floresta de Enganos*, "a derradeira que fez Gil Vicente em seus dias».

A morte surpreendeu-o no ano seguinte; D. João III sobreviveu ainda vinte anos a Gil Vicente, pois veio a morrer em 1557. É só em 1562 que Luís Vicente imprime as obras de seu pai, as quais dedica a D. Sebastião, que contava apenas oito anos de idade, terminando o prólogo que lhe dirige com as palavras seguintes:

"E, ainda que as obras de meu pai não tenham tamanho merecimento como tiveram as de outros poetas antigos e modernos, tão celebradas em todo o mundo, todavia, ainda que as dêste Livro fiquem muito abaixo destas, por serem coisas algumas delas feitas por serviço de Deus, e todas em serviço de vossos Avós, e de que Eles muito gostaram, era razão que se imprimissem. E, porque sei que já agora nessa tenra idade de V. A. gosta muito delas e as lê e folga de ouvir representadas, tomei a minhas costas o trabalho de as apurar e fazer imprimir sem outro interêsse senão servir V. A. como lh'as dirigir e cumprir com esta obrigação de filho.

"E, porque sua tenção era que se imprimissem suas obras, escreveu por sua mão e ajuntou em um livro muito grande parte delas e ajuntara todas, se a morte o não consumira.

"A êste livro ajuntei as mais obras que faltavam e de que pude ter notícia; e, porque o prólogo que adiantei vai dirigido a El-Rei, vosso Avô, que haja glória, não houve efeito, êsse com o livro todo ofereço a V. A., a quem Nosso Senhor acrescente e prospere a vida e estado por muitos anos».

Prólogo em que o autor dirigia esta cópia de suas obras ao muito alto e excelso Príncipe, El-Rei D. João, o terceiro deste nome em Portugal.

"Os livros das obras que escritas vi, Sereníssimo Senhor, assim em metro como em prosa, são tão florecidas de cientes matérias, de graciosas invenções, de dôces eloqüências e elegâncias, que, temendo a pobreza de meu engenho, porque nasceu e vive sem possuir nenhuma destas, determinava deixar minhas misérrimas obras por imprimir, porque os antigos e modernos não deixaram coisa boa por dizer, nem invenção linda por achar, nem graça por descobrir. Assim que, para passar seguro da pena que minha ignorância padecer não escusa, me fôra formosa guarida não dizer senão o que êles disseram, ainda que eu ficasse como éco nos vales que fala o que dizem, sem saber o que diz.

.....

"Outrossim querendo navegar pela rota do seu exórdio dêles, pedindo a V. A. favor e amparo, para que minha enferma escritura não seja ferida de línguas danosas, parece-me injusta oração pedir tão alto esteio para tão baixo edifício, quanto mais que, ainda que digno, fôra de tão nobre amparo, tenho considerado que Cristo, filho de Deus, sob o amparo de poderio eternal do Padre e todos os seus bem-aventurados santos não passaram por esta vida tão livres, que dos malditos detractores não fôssem julgadas suas divinas obras por humanas leviandades, sua santa doutrina por máxima ignorância, sua manifesta bondade por falsa malícia, sua santíssima graça por subrèptício engano, sua excelsa abstinência por vil hipocrisia, sua celeste pobreza por terreno vício.

"Pois, rústico peregrino, de mim, que espero eu? Livro meu, que esperas tu? Porém te rogo que, quando o ignorante malicioso te repreender, que lhe digas: Se meu mestre aqui estivera, tu calaras. Finalmente que, por escusar estas batalhas e por outros respeitos, estava sem propósito de imprimir minhas obras, se V. A mo não mandara, não por serem dignas de tão esclarecida lembrança, mas V. A. haveria respeito a serem muitas delas a devoção e a serviço de Deus enderessados, e não quiz que se perdessem, como quer que coisa virtuosa, por pequena que seja, não lhe fica por fazer: por cujo serviço trabalhei a compilação delas com muita pena de minha velhice e glória de minha vontade, que foi sempre mais desejosa de servir a V. A. que cubiçosa de outro nenhum descanso.

"Livro meu, que esperas tu?»

Espero que um dia há-de chegar em que te façam justiça, Gil Vicente, quando mais não seja, ao fim de quatro séculos depois da tua morte. Espero que virá um dia, em que a Nação Portuguesa, pesarosa do ostracismo a que fôste votado, te restitúa triunfantemente à Pátria, e chegue finalmente a compreender-te, a admirar-te, como bem mereces, saciando-se neste teu livro, como em manancial perene e vivificante, e nêle encontrando alentos para, em tôdas as emergências da vida, manter acima de tudo a nossa velha e sempre nova Pátria — o glorioso, o imorredouro Portugal.

Campos de Andrada.

Rosto da 1.ª edição das obras de Gil Vicente

A rainha Vitória, o príncipe consorte e os seus filhos

A RAINHA VITÓRIA

Imperatriz das Índias

ERA dia de Natal no palácio de Windsor. Alberto de Saxe Coburgo Gota, era o pai dos filhos rainha da Grã-Bretanha e seu conselheiro.

A duquesa de Kent, mãi da rainha, era agora uma figura esbatida nas sombras do passado e a formidável mestra alemã tinha regressado ao seu país. O tio Leopoldo, fiel a um hábito de uma vida inteira, escrevia-lhe sempre, mas os seus conselhos já não eram escutados com tanto rigor como anteriormente, porque ela tinha agora a quem apelar, quando necessitasse de amparo e de bom conselho. O principe Alberto mantinha-se sempre a seu lado.

As secretarias em que cada um escrevia estavam a par uma da outra; a sua presença, quando ela tinha de discutir com os políticos dava-lhe coragem e livrava-a do pavor, que aquêles homens lhe produziam.

Quando a correspondência era difícil de responder, êle preparava-lhe um esbôço com facilidade e, assim, como o seu encanto pessoal tinha conquistado o amor da esposa, assim o auxílio, que encontrava nele, tinha atraído a gratidão da rainha. Era êle o pai dos seus filhos, mas tambem era um pai para a Nação.

Desde aquele dia em que subira ao trono, havia sentido a necessidade de um amparo moral. É verdade, tambem, que apreciava quando, como rainha, galopava pelo parque ao lado dos seus dignitarios, ou quando passava as suas tropas em revista e sentia como se estivesse à frente dessas tropas em ar de guerra, para as mandar avançar contra os seus inimigos, tal como um homem valente, e não como fraca mulher. Eram momentos em que todos os olhares se concentravam nela, e era-lhe agradável ser admirada pelo seu povo, e talvez amada.

Era terrivel, ao contrário desses momentos, a hora em que Lord Melbourne lhe trazia uma enorme pasta carregada de documentos, que era necessário despachar. Êle porém, explicava-lhe tudo com muita clareza e paciência, mas Lord Melbourne poderia desaparecer e ser substituido por um estranho, como já quási sucedera quando houvera na Câmara uma votação contra êle, e de novo a solidão dos monarcas a ameaçava.

Essa solidão felizmente terminára no dia do seu consórcio — dia em que ela inscrevera no seu diário: "Eu e Alberto a sós" — e desde êsse dia, a sua solidão era uma solidão a duo. Tinha agora a quem se apoiar.

A Espanha estava, nesse tempo, flagelada pela guerra civil. A Inglaterra, França e Portugal eram a favor de Maria Cristina de Bourbon que regia o país em nome de sua filha Isabel II. Pode avaliar-se o tacto que seria necessário desenvolver para não comprometer, nem prejudicar uma nação que tinha que perder.

A necessidade obrigára o consorte a transformar os seus hábitos de músico e sabio amador, em um colaborador valioso da rainha. Os fósseis e machados da Idade Média, assim como as suaves melodias de Mendelssohn ao orgão, ao luar, foram postas de lado, e Alberto entregou-se ao estudo da sua nova profissão, com ardor.

Ás vezes falava de política internacional com Lord Melbourne, mas o ministro não lhe dava ouvidos. Julgava-se único conselheiro legal da esposa: único intermediário entre a rainha e os seus ministros; secretário particular da soberana e seu ministro permanente.

Esta missão, que êle se tinha atribuido a si próprio não era do agrado dos ministros que entendiam que as leis constitucionais eram bem claras a respeito das entidades com quem a rainha se podia aconselhar.

O povo tambem preferia que ela não se mostrasse em público, sempre acompanhada do marido. Para o povo êle era apenas o marido da rainha e afigurava-se ao povo que ela dava mostras de pouco tacto, deixando o marido intervir em todos os actos oficiais e ás vezes êsse povo desrespeitoso, até chamava "Albertina" á sua rainha.

Veio, por fim, aquêle dia. Era uma linda terça feira do mês de Julho de 1897 e Londres abarrotava de gente; não cabia lá mais ninguem.

Mal se reconheciam as fachadas dos edifícios, escondidas atrás das tribunas, escadarias, estrados e outras construções de madeira e provisórias, onde o público se aglomerava e apertava até ao excesso. Por toda a parte havia arcos de triunfo; alegorias desenhadas nas iluminações a gás; o monograma da rainha brilhava em jactos de luz electrica com profusão. Era o belo em delírio nas ornamentações; os capiteis coríntios, reluzentes de oiro sustentavam globos tambem doirados que simbolizavam o Império, porque o Reino Unido tinha sofrido uma grande modificação na sua política.

Ia longe o tempo em que um ministro inglês podia dizer: os canadienses que se defendam a si próprios; retiremos de Africa as nossas tropas; abandonemos Africa ocidental e oriental e teremos realizado economias, que nos hão de permitir a construção de barcos de guerra e o equilíbrio do orçamento.

A rainha tinha sido proclamada Imperatriz da Índia e, naquêle dia memorável, celebrava-se o seu jubileu de diamantes.

No seu *landau*, protegida do sol pela sua sombrinha de rendas brancas contemplava uns homens negros como o carvão, cobertos com enormes chapeus de palha; homens trigueiros de grandes turbantes brancos; indigenas da ilha de Chipre, de fez na cabeça; outros de Bornéo, de malares proeminentes, chinezes de Hong Kong e ainda muitos outros.

Era o espectro variegado do Império, que atravessava as ruas de Londres, em homenagem a uma rainha idosa, sorridente e cansada, que comprimentava abaixando a cabeça toucada de um chapeu de fitas á cara, enfeitado com as tradicionais plumas brancas de avestruz.

Antes de saír para aquela esplêndida procissão, a rainha tinha orado à beira da sepultura do esposo, falecido em 1861, que deixára no seu coração um vácuo, que nunca fôra preenchido.

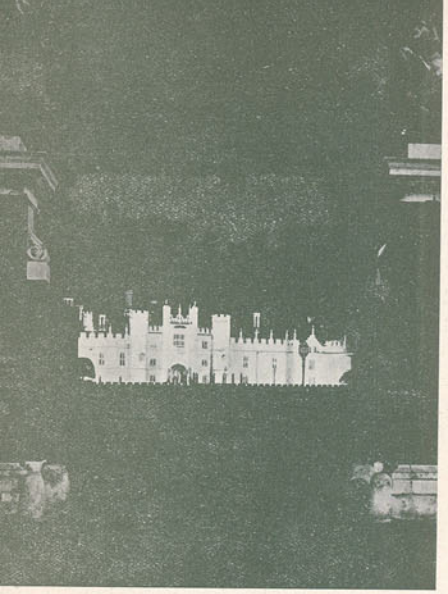
Vitória tinha sido rainha do Reino Unido e do vasto império britânico, durante sessenta e quatro anos e o Príncipe de Gales, Alberto Eduardo, subia ao trono em 1901.

Foi surpreza quando declarou que tomaria o nome de Eduardo, ao contrário do que seria agradável a sua mãe, que desejaria ver o nome do esposo prolongado. Eduardo VII, porém, insistiu em que esta circunstância não implicava falta de admiração por seu defunto pai que, de consenso comum, ficára conhecido na história por Alberto, o Bom.

Ia começar uma nova era na política britânica.

Eduardo VII, ia aproximar a sua ilha do território continental, da Europa, cimentando a *Entente Cordiale* e, assim, êle preparou o ambiênte que havia de correr em auxílio da França em 1914.

Adolfo Benarús.



O paláclo de Hampton-Court

LONDRES Á VISTA

COMO SURGIU O HAMPTON-COURT

AS LOUCAS AMBIÇÕES DO CARDIAL WOLSEY

Há oitenta e tantos anos, após uma digressão pela Inglaterra, o escritor francês Wey teve a feliz ideia de reünir as suas impressões num curioso volume que intitulou Les anglais chez eux, *e ficou sendo um modêlo de reportagem imparcialíssima muito difícil de obter nos tempos que vão correndo.*

Um dos interessantes capítulos refere-se ao Hampton-Court, evocando a figura do seu desventurado fundador — o cardial Wolsey que tendo sido, durante anos, o verdadeiro senhor da Inglaterra de Henrique VIII, tão desastroso fim havia de encontrar.

Wolsey conseguiu levar a melhor com o imperador da Alemanha, fazendo a aliança anglo britânica que tanto iria contrariar os vastos planos do imperador germânico, e só porque êle lhe fez tombar a sua mais grata ambição: — ser Papa!

O poder do cardial Wolsey não tinha limites, e fazia curvar os mais altivos representantes da aristocracia inglesa. Mal avisado andou, no entanto, em não saber captar a simpatia de Ana Bolena que sempre combateu com furor torvo e concentrado. Daí a sua desgraça.

Mas deixemos Francis Wey dar-nos uma impressão dêsse sumptuoso Hampton-Court, cuja magnificência havia de afogar o seu audacioso fundador.

PRODUZ a Inglaterra três objectos que se encontram em tôda a parte, mas que, naquela ilha, se tornam notáveis pela sua maravilhosa beleza: as mulheres, as árvores e os cavalos. O caso é que em qualquer sítio onde exista uma raça de cavalos digna de admiração, ali se encontrarão sempre mulheres bonitas. Ignoro a razão disto; mas nem por isso é menos real esta correlação curiosíssima. É na Georgia, através das planícies de Camargo, vizinhas de Arles, onde as mulheres são formosas, que a raça dos fogosos corredores mouriscos se conservam em estado selvático; a Andaluzia produz os mais finos corcéis da península; admira-se no Mecklenburgo a mais pura raça cavalar da Alemanha; e, quando um grupo de amazonas percorre a galope as avenidas dos parques de Londres, a vista deslumbrada, não se pode fixar sem distracção, nem nas amazonas, nem nos cavalos.

Faça uma jóvem parar o seu cavalo debaixo de uma árvore frondosa, e então contemplareis, agrupadas num só quadro, as três maravilhas da Inglaterra.

Os castanheiros, as tílias, os sicómoros, as faias, e principalmente os olmeiros da Avenida de Hampton-Court, fazem lembrar os contos de fadas. Espera-se ver surgir dessa vegetação exuberante um palácio encantado. O aspecto, pelo menos, é encantador. Estamos ali tão bem abrigados por aquelas árvores de extraordinário vigor, de folhagem tão viçosa, tão vasta e de côr tão carregada que por entre elas não só não penetra o sol, mas até a claridade é quási nenhuma. O olmeiro, especialmente, surpreende-nos: é, em geral, tão arredondado que não se reconhece à primeira vista.

Em seguimento à avenida, orlada de ambos os lados por quatro fileiras daquelas árvores gigantescas, encontram-se lindíssimos jardins que deliciam a vista. Deparámos com elevados muros do alto dos quais se precipitam sôbre leitos de verdura verdadeiras cascatas de flores. Entra-se naquele palácio como num reino de *péris*, cuja história começa como um conto do tempo do *Peau d'Ane*, de Perrault.

Era uma vez um rei muito poderoso e temido, cuja vontade era absoluta. O seu coração era de bronze e implacável a sua crueldade. Ofendê-lo ou desagradar-lhe eram crimes punidos com a morte. Desposou muitas mulheres que, apenas lhe desagradavam, eram entregues ao carrasco.

Houve um homem que conseguiu domar um tal tigre, criar para si um poder idêntico, e reinar à sombra do nome do terrível déspota. O príncipe chamava-se Henrique, e o ministro — o cardial Wolsey, nascido de condição ínfima, pois era filho dum carniceiro.

Tendo chegado ao auge do poder, cheio de honrarias e riquezas, alvo de adulações e de temor, quis, um dia, ter uma habitação digna, não de um monarca, mas de uma divindade. E, se dermos créditos aos poetas, realizou o seu intento, visto que no tempo em que o culto estava proscrito por determinação de Henrique VIII, ainda Grotius cantava em Londres a divindade de Wolsey.

Para realizar os seus projectos convocou o cardial-ministro os mais famosos médicos da França, da Inglaterra e da Universidade de Pádua, aos quais ordenou que procurassem num raio de vinte milhas em volta de Londres, um sítio onde o clima fôsse saüdável, o terreno mais fértil, as brisas mais clementes e os invernos menos rigorosos. Eis, pois, os doutores em campo, consultando-se uns aos outros sôbre tão importante assunto. Após aturadas conferências, recaíram os sufrágios da douta comissão no feudo de Hampton, legado em 1211, por lady Grey, à ordem dos Cavaleiros de S. João de Jerusalem. Naquele tempo rendia um tal feudo quarenta libras.

Henrique VIII — por Holbein

Comprou Wolsey, ou antes, segundo o uso do país, arrendou o domínio de Hampton por noventa e nove anos, deixando aos seus herdeiros a faculdade de renovarem o arrendamento. Tal é, ainda hoje, a maneira de adquirir propriedades naquele país de mão morta, onde a *revindicação da linhagem* se exerce perpètuamente. O próprio solo de Londres, por uma convenção implícita e fictícia, pertence, segundo segundo se diz, a umas trinta famílias, e é, sob a protecção desta legislação conservadora da aristocracia, que se tem visto casas, alternadamente arruïnadas e florescentes, entrarem, no fim de um século, na posse dos domínios de seus maiores. É que o contrato pode ser quebrado de dois modos: ou por expirar o prazo, ou pela insolvabilidade dos legatários.

Um tal costume deve ter facilitado consideràvelmente o desenvolvimento do comércio, concentrando nas grandes em prêsas a colocação e circulação dos capitais. Dêle provém também o dédalo inextricável de demandas, a insolubilidade das cousas cíveis, e a sempiterna duração dos pleitos naquele país clássico da chicana.

Vê-se, pois, o palácio de Wolsey: a despeito da unidade e da ciência arquitectural que permitem resumir num edifício único e singular, o todo imponente dum palácio, o arquitecto multiplicou as construções, desenvolveu desmedidamente os corpos de habitação, elevou torrinhas, interceptou os pátios, prodigalizou os ornatos e a escultura, e compôs um amálgama de bonitas construções. Plano caprichoso em que o encanto da diversidade substitui a majestade dos monumentos modernos, inspirados por tradição mais elevada.

Ana Bolena

Wolsey — êsse aventureiro que elevava o sentimento da comodidade e as delicadas voluptuosidades até o limite do génio, êsse homem sem preocupações até então e sem desejos depois — viu-se, repentinamente, no auge do poder, condenado a um desejo irrealizável e a uma preocupação perpétua.

Celebraram-se por tôda a parte os esplendores de Hampton. Comparado com tal maravilha, o Louvre não passava de um pardieiro, Saint James — obra colossal de Henrique VIII — de uma caserna, e o próprio Windsor de um casebre. Da Flandres, da Alemanha, da Holanda, correu muita gente a admirar o Hampton... E a fama de tantas magnificências propagou-se de tal modo que chegou a ofender os ouvidos do rei. Deu êle os parabens ao seu ministro, e, segundo dizem, còrou ao falar-lhe do seu sumptuoso palácio. E, dardejando os envidraçados olhos, o soberano disse:

— Tiveste realmente um grande pensamento edificando para vós um palácio, cujo esplendor obscurece o de tôdas as nossas residências reais...

Assustado com o cumprimento e hábil em ler na alma do seu protector, o favorito respondeu:

— O meu intento era edificar uma habitação digna do mais poderoso rei do Universo. Visto que vossa majestade se digna achar que consegui o que projectava, ser-me-á permitido realizar inteiramente o meu pensamento, oferecendo-vos um palácio que vos era destinado.

Êste presente alimentou a amizade ainda por cinco anos entre o monarca e o favorito, o qual, caíndo em desfavor pela influência de Ana Bolena, para cuja elevação contribuira vergonhosamente, viu os seus bens confiscados, e mais feliz que a sua inimiga, expirou no caminho do cadafalso.

O cardial Wolsey

A TÔRRE DO SILÊNCIO DE BOMBAIM

Os parsis formam uma seita religiosa que conta inúmeros adeptos. Adoram o fogo, e a sua doutrina data do tempo de Zoroastro, ou seja de uns três mil anos antes de Cristo. Têm costumes curiosos a que são muito apegados, apesar de possuirem uma cultura intelectual bastante elevada. São de carácter dócil, industriosos, sóbrios e amigos do trabalho, manifestando extraordinárias aptidões para o estudo das línguas, para a indústria e para quasi todos os ramos de comércio. Aqueles que exercem as mais humildes posições, possúem, ainda assim, uma boa instrução, e, se as circunstâncias os favorecem, chegam a alcançar abastadas posições.

Pelo exposto, vê-se que os parsis constituem uma raça forte, inteligente e de espírito tolerante, admiravelmente preparado para as futuras evoluções da civilização. A sua religião parte do princípio que os elementos são símbolos da divindade, e pretendem que a Terra, a Água e o Fogo nunca devem ser postos em contacto com a carne putrefacta.

Disto provém um dos seus hábitos mais singulares, que consiste em deixar que os cadáveres se corrompam ao ar livre. Para legitimar êste uso declaram que tendo nascido em completo estado de nudez, devem deixá-los também assim, e acrescentam que "é preciso que as moléculas dos nossos corpos desapareçam o mais rapidamente possível, para que a nossa mãe comum, a Terra e os entes que nela vivem não se maculem".

Para que a decomposição dos cadáveres se possa realizar por forma conveniente, segundo certos ritos, e com o fim de não comprometer a salubridade pública, os parsis construiram as Torres do Silêncio, ou *Dakmas*, onde se produz a última transformação da matéria.

As Torres do Silêncio, falando com exactidão, são os cemitérios dos parsis. Ha muitas na Índia, porque não ha região alguma neste imenso continente onde não se encontrem parsis às centenas. Só nas cercanias de Bombaim existem sete, no cume de Malabar-Hill, sítio encantador, poético, rodeado de flores e vegetação, sob o qual se escondem deliciosas casas de campo, porque essa fúnebre visinhança não assusta de modo algum os amadores campestres.

Além disso, os *Dakmas* são cercados por esplêndidos jardins que os visitantes podem admirar do alto do terraço de um *sagri*, isto é, uma das três capelas onde o Fogo sagrado se conserva sem interrupção. Quanto às torres, não são mais do que enormes construções circulares, compactas, feitas de granito ou de tejolo, o mais solidamente possível para que possam desafiar as intempéries da atmosfera e durar séculos inteiros. Todas são igualmente revestidas de uma camada de cal branca que se reboca de vez em quando. A altura destes edifícios não está, por forma alguma, em relação com o diâmetro. Uma das de Bombaim, por exemplo, mede exactamente trinta metros de diâmetro por nada mais que doze de altura.

No centro ha um buraco de cinco metros de profundidade, por quinze de largura, que conduz, através de uma abertura praticada na parede, a quatro canais dispostos com uma inclinação de quarenta e cinco graus, e que terminam nuns subterrâneos cheios de carvão. Á roda do buraco ha um plano inclinado e de forma circular, sôbre o qual se colocam os cadáveres. Este plano ou plataforma é dividido em setenta e dois compartimentos, dispostos em três círculos concêntricos, e assemelham-se aos raios de uma roda gigantesca e colossal. Em cada um destes compartimentos, de vinte e cinco centímetros apenas de profundidade, coloca-se um cadáver, que ali permanece até que fique reduzido só ao esqueleto, o que levaria muito tempo se não fôssem as legiões de abutres que, em poucas horas, realizam êste trabalho de salubridade. Devemos também dizer que os números 3 e 72 são sagrados; o primeiro, porque representa os três preceitos de Zoroastro, e o segundo, os capítulos do *Yasni*, uma das divisões do *Zend-avesta*.

A plataforma é rodeada por um parapeito de cinco metros de altura que impede a vista daquele espectáculo assombroso e repugnante. No parapeito albergam-se inumeráveis abutres, os hóspedes familiares de tão sinistros edifícios; ali aguardam pacientemente, arrostando os raios ardentes do sol que os abrasa, a chegada dos fúnebres cortejos.

É interessante vêr uma dessas cerimónias. Á frente caminham sempre uns indivíduos vestidos de branco que são os coveiros; atraz seguem os parentes e amigos do defunto, todos igualmente de branco e presos aos pares por meio de um lenço.

Apenas os abutres divisam ao longe um funeral desta espécie, batem as asas, estendem o pescoço e dilatam as garras de aço.

Os coveiros abrem de par em par as portas que dão ingresso na plataforma. Conduzem o caixão até o vão onde deverá ficar o cadáver, fazem certas cerimónias, pronunciam umas quarenta frases religiosas, estendem o morto e deixam-no completamente nú no *kesh* ou compartimento, e todos se retiram levando o caixão e a mortalha.

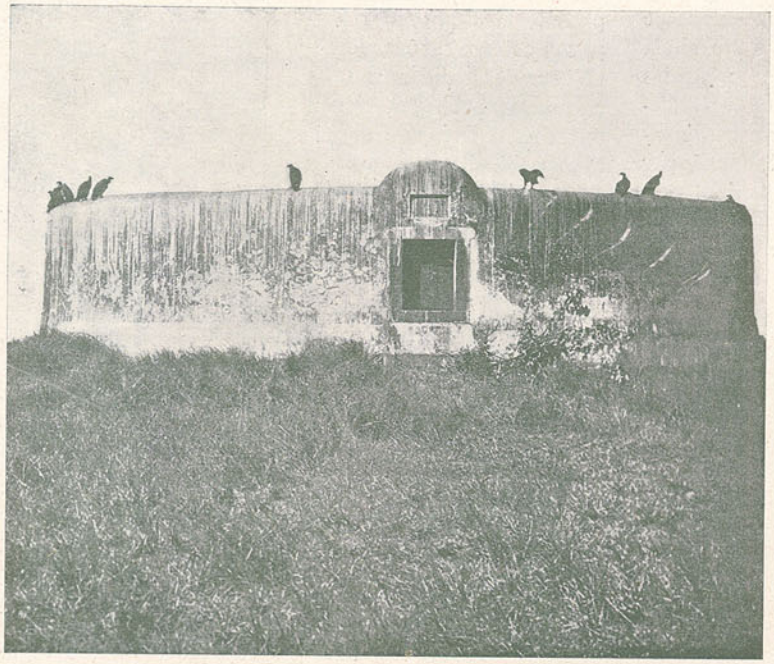
Enquanto a porta se fecha, os abutres atiram-se como lobos famintos sôbre o cadáver, rasgam-no com insaciável voracidade e, soltando estridentes grasnidos, começam a devorá-lo. Num espaço de tempo relativamente curto, não deixam nem sequer vestígios de epiderme, músculos ou vísceras.

Fica sòmente um esqueleto sustido pelos tendões que são os únicos que podem resistir às aves de rapina. Quinze dias depois os mesmos coveiros voltam à tôrre e com as mãos enluvadas e umas tenazes de ferro, apanham os ossos, proferindo algumas frazes sacramentais e arrojam-nos para sempre para o buraco central.

Nele se acumulam, geração por geração, os restos mortais dos parsis e ali acabam por desagregar-se lentamente, sob a influência secular dos agentes atmosféricos, reduzindo-se finalmente a pó...

A triste miséria humana!

E ainda a humanidade se encarniça em lutas ferozes para conquista dum poderio que se desfaz como fumo!



Tôrre do Silêncio, de Bombaim

O CASTELO DE CARNARVON

e o seu glorioso fundador

O castelo de Carnarvon é um dos mais gloriosos baluartes da soberania britânica. Ergue-se em tôda a vetustez dos seus seis séculos e meio de existência, reflectindo-se nas águas mansas do estreito de Menai. Foi ali que nasceu o principado de Gales, graças aos esforços do grande rei Eduardo I. Foi sôbre as ruïnas da ponte romana de *Seguntium* que êste soberano, dando largas ao seu espírito aguerrido, fez construir esta fortaleza inexpugnável, digna do seu fundador que mostrava assim à Roma de Júlio César terem passado de moda as suas ambições de outrora.

Bastaria que o castelo de Carnarvon nos evocasse êsse príncipe activíssimo, para que merecesse tôda a nossa admiração.

Escapando à bem urdida conspiração dos nobres em Lewes, Eduardo I venceu-os, tendo sido inflexível para o conde de Leicester, chefe dos revoltosos. Foi então que voltou os olhos para o país de Gales que o atraía — e o venceu, por fim. Desde então, o príncipe herdeiro da corôa inglesa passaria a intitular-se príncipe de Gales.

Mas Eduardo I não foi só o batalhador infatigável, mas um grande administrador do seu reino. A êle deveu o seu país a fundação das instituições parlamentares. Garantiu ao Parlamento o direito de votar os impostos e deu participação aos Comuns nos negócios do Estado. Criou os juizes de paz que considerava indispensável ao bem social, e fez utilíssimos regulamentos de comércio.

Por isso o castelo de Carnarvon merece tão grande respeito aos ingleses.

E' possível que sôbre as suas tôrres paire ainda a triste lembrança de Eduardo II, que tão trágico fim havia de ir encontrar no castelo de Berkeley, por motivo da torva vingança de sua mulher — a filha de Felipe, o *Belo*. Mas, se interpretarmos bem essa recordação, ela nos dirá também que o desastroso fim do pobre monarca foi apenas devido à sua pusilanimidade, sôbre a qual os favoritos Gaveston e Spencer tripudiaram a seu bel-prazer. Se Eduardo II, não podendo manter as gloriosas tradições de seu pai, não teve arcaboiço para se erguer à altura magestosa e inacatável daquelas ameias, a cuja sombra protectora soltara os primeiros vagidos, o seu fim não podia ser outro...

E' ainda o castelo de Carnarvon que, durante a primeira revolução inglesa, sofre os mais duros combates desde 1644 a 1646, sendo tomado, perdido e retomado pelos parlamentares que dali fizeram o seu mais forte reduto. Dir-se-ia que a figura imperecível de Eduardo I ainda os protegia e alentava.

E ali se mantém, firme e inexpugnável, desafiando as ambições mesquinhas em toda a grandeza da sua construção robusta.

E, em toda a sua gravidade, parece que sorri...

AMIGOS VELHOS

PORTUGAL E A INGLATERRA

Quando Carlos II casou com a princesa Catarina de Bragança

Mais uma vez volta a ser evocado o casamento de Carlos II de Inglaterra com a princesa Catarina de Bragança, filha de D. João IV de Portugal.

Dêsse grande acontecimento nos dá perfeita notícia o saüdoso Eduardo Coelho que em seguros documentos se baseou:

A 18 de Maio de 1661 foi el-rei Carlos II com luzido cortejo ao Parlamento, e aí, entre a mais interessada atenção da assembleia de Westminster, participou nêstes termos o seu casamento:

— "Eu tenho muitas vezes sido advertido por meus amigos de que já era tempo de me casar, e o mesmo cuidei eu sempre depois que entrei em Inglaterra, mas na eleição havia dificuldades, suposto fôssem muitos os casamentos que me saíam, e se eu nunca houvera de casar até fazer a escôlha que não tivesse algum inconveniente creio viereis a me vêr muito velho sem o fazer, cousa que sei não desejais. Agora vos digo que não só estou resolvido a me casar, mas com quem o determino de fazer, se Deus fôr servido, e no tocante à minha resolução tomei nela aquele conselho e deliberação que devia de fazer em matéria de tanta importância; e fiai-vos de mim, que considerado o bem de meus vassalos em geral e o meu, é com a *filha de Portugal*... O embaixador de Portugal se parte com todo o tratado ajustado; que achareis *conter grandes vantagens para êste reino*, e eu trato com a maior pressa que posso trazer-vos aqui uma rainha, a qual não duvido há de trazer consigo para mim e para vós grandes felicidades."

No dia seguinte as duas câmaras votaram as mensagens de reconhecimento pela comunicação espontânea do soberano, manifestando o seu contentamento por escôlha de tão grande importância.

Na câmara dos comuns o secretário Maurício levantou-se lá de cima, começando a relatar as razões que haviam movido el-rei a esta aliança:

— Sua majestade não teve sómente na escôlha que fez de uma princesa de tão rara beleza e tão grande virtude respeito à sua própria satisfação, disse o *Clericus Domus Communium*, mas olhou também para a conveniência pública e bem comum do seu povo...

O orador entusiasmou-se gradualmente e exclamou com tôda a fôrça da convicção:

"— Que êste casamento, senhores, não é um simples casamento de el-rei de Inglaterra com a senhora princesa, mas *o casamento do reino de Inglaterra com o reino de Portugal.*

"Depois do consórcio de el-rei de Inglaterra com a filha do duque de Aquitânia, não se fez outra aliança com tanta utilidade."

O procurador geral do rei, depois de encarecer a generosidade dos portugueses, propôs que se mandasse dizer a sua majestade, antes que o embaixador da Espanha partisse, para que êle o soubesse, que todos ali estavam prontos a sustentar com as fazendas e as vidas as resoluções de sua majestade. Todos, interrompendo-o gritaram unânimes:

— Assim se ordene.

O Parlamento da Irlanda, na sua mensagem, felicitou-o por: "el-rei casar com a infanta de Portugal, princesa cuja formosura e excelências são tão afamadas, como o poder e armas daquela famosa e antiga corôa, que há tanto foram conhecidos e sentidos até onde o sol se levanta, e o sol se põe."

O Parlamento da Escóssia referiu-se com júbilo à "Ilustríssima princesa filha de Portugal".

* * *

Enquanto o embaixador português, depois de haver recebido as comunicações oficiais do lord chanceler, que para êsse fim lhe fez visita solene em forma, levando-lhe dois gentis-homens o bastão e a bolsa, e de aceitar os parabens do corpo diplomático, vem a caminho de Lisboa, com cartas de el-rei de Inglaterra para a sua noiva e sogra, o representante de Espanha, barão de Butavilla, desapontado, aceso em ira e desesperação, batia-se em batalha campal, no cais da Tôrre de Londres, com o senhor d'Estrades, embaixador de França, ao qual disputava a preferência de lugar para a sua carruagem no cortejo de uma recepção diplomática. Cem peões e quarenta cavaleiros armados de pistolas e mosquetes sustentavam a primazia do embaixador francês; quarenta librés armados e vários cidadãos espanhóis mantinham a do seu rival, que ficou vitorioso, tendo o cocheiro de d'Estrades caído ferido da almofada, e tomando a carruagem de Butavilla o lugar de honra. Butavilla vingava-se assim da parte activa da França no negócio do casamento.

Luiz XIV influira a favor de Portugal, receoso de ver a Espanha engrandecer-se à custa dêste reino, que tão valorosa e activamente lutava pela conservação da sua independência, sacrificando tudo à sua liberdade.

* * *

A infanta, obediente e resignada ao papel que lhe distribuiam neste drama político, aceitava como grande felicidade e um dom do céu o casamento com príncipe tão poderoso e tão ilustre. Por isso leu enternecida a cavaleirosa carta que, em língua castelhana, lhe enviava pelo embaixador o seu real noivo. Essa carta dizia:

"Senhora, e mulher minha. Já a minha instância se parte para Lisboa o bom conde da Ponte, que para mim o tem sido muito, firmando o casamento; já vai despachado, e após êle irá um criado dos meus com o que parecer necessário, assim para declarar da minha alguma parte do gôzo indizível que recebi desta feliz conclusão, como para apressar a vinda de vosso majestade. Eu vou dar volta às minhas terras, enquanto não chega o meu mais supremo bem, que eu não sabia onde estava, e debalde procuro o sossêgo na inquietação, esperando ver a amada pessoa de vossa majestade nestes meus reinos, já vossos, com as mesmas ânsias que depois de largo destêrro eu desejava ver-me a mim nêles, e os meus vassalos desejavam ver-me, com o terem êles feitas as demonstrações sôbre o meu regresso, que o mundo sabe. Apresse-se, pois, vossa serenidade a unir-se, debaixo do amparo de Deus, com a saúde e contentamento que eu desejo para mim. Por último suplico a vossa majestade encomende à rainha, nossa senhora e mãe, os interêsses do conde da Ponte pelo que devo de haver-me servido a mim *no que tenho pelo maior bem do mundo*, e que não poderá ser meu se não fôr de vossa majestade, não esquecendo o bem que trouxe Ricardo Russell na sua parte na mesma conformidade. Londres, 2 de julho de 1662. De vossa majestade *o marido mais fiel*, que suas mãos beija".

CARLOS, R.

O ajuste do casamento foi celebrado em Lisboa com iluminação geral, fogos de artifício no Terreiro do Paço, e luzida tourada, a que assistiu a côrte, a rainha D. Luiza, o rei, o príncipe D. Pedro e a jovem rainha de Inglaterra, alvo de tôdas as atenções, e em que toureáram os condes de Sargedas e da Tôrre e D. João de Castro. O Conde da Ponte, que era de todos na côrte e entre o povo cortejado como o instrumento mais activo da negociação, recebeu o título de marquês de Sande. O padre Ricardo Russel, que tão importante parte tivera nas negociações secretas, foi eleito bispo de Portalegre, e nomeado esmoler-mór da rainha de Inglaterra, D. Catarina de Bragança.

* * *

A esquadra inglesa, sob o comando do conde de Sandwich, havendo recebido a posse de Tanger, parte do dote da infanta, e limpo o Mediterrâneo de corsários maometanos, chegava a Lisboa em maio de 1662. Constava de 14 naus, 5 sumacas e 1 barca.

A 23 de Abril, em plena primavera, na estação em que as flores desabrocham, partia a jovem rainha de Inglaterra, o instrumento da aliança dos dois reinos.

Foi a rainha sua mãe buscá-la a seus aposentos, e na ante-câmara do paço se formou o cortejo. Adiante iam el-rei D. Afonso VI e o infante D. Pedro, os oficiais da casa, os grandes e os fidalgos. Vinha então D. Luiza, levando à direita sua filha, seguida das suas aias e damas em trajo de viagem. Ao chegarem ao topo da escada que da sala dos Tudescos dava para o pátio da capela, a regente parou para fazer as últimas despedidas a sua filha, que triste e afogando os suspiros íntimos, com a alma cheia de timidez e receios, mas resignada ao sacrifício que se lhe impunha, em vão buscava conter as lágrimas, que espontâneamente lhe caíam.

— Ide, filha, satisfeita, que fazeis a vossa e a nossa felicidade — lhe disse, abraçando-a, a regente — eu vos abençôo e Deus vos amparará.

A jovem rainha da Grã-Bretanha quis beijar a mão de sua mãe, mas esta, escusando-se e abraçando-a de novo, disse entre meiga e austera:

— Filha e senhora, desde hoje sois a rainha de um grande Estado, e eu vou deixar de ser, entregando o reino a el-rei meu senhor, cujo é — acentuou vigorosamente a regente e indicando o novo rei, que havia dado a mão a sua irmã para ajudá-la a descer a escada do paço.

D. Luiza só se retirou do alto da escada depois de sua filha entrar no coche com seus irmãos, e de haver correspondido à sua última reverência com uma nova benção. A carroça de gala seguiu, ladeada pelos capitães da guarda real e acompanhada de tôda a primeira nobreza em direcção à catedral. As ruas do percurso estavam ornadas de vistosos arcos triunfais, que não eram inferiores aos que anos antes o terror fabricára para receber a visita de Felipe II. Duas alas de infantaria se estendiam do Terreiro do Paço, pela rua Nova até à Sé, contendo a multidão extraordinária que neles se acumulava. Repicavam os sinos das igrejas e mosteiros, e salvavam as fortalezas e navios de guerra ancorados no rio. Muitas danças populares tripudiavam ao som de tambores, violas, flautas, trombetas e charamelas.

O povo folgava alegre, enquanto os nossos exércitos se batiam com os de Felipe IV em tôda a linha da fronteira.

Cortejo da embaixada inglesa que veio a Lisboa para o casamento da filha de D. João IV, princesa Catarina com o rei Carlos II

D. Catarina

Na Sé Catedral, ricamente decorada, se cantou solene *Te Deum*, a que a jovem rainha e seus irmãos o rei e o infante assistiram na cortina, cercados dos oficiais da côrte, mestres de cerimónias, oficiais da casa, etc.

Os fidalgos ingleses que vinham na armada, o embaixador, o estribeiro mór e o veador da rainha, todos protestantes, foram durante a solenidade entretidos no claustro por alguns fidalgos portugueses, por não contrariar o seu culto com os exercícios do nosso.

Da Sé voltáram os coches pelas mesmas ruas, com iguais demonstrações, e se dirigiram ao jardim do paço, junto à Ribeira das Naus, onde a real noiva e seus irmãos se apeáram para uma ponte que descia ao cais, e entraram nos bergantins reais. Antes de embarcar a rainha, lhe beijáram a mão todos os cortezãos e damas. O bergantim real vogou para a nau capitania *Grão Carlos*, ao som das salvas de artilharia e dos vivas e adeuses da multidão que se agrupava nos cais.

Carlos II, de Inglaterra

GOD SAVE THE KING!

A coroação do Rei de Inglaterra

Rei Jorge VI

JORGE VI foi, na passada quarta-feira, solemente coroado rei da Grã-Bretanha e seus Domínios e Imperador das Índias, tendo as cerimónias da Abadia de Westminster revestido o mais extraordinário brilhantismo que deu bem a impressão da grandeza britânica no Mundo.

Quando se chegou ao juramento, o velho arcebispo de Cantuária preguntou ao rei:

— Deseja Sua Majestade prestar juramento?

— Desejo.

Tanto o rei como a raínha estavam pálidos de comoção. Jorge VI olhava direito na sua frente, parecendo não vêr a a assistência, enquanto o prelado lhe ia formulando as preguntas do estilo, pedindo-lhe que se comprometesse a governar, segundo as suas leis e costumes, os povos da Grã-Bretanha, da Irlanda, do Canadá, da Austrália, da Nova Zelândia e da União Sul-Africana, como o Império da Índia.

O rei, com voz clara e firme, sem hesitações, prometeu assegurar o domínio do Direito e da Justiça; ser misericordioso nos seus julgamentos; manter as leis de Deus e do Evangelho e defender a conservação, no Reino Unido, da religião protestante reformada, estabelecida pela lei, do regulamento da Igreja da Inglaterra e dos privilégios do clero.

Seguidamente, o arcebispo de Cantuária preguntou como confirmação:

— Com todo o vosso poder fareis justiça em todos os julgamentos?

— Eu o farei — respondeu o rei.

— Com todo o vosso poder respeitareis os dogmas e religião existentes no Império e mantereis a lei protestante como religião do Estado?

— Tudo isso prometo fazer.

Depois, o soberano dirigiu-se ao altar, e, de joelhos, pondo a mão direita sôbre a Biblia, declarou solenemente:

— As coisas que acabo de prometer, hei-de cumpri-las e mantê-las com a ajuda de Deus!

Beijou a Biblia, assinou a fórmula do juramento, e foi retomar o seu lugar.

O arcebispo fez-lhe então repetir a declaração prescripta, desde 1689, pelo Parlamento, para a manutenção da religião reformada.

Estava lavrado e assumido o compromisso político da coroação real. O *God save the King* reboou sob as abóbadas da catedral.

Começou então o serviço da comunhão. Os reis e o povo estavam de pé. Quando rompeu o hino *Veni Creator Spiritus*, que se repercurtia pelas vetustas naves, os soberanos ajoealharam.

Seguiu-se um silencio impressionante.

O rei, despido da púrpura realenga, sempre auxiliado pelo Lord-Camarista, aproximou-se do altar e sentou-se na cadeira do rei Eduardo, que se encontrava no meio do estrado, tendo à frente um genuflexório. Quatro cavaleiros da Jarreteira seguravam sôbre o Rei, um rico pálio de seda e lhama de oiro.

E, assim, o soberano ouviu, ajoelhado, a prece do prelado. Depois, volta a ocupar a cadeira do Rei Eduardo.

O arcebispo, a quem o deão de Westminster entregou a empola e a colher de oiro, ungiu o rei com as duas mãos, primeiro no peito e depois no alto da cabeça, lançando-lhe por fim, a benção que Jorge VI recebeu comovidamente.

Procedeu-se, em seguida, à cerimónia das esporas e da espada, da entrega do manto real, da esfera, do anel, do ceptro com a cruz, do ceptro com a pomba e à imposição da coroa.

Novamente o *God save the King* reboou nos ares.

Após a cerimónia da coroação, o soberano pronunciou ao microfone, instalado num dos salões do Palácio de Buckingham, o seu primeiro discurso que foi radiodifundido em todos os pontos do Império Britânico.

— "É com grande regozijo no meu coração — começou a dizer o rei — que vos falo esta noite. Até hoje nunca nenhum Rei tivera a felicidade de falar a todos os seus povos no próprio dia da sua Coroação. Nunca também uma cerimónia da Coroação teve tão grande significado. Com efeito, os Domínios estão agora livres e em pé de igualdade com o antigo Reino, e esta manhã tive a impressão de que todo o Império estava verdadeiramente unido no âmbito da Abadia de Westminster.

"Regozijo-me por poder falar-vos a todos, onde quer que estejais, velhos amigos em terras distantes, e como espero, novos amigos nas regiões que ainda não tive a boa fortuna de poder visitar.

As princesas Isabel e Margarida

"Pessoalmente, a Rainha e eu desejamos saúde e felicidade a todos e não esquecemos neste dia festivo os que sofrem físicamente ou moralmente. O seu exemplo de coragem e civismo está sempre presente no nosso espírito e desejaria enviar-lhes uma mensagem especial de simpatia e cordialidade.

"Não encontro palavras bastantes para vos agradecer a afeição e lealdade testemunhadas á Rainha e a mim. As saudações que nos foram dirigidas hoje nas ruas, as mensagens inumeráveis que nosforam dirigidas de todos os pontos do Império foram gratas aos nossos corações.

"Desejo apenas dizer-vos: que durante os anos vindouros eu possa testemunhar-vos a minha gratidão, ao vosso serviço, é a senda que escolherei entre todas.

"A Corôa é o símbolo da unidade de seres. Pela graça de Deus e pela vontade dos povos livres do Império assumi a responsabilidade dessa Corôa. É a mim, na qualidade de vosso Soberano, que cabe o dever de manter a sua honra e a sua integridade. É uma responsabilidade grave e constante, mas o facto de ver os representantes em roda de mim na Abadia e de saber que podeis acompanhar essa cerimónia infinitamente bela deu-me confiança.

"O ritual da cerimónia é muito antigo, mas a sua significação é profunda e sempre nova, porque a mais alta distinção é servir a outrem. A estas funções da realeza me consagrarei, tendo a meu lado a Rainha, pronunciando com solenidade profunda estas palavras: Com o auxílio de Deus cumpriremos fielmente a nossa tarefa. Aquêles de entre vós que hoje são ainda crianças recordar-se-ão, espero-o, dêste dia de completa felicidade, como eu me recordo do dia da coroação do meu pai. Aquêles que durante os anos vindouros percorrerem outras regiões do Império encontrarão outros membros desta grande família, cujos pensamentos estarão também impregnados com a mesma recordação e cujos corações estarão unidos na mesma dedicação pela nossa herança comum. Aprendereis, espero, o que para nós significa a nossa livre associação e quanto a nossa amizade mútua e a amizade com as outras nações pode contribuir para a causa da Paz e do Progresso».

Ao escolher, para reinar, o seu último nome em vez do primeiro, o duque de York, Alberto Frederico Artur Jorge, quis, por certo que o seu reinado fôsse a digna continuação do de seu pai — o saudoso Jorge V de inolvidável memória — que soube enfrentar a Grande Guerra com a maior serenidade, deixando a mais grata recordação em todos os povos oprimidos.

Se passasse a usar o nome de Alberto, evocaria o bondoso marido da rainha Vitória, e teria cumprido uma das mais queridas aspirações da sua ilustre bisavó. No entanto, preferiu seguir o exemplo do seu augusto avô Eduardo VII que escolhera tambem o seu segundo nome, e não o de Alberto que lhe fôra dado no baptismo, em memória de seu pai.

Rainha Isabel

Se folhearmos os documentos dessa época, verificaremos que Eduardo VII, no discurso que pronunciou ante o Conselho de Ascensão, explicou assim a sua atitude:

— «Resolvi ser conhecido com o nome de Eduardo, usado por seis dos meus antecessores, mas como não desestimo o nome de Alberto, herdado de meu grande, sábio e sempre chorado pai, ao qual, por universal consentimento, foi concedido o merecido nome de Alberto — o Bom, desejo que esta denominação continui sendo única».

O culto da rainha Vitória pelo nome do seu marido ressalta nesta carta que a soberana enviou ao filho em 1884 por ocasião do nascimento do conde de Clarence:

«Receio não admirar bastante os nomes que propôs para o *baby*. Gostaria de um bonito nome antigo, No entanto, o de Frederico parece-me ainda o melhor dos dois, e espero que seja o escolhido; o de Jorge só nos vem desde a família de Hannover. De qualquer modo, se o menino crescer bom e aplicado, não me preocupará o seu nome. Tens naturalmente de acrescentar o de Alberto, no final, como no caso dos teus irmãos, porque, como sabes, estabelecemos há tempo que todos os descendentes varões do queridíssimo papá deverão usar o dito nome com o fim de indicar o nosso ramo.»

O novo rei da Inglaterra chama-se Jorge VI e marca um novo período de prosperidade. *God save the King!*

João de Lemos

PELO que temos visto, a mocidade de hoje lê pouco, chegando a desconhecer os mais altos espíritos que muito e muito a poderiam orientar. João de Lemos — por exemplo — o lírico excelso do *Cancioneiro* e das *Canções da Tarde* é um dêsses altos espíritos que, embora indicado há quási meio século por uma pedra tumular, continua a fulgir radioso e perene.

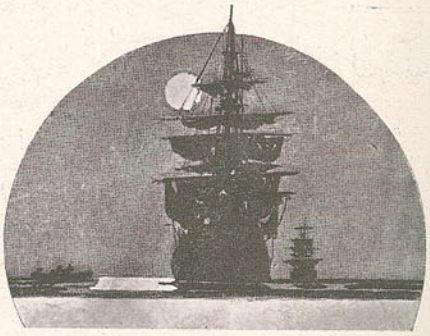
Porque o ignora a mocidade de hoje, a ponto de lhe desconhecer o nome?

Nunca leu a deliciosa poesia que o grande lírico escreveu, pungindo saüdades, durante a sua permanência na loira Albion?

Pois leia-a, que vale a pena — e não a esqueça nunca.

Ei-la:

A LUA DE LONDRES



LUA DE LONDRES

É noite; o astro saudoso
Rompe a custo o plúmbeo céu
Tolda-lhe o rosto formoso
Alvacento, húmido veu.
Trás perdida a côr de prata,
Nas águas não se retrata,
Não beija no campo a flor;
Não trás cortejo de estrelas,
Não fala de amor às belas,
Não fala aos homens de amor.

Meiga lua, os teus segredos
Onde os deixáste ficar?
Deixáste-os nos arvoredos
Das praias de além do mar?
Foi na terra tua amada,
Nessa terra, tão banhada
Por teu límpido clarão?
Foi na terra dos verdores,
Na pátria dos meus amores,
Pátria do meu coração?

Oh! que foi! deixáste o brilho
Nos montes de Portugal,
Lá onde nasce o tomilho,
Onde há fontes de cristal;
Lá onde viceja a rosa
Onde a leve mariposa
Se espaneja à luz do sol;
Lá onde Deus concedera
Que em noites de primavera
Se escutasse o rouxinol.

Tu vens, ó lua, tu deixas
Talvez há pouco o país
Onde do bosque as madeixas
Já tem um flóreo matiz;
Amáste do ar a doçura
Do azul céu a formosura,
Das águas o suspirar!
Como hás de agora, entre gêlos
Dardejar teus raios belos,
Fumo e névoa aqui amar?

Quem viu as margens do Lima
Do Mondego os salgueirais,
Quem andou por Tejo acima,
Por cima dos seus cristais;
Quem foi ao meu pátrio Douro
Sôbre fina areia de ouro,
Raios de prata esparzir,
Não pode amar outra terra,
Nem sôb o céu de Inglaterra
Doces sorrisos sorrir!

Das cidades a princesa
Tens aqui; mas Deus, igual
Não quis dar-lhe essa lindeza
Do teu e meu Portugal;
Aqui, a indústria e as artes;
Além de tôdas as partes,
A natureza sem veu;
Aqui, ouro e pedrarias,
Ruas mil, mil arcarias...
Além, a terra e o céu!

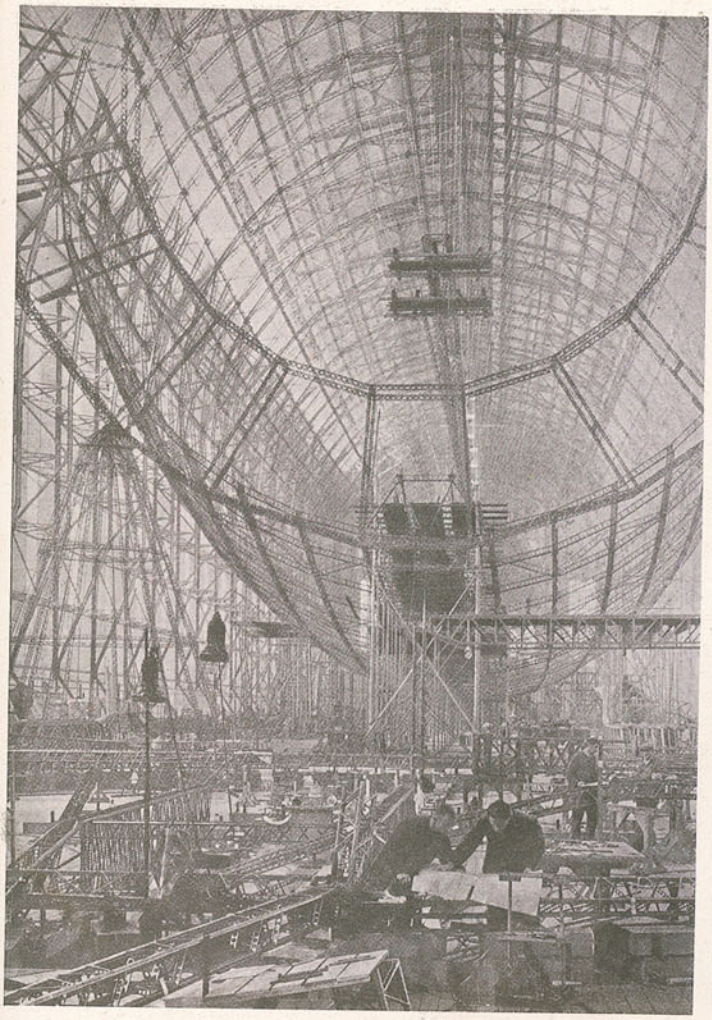
Vastas serras de tejolo,
Estátuas, praças sem fim,
Retalham, cobrem o solo,
Mas, não me encantam a mim;
Na minha pátria, uma aldeia,
Por noites de lua cheia
É tão bela, tão feliz!
Amo as casinhas da serra,
Co'a lua da minha terra,
Nas terras do meu país!

Eu e tu, casta deidade,
Padecemos igual dor,
Temos a mesma saudade,
Sentimos o mesmo amor.
Em Portugal o teu rosto
De riso e luz é composto;
Aqui, triste e sem clarão,
Eu lá sinto-me contente,
Aqui, lembrança pungente
Faz-me negro o coração.

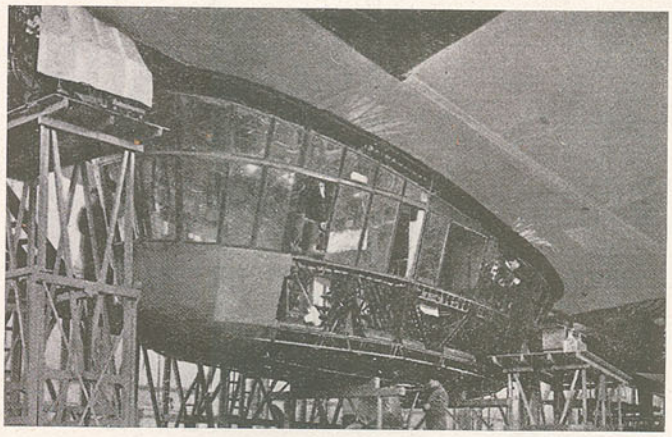
Eia, pois, ó astro amigo,
Voltemos aos puros céus;
Leva-me, ó lua, contigo,
Preso num dos raios teus.
Voltemos ambos, voltemos,
Que nem eu, nem tu podemos
Aqui ser quais Deus nos fez,
Terás brilho, eu terei vida,
Eu já livre, e tu despida
Das núvens do céu inglês.

João de Lemos.

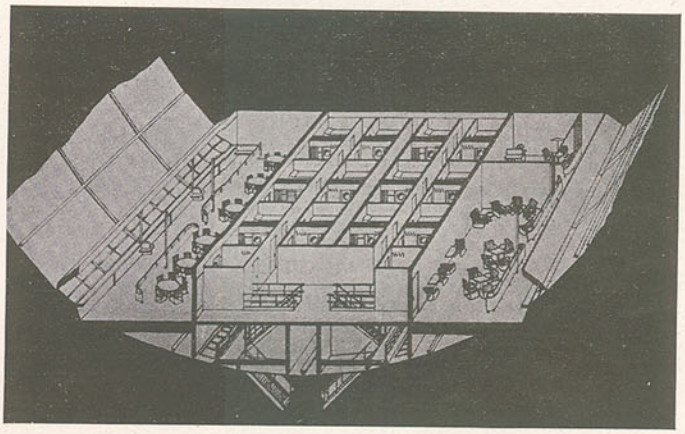
O FIM DO «HINDENBURGO»



A carcassa do «Hindenburgo» em construcção nos estaleiros de Friedrichshaven

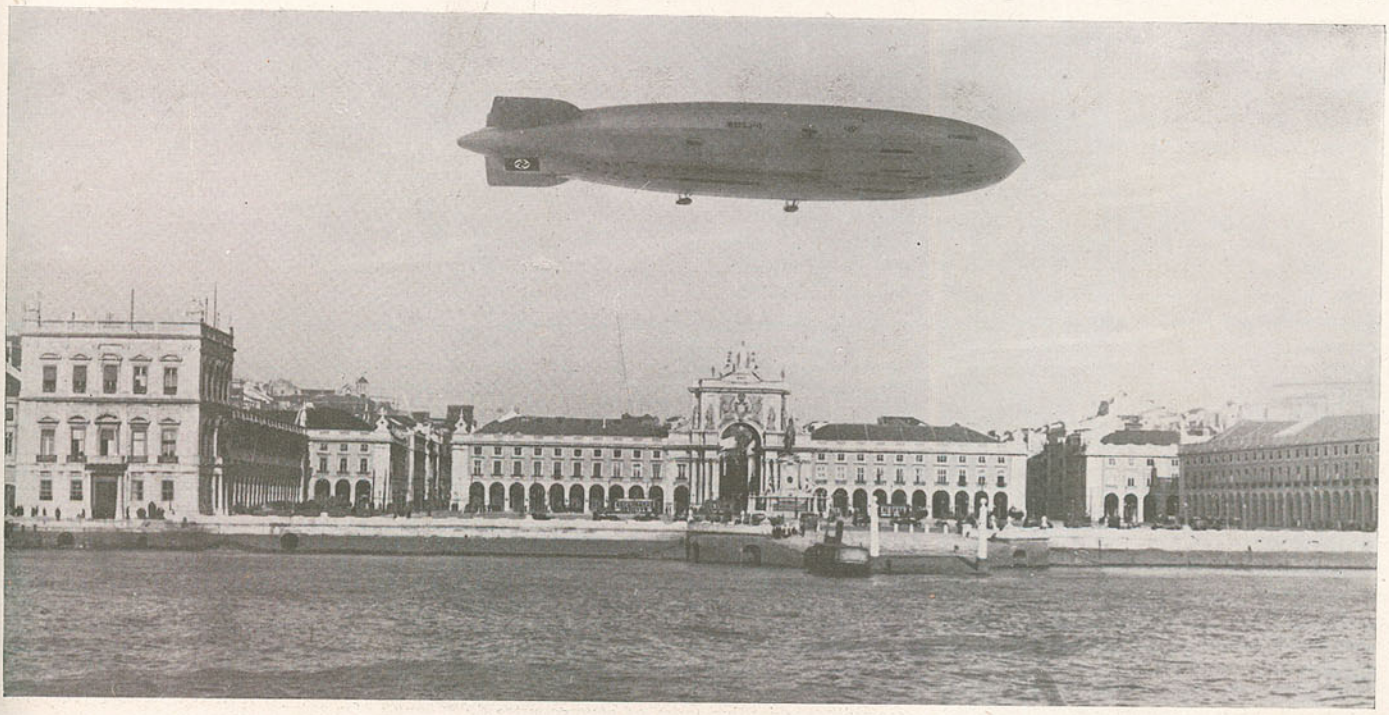


A ponte de comando do «Hindenburgo» em construção



Esquema da disposição das acomodações dos passageiros na parte inferior do bojo da aeronave

Quando voava sôbre o aerodromo norte-americano de Lakehurst, o dirigivel «Hindenburgo» foi destruido por uma explosão. Dos seus 98 tripulantes morreram 36. A catástrofe foi, segundo dizem os técnicos, originada pela substituição de hélio por hidrogénio, visto êste gás ser mais barato e aumentar a capacidade do dirigivel



O «Hindenburgo» voando sôbre o Terreiro do Paço em Setembro de 1936

A MULHER INGLESA

Neste momento em que se aproxima a coroação de Jorge VI em que a população dum grande Império se prepara para uma grandiosa festa, em que todos os corações dos subditos britânicos palpitam de comoção e de amor pelos seus soberanos, fazendo votos dum feliz reinado ao jovem rei, que como duque de York soube sempre conquistar todas as simpatias pela sua vida tão regular, tão correcta e tão coerente com as ideias que apresenta, o que hoje em dia não é vulgar, e que o torna tão simpático, é natural que se fale da Inglaterra.

Mas não podemos esquecer a rainha que vai ocupar o lugar a seu lado no trono, e que tem conquistado também o povo pela sua maneira de ser. Bonita e elegante, o que na mulher são sempre predicados que auxiliam; a sua inteligência e a sua bondade igualam a sua beleza e a sua elegância. E se numa mulher os dotes exteriores são muito para admirar, as qualidades superiores da alma muito contribuem para a tornar merecedora daquela admiração que inspira, o respeito pela elevação de sentimentos.

As suas filhinhas, principalmente a herdeira ao trono, a graciosa princezinha Izabel, ídolo dos ingleses muito contribuem para fazer esperar que o reinado de Jorge VI seja a mais feliz continuação do reinado de Jorge V, êsse rei que deu ao seu povo, numa época em que tantas amarguras avassalaram a Europa, a confiança e a esperança, que a história coroou.

Casal unido por um amor puro e firme e pelo amor ás graciosas meninas, que vieram alegrar o seu «home» em que a vida até aqui era tão simples e tão dedicada a boas obras, continuará certamente como o foram seus pais a ser um exemplo para o seu povo, que o seguirá, estamos certos, porque o exemplo de cima, muito contribui, para que se mantenha num país a ordem e a moral.

Mas agora que já está feita a referência áqueles que neste momento são a ocupação de milhões de pessoas, e cuja coroação vai chamar a Londres milhares de visitantes, e movimentar extraordinariamente todo o comércio e indústria desse país, falemos da mulher inglesa.

A mulher é em todos os países, pela sua afectividade, pela sua estrutura moral a base do nacionalismo, a mulher com o culto da casa e do país é mais difícil de desenraizar do que o homem e é em compensação mais fácil de adaptar a um novo meio, porque tem sempre a ânsia de se sentir em sua casa, de se rodear e aos seus do conforto e comodidade, que tornam a vida agradável.

A vida da mulher inglesa foi sempre muito diferente da vida da mulher dos outros países. Independente por natureza, a mulher inglesa é muito afectuosa e profundamente cumpridora dos seus deveres.

Em solteira muito dada ao «flirt» é em geral depois de casada, uma esposa fidelíssima e tem pelo menos o culto da aparência exterior. Londres é talvez a cidade em que mais mulheres se vêem na rua, e mais bonitas também, mas é raro vêr-se uma mulher extremamente pintada e com «toilettes» de dar nas vistas, durante o dia. A' noite as ruas de Londres são enxameadas de elegantíssimas «toilettes» porque a inglesa veste-se sempre para o jantar e não vai ao teatro senão em rigorosa «toilette» de noite.

Este costume é tão tradicional na Inglaterra, que mesmo nas classes modestas, na burguezia e até no povo isso se observa. Emquanto a «lady» veste uma sumptuosa «toilette» de noite e não ha mulher, que melhor vista á noite, a burguesa veste um vestido elegante, a mulher da meia classe um vestido melhor e a do povo prega um laço ou uma renda no seu corpete de trabalho.

São estes costumes de distinção que dão a toda a inglesa um ar fino, que a educação completa. Em país nenhum se encontram empregadas de escritório ou de armazem tão sorridentes e atenciosas, falando com tanta gentileza, sem elevar a voz, numa correção de maneiras, que faz distinta uma população.

A mulher inglesa é muito desportiva, o clima áspero, tornou na Inglaterra o desporto uma necessidade urgente, que é a defeza dos organismos que a humidade depaupera. E não ha mais lindos exemplares da raça humana, do que as lindas «babies» que enchem os encantadores parques de Londres e mais perfeitas raparigas, do que aquelas que em «maillot» guarnecem as margens do Tamisa, essas margens de sonho, que em Richmond, em Hampton Court, em Bray, em Maidenhead, nos oferecem o fresco espectáculo das suas esmeraldinas relvas, animadas pelos «boulevards», pelos castelos e jardins que vêm até quasi dentro do rio, e que tornam a paisagem dos arredores da grande cidade um cenário fantástico.

A equitação é cultivada pela inglesa como o não é por nenhuma outra mulher na Europa, e, as amazonas inglesas são as melhores do mundo. Começam em crianças a montar e para a inglesa o montar a cavalo é a coisa mais natural do mundo. Todos os jogos e todos os desportos são uma parte da vida dessa mulher activa e vigorosa.

Nos arredores de Londres existem os mais encantadores «clubs» de desporto, que me tem sido dado ver. Ranelaph e Rochampton com os seus maravilhosos jardins, com os seus «courts» de «tennis», os seus «lawns» de «croquet» dedicados aos velhos, que também precisam ter as suas distracções e desportos compatíveis com as suas fôrças, os seus admiráveis campos de «golf» e de «polo», são o verdadeiro paraiso dos desportistas.

E em todos os desportos menos no «polo» a mulher é exímia. Imensas senhoras da aristocracia inglesa são aviadoras e nas suas propriedades têm o seu campo de aviação particular como entre nós se pode ter uma garage. E é interessante ver nos «clubs» de aviação aterrar uma avioneta e ver saír de dentro, duas raparigas alegres e bem dispostas que ali vão tomar o seu chá.

Dentro do seu «home» a inglesa tem o maior conforto, tem a noção do viver com comodidade e sabe dar bem estar à família. Nas casas modestas onde não há compartimentos a desperdiçar, não há como entre nós o costume da sala de visitas, essa inútil sala fechada onde nunca se vai.

Há o «living-room» a sala de estar onde todos se reunem, onde uns leem, outros estudam ou trabalham, onde se sente a reunião da família.

Como mãe a inglesa é também a educadora e a orientadora. Há muito quem critique a maneira de criar os filhos que tem a inglesa, talvez numa falsa maneira de ver, um pouco piegas e sem utilidade.

Nas classes abastadas as crianças são criadas na «nursery» uma das melhores e mais bem expostas divisões da casa, onde, entregues a uma «nurse» diplomada, vivem como crianças, uma vida sã, com uma regularidade de horas perfeita, longe dos embates da vida dos adultos. A mãe vigia a «nursery». Entre nós acha-se pouco amor maternal nessa vida separada. Eu acho-a preferível a êsse abandono, a que a mulher da sociedade se vê forçada, entregando os filhos a más criadas quando sai e quando está em casa, fazendo-as ouvir conversas e assistir a reuniões onde nada lucram as crianças.

E os ingleses são em geral filhos dedicados e muito respeitadores, que sabem amar seus pais a quem reconhecem o direito de os educar, o que hoje em dia se vai tornando raro, muito raro mesmo, se repararem bem.

Como elegância a mulher inglesa tem a indiscutivel elegância da mulher que se presa e sabe vestir. De manhã é da maior sobriedade no seu vestir, para o desporto ninguém veste melhor, à noite é tradicional á sua elegância e como na côrte inglesa se mantém íntegras as tradições, a mulher inglesa a «lady» faz das recepções da côrte um desfile de distinção e elegância, como é raro hoje encontrar-se e a que o lindo trajo exigido com a sua longa cauda, o seu manto, as plumas na cabeça, o seu véu e o tradicional ramo de flores com as largas fitas de setim dão tôda a solenidade. É pois bem interessante observar a mulher inglesa desde as altas regiões da côrte e da sociedade até às camadas da mulher que trabalha e até às camadas pobres.

A dignidade e a distinção, são sempre a preocupação dessas mulheres. A inglesa tem sempre o desejo de parecer uma senhora, mas não uma senhora pelas modas e pelos vestidos, mas pelas maneiras, pela distinção, pela sua apresentação e é êsse ideal que torna a inglesa uma mulher que se faz notar.

Maria de Eça.

HUMORISMO BRITÂNICO

ANDAVA um dia à caça Henrique VIII, de Inglaterra, nas matas de Windsor, e, desgarrando-se da comitiva, foi parar à abadia de Reading.

Chegou a hora de jantar, e convidaram-no para a mesa do abade, como quem pelo trajo inculcava ser, isto é, um criado da casa real.

Apresentaram-lhe um façanhoso lombo de vaca, e Henrique foi tasquinhando como quem não tinha almoçado.

O abade, que vira devorar os bocados de carne assada, disse-lhe com afectada compunção:

— Filho, quanto folgo de ver o vosso desembaraço. Dera de boamente cem libras para poder fazer outro tanto. O meu estômago frouxo e cansado só pode digerir uma pequena perna de coelho ou alguma asinha de frango.

Henrique, por motejo, deitou mão da promessa, e o frade, ignorando a quem falava, confirmou-a asseverando que daria as cem libras a quem o curasse.

Findou o jantar, e o monarca retirou-se, incógnito como entrara.

Poucos dias se tinham decorrido, já o abade de Reading se achava posto a bom recato no quarto mais seguro da tôrre de Londres, onde, por uma semana, o fizeram jejuar a pão e água, único sustento que lhe ministravam. Não era, porém, tanto a penúria das iguarias que o atormentava, como o susto, por ignorar por que motivo incorrera na indignação real.

Ao cabo da semana intimaram-lhe a soltura, e puzeram-lhe diante um bom lombo assado.

Verificou o padre o adágio, de que, "para quem tem saúde, três dias de mau passadio tiram o nôjo e o fastio."

Quando mais empenhado estava na tarefa, lhe apareceu Henrique reclamando as cem libras prometidas:

— Eu fui o vosso médico: restabeleci o vosso estômago debilitado: a recompensa, que marcastes me é devida.

■

Um inglês e um americano tinham travado uma discussão àcêrca dos respectivos méritos dos dois povos.

— Os nossos vendilhões de criação — dizia o americano — são tão peritos no seu ofício que assim que o carro de um dêles pára à porta, as galinhas e os frangos põem-se em alinhamento, deitam-se de costas, e cruzam os pés na barriga, para que lhos atem, afim de os meterem no galinheiro.

— Ora adeus! — disse o inglês — nós temos melhor do que isso! Calcule que um médico célebre mandou construir no país de Gales uma aldeia tão salubre que ninguêm lá pode morrer, de forma os habitantes quando estão cansados da existência, têm de ir à cidade próxima para darem a alma a Deus. Há dois homens em particular, chegados a tal velhice, que já não sabem quem são, e o piór é que não há na terra quem lho possa dizer.

■

Sendo despedido um músico da capela real de Jorge II de Inglaterra, elevou logo o mais solene protesto nestes termos:

— Grandes males nos estão ameaçando, calamidades que ninguém esperaria, e das quais o nosso rei é o único causador de tôdas elas.

Fizeram grande motim semelhantes ditos, e o homem foi acusado de caluniar a pessoa do rei. Obrigado a sofrer a pena de caluniador ou a justificar-se, disse:

— Não estranheis o que tenho dito sôbre o rei ser causador de gravíssimos males. Julgai vós mesmos. Fui despedido de músico da capela real, e como por própria ordem do rei me foi proïbido requerer de novo o lugar, vou estudar medicina a Edimburgo. Muita e muita gente há de morrer com o meu receituário... Quem é, pois, o causador de tudo isto?

O músico foi readmitido.

■

O doutor Stillingfleet, prègador de Carlos II de Inglaterra, que recitava habitualmente os seus sermões, sempre os lia quando diante do rei.

Preguntando-lhe o monarca o motivo dêste procedimento, o prègador respondeu:

— Senhor, o esplendor da côrte, e a presença de vossa majestade atarantam-me a tal ponto que não me deixam confiar na memória. Permitir-me-á vossa majestade que eu também lhe faça uma pregunta?

— Com todo o prazer! — acedeu o rei.

— Porque razão é que vossa majestade, quando abre ou encerra o Parlamento, lê sempre os seus discursos em vez de os recitar? Terá vossa majestade os mesmos motivos?

— Sem dúvida — respondeu o rei — os meus discursos no Parlamento reduzem-se sempre a pedir dinheiro aos meus súbditos, ou a agradecer-lhes o que já me deram, e, tanto me envergonha isto, que me ocupo a olhar para o papel, em que levo o discurso escrito, só para lhes não vêr a cara que fazem.

■

Depois da execução de Carlos I de Inglaterra, foi apeado do pedastal a sua estátua equestre, e vendida a um cuteleiro.

Mandou êste fazer imediatamente grande número de talheres com cabos de bronze, e pô-los à venda, afirmando que provinham da referida estátua.

Amigos e inimigos da memória do soberano compraram tudo, e, em poucos dias, ganhou o homem um cabedal imenso.

Logo depois da restauração, quiseram eruger nova estátua a Carlos I. Assim que isto soube, o cuteleiro informou o govêrno de que em seu poder se encontrava ainda a antiga estátua, e que a venderia barata.

■

Despeitado contra a Sociedade de Medicina de Londres, que se negara a recebê-lo no seu seio, o doutor John Hill imaginou, para se vingar dela, uma boa partida.

Enviou ao secretário da Sociedade uma pequena memória assinada com um nome suposto, relatando uma cura recente de que se dizia autor.

"Um marinheiro (escrevia êle) quebrou uma perna. Achando-me casualmente no local do acidente, ajustei com todo o cuidado as duas partes da perna fracturada, unindo-as com uma forte ligadura, e lancei por cima uma porção de água de alcatrão. Passadas quarenta e oito horas, o marinheiro começou a servir-se da perna como dantes".

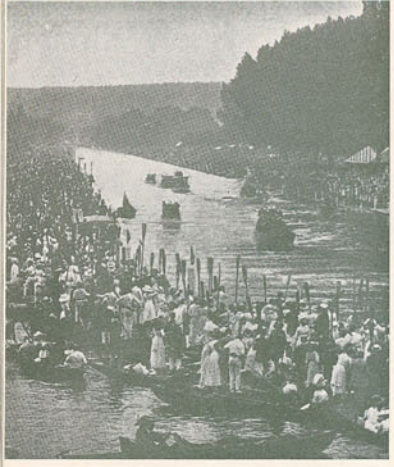
Ora, esta cura maravilhosa foi comunicada àquela sábia academia em 1749, pouco tempo depois de haver sido publicado o livro em que o famoso Berkeley celebrava as virtudes medicinais da água de alcatrão, livro que tinha feito barulho no mundo científico, e àcêrca do qual eram várias e desencontradas as opiniões.

A memória em que se narrava a cura da fractura da perna foi, pois, escutada com o maior interesse, travando-se em seguida acalorada discussão: sustentavam uns que o facto era um eloqüente testemunho em favor da água de alcatrão, e pretendiam outros que, ou a perna não estava realmente quebrada, ou então não podia ser tão rápida a cura.

Quando já se estavam preparando memórias sôbre o assunto, o secretário da sociedade recebeu uma segunda carta que continha apenas as seguintes palavras:

"Na minha última carta esqueci-me informar, por um lamentável lapso, que a perna do marinheiro a que ali me referia, era de pau".

A QUINZENA DESPORTIVA



A ribeira de Henley é o cenário clássico das grandes regatas inglesas, onde pela primeira vez, há 108 anos, se encontraram as tripulações universitárias de Oxford e Cambridge

O desporto faz parte integrante dos hábitos ingleses, ao ponto de poder apontar-se como uma característica psicológica do povo britânico, cuja mentalidade lhe reflecte as normas e em cuja educação desempenha propositadamente um papel importante.

Distante do seu país, transplantado para qualquer ponto do mundo onde os costumes sejam essencialmente outros, o inglês típico leve sempre na sua bagagem a necessidade de praticar o exercício físico e sempre encontra processo de lhe dar satisfação.

Se outras raças hoje procedem de igual modo, com esta o aprenderam pelo contágio do exemplo corrente.

O desporto, se o considerarmos como um aspecto do exercício físico intenso regulamentado, é actualmente do domínio universal; mas não há dúvida que a sua expansão se deve em grande parte à influência directa dos anglo-saxónicos, que foram os primeiros a assinalar-lhe na vida social funções educativas e a nobilitá-lo pela adição dum espírito elevado que lhe trouxe carácter definido e valor cultural.

O movimento que gerou na Inglaterra o renascimento da divulgação desportiva teve conseqüências psíquicas diferentes daquelas verificadas nos países continentais porque o foco originário foi diverso; ao passo que os outros povos europeus descobriram o desporto pela sua feição de espectáculo popular, o inglês adopta-o como um meio moralizador da mocidade universitária.

Os primeiros esforços do cónego Kingsley, criador dos "muscular Christians", apezar de rudemente combatidos pela opinião pública, tiveram a virtude de despertar os primeiros entusiasmos na população escolar, incitados ainda pela realização, em 1829, da primeira regata entre os remadores representantes das universidades de Oxford e Cambridge; mas foi um pastor quási desconhecido, Thomás Arnold, quem, assumindo a direcção do colégio de Rugby, conseguiu transformar a mentalidade dos professores e alunos, criando a célula da renovação britânica cuja influência irradiará irresistivelmente assinuidade ao ponto de gerar hábitos novos na raça. Arnold tornou o desporto para fulcro do seu método educativo, não infiltrando-o aos trabalhos intelectuais, mas partindo do princípio que "o adolescente deve construir a própria virilidade com os materiais de que dispõe e que em caso algum lhe pode ser preparada por um extranho."

Neste sentido organizou o desporto universitário fonte de vigor másculo, como um terreno sólido para assentar essa construção; lançou para lá a mocidade e deu-lhe liberdade de agir. Cada qual que se desembaraçasse aprendendo a vida prática e a prática da vida, exercitando-se na luta, vencendo a concorrência, valendo-se nos momentos críticos da ajuda mútua. O desporto arnoldiano foi uma república democrática cuja lei constitucional teve por bases a lealdade e o vigor. Esta concepção inicialmente de caracteristicos escolares, espalhou-se com o tempo a tôda a nação, porque quantos a conheceram em estudantes conservaram pela existência fóra os preceitos aprendidos e foram os seus melhores agentes de propaganda.

A independência, a tenacidade, a calma, que caracterizam o povo britânico são, afinal e apenas, o reflexo dos ensinamentos dos princípios desportivos assinalados em longa e tradicional prática.

■

Num momento da vida nacional em que a Organização da Mocidade Portuguesa põe em foco o problema da educação física e do desporto nas escolas e universidades, vem a propósito apresentar, num relance geral, os moldes actuais dos estabelecimentos de ensino britânicos, desde a escola primária ao instituto de cultura superior.

Nas escolas de grau primário os alunos dispõem sem excepção de espécie alguma, de hora e meia diária para a prática do desporto ao ar livre, cultivando durante o inverno o football e no estio o cricket; para tal fim utiliza cada escola os terrenos de jogos que num parque público próximo das suas instações lhe são reservados.

O instrutor desportivo é o professor primário, que na sua passagem pela Escola Normal aprendeu a educação física e a prática dos desportos com o mesmo cuidado que a matemática ou a pedagogia.

Nos liceus e escolas secundárias praticamente freqüentadas pelas crianças dos 13 aos 18 anos, a importância concedida ao exercício físico é ainda maior. Os trabalhos intelectuais são concentrados nas horas da manhã, das 9,30 até à uma hora da tarde, apenas com um quarto de hora de intervalo e livre expansão; da uma hora às quatro todos os alunos se entregam à prática do desporto de sua preferência, dirigidos na quási totalidade dos casos pelos próprios professores das disciplinas escolares.

No colégio de Westminster, que ao acaso citamos para exemplo, pratica-se o football, o cricket, o tennis, o remo e a natação, a esgrima e o box e sobretudo o atlétismo ao qual nem um só aluno se esquiva.

As instalações desportivas do colégio ficam dispersas pela cidade e arredores: em Viucent Square, dois terrenos para football, dois para cricket e uma pista relvada; em Grove Park, dez terrenos para football e outros tantos para cricket; vinte cortes de tennis em Rochamptou, uma piscina em Westminster Base e "boat-house" em Putney.

Seis "autocars" fazem diàriamente o serviço de transporte dos estudantes, levando-os às duas horas para os diferentes terrenos e trazendo-os para a escola às seis horas.

Acrescentemos à lista um magnífico gimnásio, instalado no próprio edifício escolar para mais fácil acesso.

Em alguns colégios existe uma associação desportiva, dirigida pelos alunos e apenas fiscalizada pelos mestres, e que é apenas a entidade rosponsável por tôda a actividade desportiva e escolha de equipas representativas; mas em Westminster nem tal organização existe, a liberdade é completa e no entanto tudo corre normalmente e a tempo próprio.

Nas Universidades, por fim, o incremento do desporto atinge o auge; cada uma das escolas que as compõem, e só em Oxford são vinte e dois com uma população global de quatro mil estudantes, é um autêntico grande club dotado dos recursos mais modernos e cujos membros são sujeitos à mais rigorosa preparação técnica.

Só numa destas grandes universidades se encontram mais desportistas convenientemente preparados do que em Portugal inteiro. No entanto, tôda esta actividade representa apenas o desenvolvimento natural de tradições seculares, nácicas, sem o mínimo vislumbre de esfôrço preconcebido; o desporto não é obrigatório, mas todos os estudantes o praticam voluntàriamente ao sabor das suas preferências e na medida das respectivas possibilidades. Duma reportagem recente do redactor de "L'Auto" Robert Perrier, recortamos as seguintes declarações características feitas pelo reitor do University College de Oxford: "Alegra-nos poder afirmar que em Oxford se pratica o desporto por desporto, sem o objectivo da vitória. Aprendemos com os nossos mestres, e transmitimos essa doutrina aos nossos alunos, que o desporto não tem em si finalidade própria. O que importa acima de tudo é jogar correctamente, honestamente, respeitando sempre o "fair play", — expressão britânica que é empregada pelos desportistas de tôdas as nacionalidades — e ganhar um encontro é facto de importância secundária.

O triunfo que encanta aqueles a quem a paixão desportiva arrastou, a nós apenas traz satisfação sem despertar entusiasmo."

■

As competições inter-universidades ocupam no calendário do desporto inglês um lugar destacado, e algumas, como a regata anual Oxford-Cambridge que há poucas semanas foi disputada no Tamisa pela 89.ª vez constituem um dos acontecimentos máximos da vida desportiva londrina.

Esta prova, uma das mais antigas e que maior influência exerceu na evolução do espírito do desporto em Inglaterra, realizou-se pela primeira vez em 1829, por iniciativa do club de remo de Cambridge que convidou a tripulação de Oxford para uma regata em Henley, pertencendo a vitória aos segundos.

Só em 1836 voltou a disputar-se oficialmente a prova, desta vez favorável a Cambridge que chegou à meta com um minuto de avanço.

Dessa data até à actualidade, com pequenas interrupções a regata prosseguiu suscitando entusiasmo crescente, contando Cambridge 47 vitórias e Oxford 41; a vitória dos "oxonians" na corrida dêste ano assume significado especial pois interrompe uma série de treze êxitos consecutivos do adversário.

O outro acontecimento mais popular da actividade do desporto inglês é a final da Taça de Inglaterra em football, competição clássica de créditos firmados e que anualmente leva cento e vinte mil pessoas ao grandioso estádio de Wembley; mestres do jôgo que o seu país foi o primeiro a regulamentar na sua feição contemporânea, os profissionais britânicos capricham na conquista dêsse trofeu que para êles representa a consagração máxima.

Mas muito mais teríamos que citar se quizéssemos fazer referência a tôdas as provas da temporada inglêsa aureoladas de fama universal; são as regatas de Henley, os campeonatos de tennis em Wimbledon, as competições internacionais de golf e de cricket, o torneio britânico de rugby, o cross das nações, outras tantas lutas consagradas de modalidades desportivas cujos nomes soam aos nossos ouvidos num idioma a certificar-lhes a origem.

Podem outras raças, outros povos, alcançar pela preparação intensiva ou pela especialização forçada maior classe e superioridade em competições internacionais; mas ainda e sempre, o desporto de conceito elevado, cavalheiresco, nobre, educativo, é e será um produto britânico.

Salazar Carreira.

O primeiro encontro de rugby entre a Inglaterra e a Escócia foi jogado em 1872 e apresentado num ilustrado inglês pela gravura que reproduzimos

A final da Taça de Inglaterra, no Estádio de Wembley, atraí público tão numeroso que em 1923, a assistência invadiu o campo à ménagua de lugares onde sentar-se

Um aspecto do encontro Inglaterra-Escócia em 1936, contrastando singularmente com o de 1872

«GOD SAVE THE KING!»
SALVÈ, INGLATERRA!

A hora presente é tôda cheia de inquietações e cuidados. Das agruras da vida, atribulada já, que se antolha povoada de enigmas difíceis de resolver e que têm absorvido a atenção dos espíritos mais atilados de tôdas as chancelarias do glôbo, por mais que a gente queira reagir, buscando para elas distrações e atenuantes, não podemos desinteressar-nos completamente.

É preciso, realmente, um choque formidável, para que os nossos olhos se voltem para outros horizontes mais fagueiros.

Os nossos nervos, cansados de tanta luta, só despertam com qualquer clamor forte que sôe aos nossos ouvidos e nos abale a sensibilidade, como um gigantesco pregão.

E êsse clamor, essa voz portentosa, veio-nos de além-Mancha, o canal glorioso que conheceu a primeira travessia aérea da aviação, "performance» arrojada do inesquecível Blériot.

Já há pouco, a nossa alma, triste por tantas desgraças e maldades que vão pelo mundo, se comoveu e esqueceu, por momentos, os seus melindres, com êsse gesto, simpático para nós, mulheres, de um rei da altiva e poderosa Albion, que por amor renunciou a grandezas e festas, e antes quiz ajoelhar aos pés da mulher amada, do que ter o mundo ajoelhado à sua beira.

■

Agora, de Inglaterra nos chegam vozes mais altas e gritos de júbilo, que vão ecoando por tôda a terra civilizada, acordando-a em sobressalto.

Um novo rei, êsse já preso pelos laços do amor a uma espôsa gentil, e a pequeninas cabeças loiras, fruto abençoado de tão feliz união, vai subir os degraus do trono mais poderoso e mais brilhante do mundo, pelas suas tradições ricas de pitoresco, de heroísmo, e de elegância moral.

Esse ceptro que Henrique VIII brandiu com espírito e bonhomia, a que não faltou o gládio da justiça, que sua filha Izabel, a rainha-vírgem, esmaltou com o seu tacto administrativo e essa mesma ânsia de engrandecimento da pátria que foi timbre de seus antepassados; êsse ceptro, onde todos os olhos do universo põe suas miradas, vai ser empunhado por um novo rei que será um digno continuador da obra de paz e de prosperidade de seu pai, o saüdoso Jorge V.

Este novo rei é como uma nova aurora que desponta no céu, só com a diferença que ninguém sabe se êsse alvor será seguido da tranqüilidade dum dia de sol esplendoroso ou do aborrecimento de núvens negras carregadas de chuva e de tristes presságios, e que todos nós sabemos que à Inglaterra o seu novo soberano dá, pelo seu passado e pelo seu carácter recto laivado de bondade, a garantia suficiente duma era próspera e venturosa.

■

Lindas mãos de fadas bordam o manto da sua rainha, ensaiam-se vénias cerimoniosas, afinam-se as mais diversas charamelas, emquanto que em todos os corações vibram as notas dêsse lindo hino inglês, em que o rei é sempre o motivo predominante, porque é êle o símbolo da própria Inglaterra: "God save the King!» o mesmo é dizer, o mesmo é gritar: Salvé, Inglaterra, rainha das ondas!

Para nós, portugueses, estas festas da nossa aliada são como se nossas fôssem, e com elas rejubilamos e apetecemos à nossa amiga tôdas as felicidades, tôdas as glórias que para nós ambicionámos.

Inglaterra e Portugal completam-se maravilhosamente: Um marinheiro arrojado, afeito a tempestades e ventos que muito longe o levariam victorioso, a outra, soberana incontestada dos mares, mareante ilustre, de temida perícia, par formosíssimo de gentileza e bravura.

O laço que os prende é feito de amor e lealdade, um amor com raizes fundas, uma lealdade cimentada pelo brio e cavalheirismo que são a divisa comum das duas partes contractantes.

■

Portugal, terra florida onde o amor devia ter nascido — e quem sabe se não foi aqui a primeira estância de Adão e Eva — não tem mais poetas de amor do que a sua aliada.

Por entre o nevoeiro e os fumos do Tamisa, erguem-se Musas inspiradoras e amores florescem, ardentes e entusiastas como os nossos, talvez mais sinceros, porque todo o seu calor lhes vem da alma, sem a cumplicidade deste nosso lindo sol que às vezes no amor só aquece a superfície, deixando-o gelado por dentro...

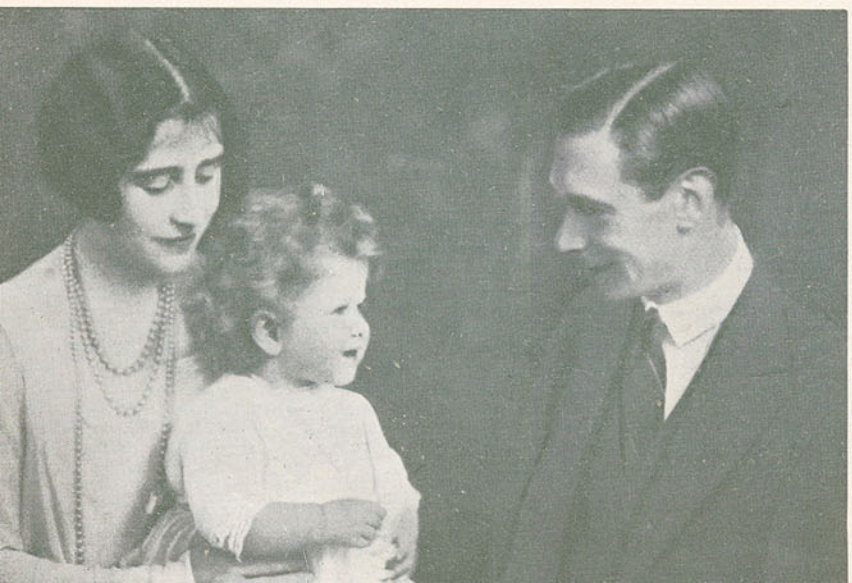
Terra alfobre de génios, que vão de Shakespeare a Chaplin — o filósofo risonho; das insinuações cáusticas de Wilde, às fantasias de Wells, de Byron, o coxo imortal, a Shelley, o poeta do amor, por excelência, que repousa seus restos mortais no grandioso cenário de Westminster.

E dele recordo a sua filosofia do amor — *Love's philosophy*, que diz assim:

The fountains mingle with the river,
And the rivers with the ocean;
The winds of heaven mix for ever
With a sweet emotion;
Nothing in the world is single;
All things by a law divine
In one another's being mingle; —
Why not I with thine!

A primeira estrofe chega para avaliar o grande poeta, glória da sempre gloriosa Inglaterra. Se êle da pedra sepulcral se erguesse, seria para gritar connosco: "God save the King!» que seria o mesmo que bradar aos quatro cantos do Universo: — Salvé, Inglaterra, rainha das ondas!

Mercedes Blasco.



O actual soberano com sua esposa e a princesinha Isabel quando esta tinha apenas três anos de idade

ZANZIBAR — MODÊLO DO MUNDO

Uma guerra que durou trinta e sete minutos

QUANDO se fala na possibilidade duma nova guerra, logo os pacifistas enumeram os tremendos horrores que uma tal calamidade viria desencadear sôbre os povos. Citam então as pavorosas tragédias da conflagração de 1914, visto estarem ainda bem presentes na nossa lembrança.

Quatro anos de guerra! Foram quatro anos!... Para quem assistiu a êste flagelo representa quatro séculos intermináveis.

E, no entanto, ninguém se lembra já do que teria sido a tão celebrada guerra dos cem anos travada entre ingleses e franceses, que começou em 1337 e se estendeu até 1453. Cento e dezasseis anos de guerra em que as armas passaram de pais para filhos e para netos, numa fúria sempre progressiva e sinistra!

Ninguém se preocupa já com a guerra dos trinta anos que envolveu os príncipes da Alemanha partidários da Reforma contra o imperador e os príncipes católicos, e que durou desde 1618 a 1648.

Ninguém se recorda já da guerra santa proclamada por Abu Bekr, sogro e sucessor de Mahomet para introduzir o islamismo na Síria, e que durou sem interrupção vinte e três longos e ensangüentados anos.

Ora, não sendo possível acabar de vez com êste flagelo, visto o homem primar cada vez mais em ser o lobo do homem, graças ao poderoso auxílio da civilização, ao menos, reduzam-no tanto quanto esteja ao alcance dos seus empresários. Assim, a guerra dos cem anos poderia ficar reduzida a seis meses, e a dos trinta anos a duas semanas, quando muito.

A guerra de Zanzibar, deflagrada há quarenta anos, poderia servir de modêlo.

Foi o que em matéria guerreira poderia ser levado a cabo, com mais perfeição e limpeza.

O sultão de Zanzibar, orgulhoso dos seus antepassados que considerava semi-deuses, não se sentia bem sob a tutela britânica.

Desde o tempo de Marco Polo que Zanzibar se mostrava em plena florescência com o seu colossal mercado de escravos da África Oriental em contínuas e activas relações com a Índia. Quando Vasco da Gama, no regresso do seu grande empreendimento, visitou em 1499 esta ilha, cubiçou-a a tal ponto que, tempos depois, era ocupada pelos portugueses. No século XVII, os sultões de Mascate, que eram os poderosos senhores de tôda a costa africana do leste, tomaram Zanzibar, explorando-o com verdadeira voracidade. Isto não agradava aos sultões de Zanzibar que procuravam a primeira oportunidade para sacudir a tutela dos soberanos de Mascate. A sua aspiração foi conseguida, em 1861, com o auxílio da França dado em troca de certas compensações. Vinte e quatro anos depois, o sultanato de Zanzibar tornava-se alvo de cubiças, tanto da parte da Inglaterra como da parte da Alemanha. Ao cabo de cinco anos de negociações, a Alemanha reconheceu o protectorado exclusivo da Inglaterra sôbre Zanzibar e Pemba em troca duma possessão da costa africana situada em frente da ilha e mediante o abandono pelos ingleses da ilhota de Helgoland, no Báltico.

E, assim, foi assinado o tratado de 14 de Junho de 1890.

Mas o sultão de Zanzibar é que não se conformava com esta transmissão de poderes em que todos mandavam, menos êle...

Julgava-se único senhor da sua ilha magnificamente ensombrada por cedros gigantescos, contemplando o seu porto tão abrigado por quatro pequenas ilhas, reünidas ao norte e ao poente, por bancos de coral.

Afagava o sultão a sua enorme riqueza, aumentada, dia a dia, pela fértil produção de cacau, borracha, resinas e cereais, que os seus subditos acrescentados por legiões de árabes e escravos negros, faziam prosperar com o seu infatigável esfôrço.

Além disso, o comércio de marfim, de peles e de cravinho davam-lhe um rendimento fabuloso, embora se afirmasse que a sua renda anual, não sendo fixa, podia ser calculada em cem mil libras esterlinas.

Vem a propósito dizer que esta produção do cravinho não tinha grandes tradições em Zanzibar, pois as primeiras plantas desta espécie haviam sido levadas ali das Ilhas Maurícias em 1840. Pois cinqüenta anos depois, a produção de cravinho em Zanzibar atingia quatro quintos da produção total no mundo, chegando a exportação a elevar-se a 80 mil libras esterlinas por ano!

Como poderia o sultão aceitar a sujeição que lhe impunham quando mais desejava expandir o poder formidável que os seus antepassados lhe tinham legado!

Revoltou-se, portanto.

No mês de Agosto de 1896, o sultão de Zanzibar, dando largas ao seu ardor bélico, declarou guerra à Inglaterra.

Mal a atrevida declaração tinha chegado a Londres num tão lacónico quão expressivo telegrama, já o Govêrno inglês enviava ordem a um cruzador britânico que se encontrava nas costas de Zanzibar, no sentido de bombardear o palácio do sultão. A ordem foi executada, acto contínuo e, em poucos minutos, a sumptuosa moradia ficou reduzida a um montão de escombros. Como andasse a bordejar ao longo do porto o único barco de guerra que o belicoso sultão possuía, o cruzador inglês, como estava com as mãos na massa, meteu-o a pique. Em tais casos, não há como cortar o mal pela raiz, a fim de se evitar um mal piór.

O sultão, vendo-se perdido, poz-se em fuga, e uma bandeira branca foi içada no alto do que ainda ficara do palácio. Tudo isto decorreu no curto espaço de trinta e sete minutos, podendo dizer-se que foi esta a guerra mais curta que a História regista.

Se todas as guerras fôssem assim!

Zanzibar

PÁGINAS FEMININAS

A criança inglesa é uma das mais felizes da Europa. A sua vida decorre com um ritmo e uma organisação, que a faz desenvolver como um exemplar perfeito da raça humana, e num equilibrio absoluto de nervos.

Os ingleses com a compreensão nitida da higiene infantil, não só a higiene física, mas também a moral, afastam por completo as crianças da vida dos adultos.

Logo que a criança nasce, escolhe-se o melhor quarto da casa, que é destinado á «nursery», ali o bébé vive no mais completo sossego, entregue aos calmos cuidados duma «nurse», que sabe como se tratam crianças, numa vida regular, que ajuda a criança a desenvolver-se. Mais tarde, vive a sua vida até á idade de entrar para o colégio numa paz e num método que lhe mantem os nervos numa saude perfeita.

Ha quem veja nesta maneira de ser dos pais ingleses, egoismo e pouco amor aos filhos... Que grande erro! Egoismo é, para satisfazer um amor mal compreendido, ter sempre a criança misturada á vida da familia, aos seus choques, ao acaso do seu humor e ao estado de desafinação de nervos, dos pais e pessôas de familia a quem as contrariedades da vida azedam o ánimo.

Logo que a criança nasce, por amor e ternura, passa a sua vida nos joelhos daqueles, que a adoram e a sujeitam sem inteligência a estremecer á suas discussões, ás suas gargalhadas, a um grito mais alto, desafinando-lhe logo de entrada no mundo, o delicado sistema nervoso.

Quando a criança cresce, vive entre todos, ouvindo discutir coisas que a sua inteligência não compreende completamente, mas que o seu instinto lhe faz sentir que deve fingir não ter ouvido, e, de aí esse ar de precocidade, que impressiona nas crianças latinas, que faz delirar os pais em face da inteligência dos filhos, e estremecer de piedade aqueles, que pela criança têm um verdadeiro interesse e que têm neles, não um instrumento de vaidade paternal, mas entes que mais tarde terão de ser uteis ao seu país e criaturas equilibradas que possam ter um destino útil.

A vida da criança inglesa é a mais feliz, porque os pais vigiam atentamente para que nada lhe falte, do que pode ser-lhes util. Além dos brinquedos, da vida tranquila da «nursery» a criança, tem o seu passeio quotidiano, a sua alimentação separada, a sua maneira de viver, que lhe permitirá desenvolver-se fisicamente na mais completa perfeição. Poucas crianças feias se vêem nesse país, em que os parques são povoados da mais linda flôr humana: o bébé inglês.

Loiro, rosado, fresco, vestido com a maior simplicidade, goza a felicidade do seu passeio com uma alegria sã de animalzinho perfeito, não tem talvez as graças da infância precoce, mas lê-se na serenidade dos seus olhos azuis, a inteligência normal duma criatura equilibrada e perfeita, que desperta para a vida numa sã inocência.

O «self control» inglês, essa qualidade magnifica que dá ao inglês êsse fleugma tão apreciável para quem quer dominar a vida, e não ser por ela dominado, vem-lhe da maneira como passa a sua infância, longe dos bruscos sobressaltos da vida, mas orientado e educado por quem profissionalmente o sabe fazer e a quem um exagerado amor não cega.

O desporto é-lhe indicado desde que a sua idade e inteligência lho permitem e acaba de disciplinar a índole do inglês, porque aprende a dispender a sua energia, subordinando-a a leis, aprende a perder e ganhar, o que é uma força na vida, que a maioria dos outros povos não têm, e que faz com que o inglês saiba «play fair». jogar e viver com correção.

Essa correcção é a base da educação inglesa. Quando uma criança disparata, não lhe batem, não a insultam, dizem-lhe apenas: «Be a gentleman», seja um cavalheiro. E quando se lhe diz que não é um «gentleman» ou uma «lady» a criança desfaz-se em lágrimas, sentidissima de não ser um ente superior e rebaixada a ser uma criatura de vulgar educação, sem requintes de gentileza.

Esta é a melhor forma de educação, a que eleva e levanta o moral fazendo da superioridade um ideal, que todas querem atingir. E é êsse desejo de elevação que dá ao povo inglês a dignidade que o distingue.

A criança inglesa é sem dúvida a mais feliz das crianças e a mais bem educada e é desse cuidado e atenção para com o bem estar da criança, – cuidado que faz parar por completo o tráfico das movimentadissimas ruas de Londres, para atravessar um carrinho de bébé – que vem a grande força dum povo, que é sem dúvida um dos mais educados e distintos de toda a velha Europa.

Maria de Eça.

A moda

Sendo uma única e dependendo da ditadura de Paris; a moda, em pequenos detalhes, difere de país para país. Se ao percorrer a Europa, olharmos atentamente a mulher, fazendo atenção á sua maneira de vestir, veremos, que se no todo as mulheres usam as mesmas coisas, o mesmo corte no vestido, os mesmos chapeus, nos detalhes, na maneira de usar essas mesmas coisas, ha uma grande diferença assim como na maneira geral de se apresentar. A alemã não veste como a francesa, a italiana como a espanhola, a portuguesa como a belga. Cada uma tem a sua maneira de usar a mesma moda.

Foi sempre assim e assim será sempre. A mulher inglesa tem a sua maneira de vestir que muito se distingue de todas as outras e quem está habituado a viajar e conhece bem Londres, sabe que nas suas lojas sumptuosas, nos seus enormes armazens encontra o melhor fornecimento que se pode sonhar e que a moda de Londres é sempre a mais avançada.

Damos hoje alguns modelos lindos de «toilettes» que demonstram essa originalidade e êsse «chic» muito especial como «deshabillé» um lindíssimo conjunto de duas peças em crépon de seda azul claro, guarnecido com um largo galão em prata, botões do mesmo metal e soutache prateada. A comodidade deste trajo que é sem mangas e decotado e que o pequeno casaco torna abrigado, salta aos olhos de todas e tem um «chic» indiscutível, não só pela sua fórma original como pelo lindo tecido em que é confeccionado.

Para andar de manhã no jardim para campo e praia, nada mais próprio, simples e engraçado do que êste vestido de «cretonne» estampado original e gracioso com as suas mangas curtas e a sua gola alta, esta «toilette» da maior simplicidade é graciosamente completada com as sandálias brancas em pelica. As sandálias continuarão a usar-se êste verão e são sem dúvida, um calçado da máxima comodidade tornando-se no tempo quente, quasi imprescindíveis.

Para ceremónia, vestido em setim preto da máxima simplicidade, como única guarnição uma linda joia moderna em brilhantes e como complemento luvas altas em pelica «glacée», o pequenino chapeu é um «calotte» em palha guarnecida com setim igual ao do vestido e um ligeiro veu graciosamente disposto.

E' um conjunto da maior distinção e sobriedade, qualidades estas que em geral andam ligadas na moda.

Para a noite, uma linda «toilette» de baile da maior originalidade em veludo «chiffon» preto tem como guarnição tufos de pluma preta, dispostas com a maior graça e elegância. As mangas compridas e o decote pequeno dão uma nova feição aos vestidos de noite. Para que não haja dúvida de que se trata dum vestido de grande «toilette», as sumptuosas joias em brilhantes usadas com êste vestido, atestam ser uma «toilette» de gala e do maior luxo.

O diadema e os colares que tinham sido abandonados voltam a usar-se e as pulseiras em brilhantes que as acompanham demonstram bem como a moda varia» e que voltamos a usar os adereços completos, que tinham sido postos de parte.

E' um conjunto de alta elegância, para «toilette» de côrte usam as inglesas estes lindos vestidos. Este é em crepe côr de rosa, «perlé» de prata na cauda e no «fichu» que guarnece o decote. O veu em tule e as plumas são indispensáveis nesta «toilette» assim como as luvas altas em pelica branca e o ramo de flores, com as fitas em setim da côr do vestido.

A moda em Inglaterra é sempre da máxima simplicidade nas «toilettes» de manhã e de rua e da maior elegância e riqueza dos vestidos de «toilette» e de ceremónia e á noite não há mulher que vista com mais riqueza e luxo do que a mulher inglesa e que o seu gôsto é dos mais «chics».

Os arredores de Londres

Poucas cidades têm uns arredores tão lindos como Londres. Em volta da imensa cidade de pisada atmosfera, de movimento ensurdecedor, de agitação enervante, cidade de trabalho e de luxo, cidade de prazer e de miséria, uma das que mais dá a impressão de agitação da vida humana, ha mais suaves as mais dôces e idílicas paisagens, que se podem sonhar.

O Tamisa que ao atravessar com a sua torrente impetuosa a grande cidade toma uma côr lívida; que espelha nas suas águas, a grandiosidade do Parlamento, o temeroso da Torre de Londres, o trabalho incessante das fábricas, e a miséria trágica, que sem ter onde alojar-se dorme sôbre jornais nas lajes luminosas do «Embankment». Torna ao deixar a cidade o tom transparente e delicioso do regato que atravessa planíces de «miosatis» num recanto ignorado.

Em Richmond apresenta-nos as suas lindas águas, que as margens emolduram de frescas relvas, deslumbrantes flores e terraços que se debruçam dos palácios para ver correr essas águas transparentes e puras. Em Windsor é o mais sumptuoso palácio do mundo, que do alto o domina demonstrando-lhe que a sua beleza tem de refletir e espelhar a força que representa.

Em Maidenhead, as suas doces margens, que elegantes restaurantes guarnecem, dum lado e de outro parecem dizer-lhe, quando iluminadas á noite, por festões e grinaldas, de flores de vidro, que a luz eléctrica anima, que espelha a alegria da mocidade que dança.

O Tamisa e as suas margens de esmeralda, esmaltadas de coloridas flores são as confidentes de todos os namorados de Londres, que embalam em pequenos barcos, ao som do gramofone em frente do serviço de chá, um ramo de flores, os seus sonhos de amor.

E não há paisagem mais doce, ambiente mais próprio para um terno idílio, suave e puro, do que o que á humanidade oferecem os arredores de Londres e as lindas margens do Tamisa.

O chá das cinco horas

Ao soar das cinco horas tôda a gente em Londres, toma o seu chá. É um rito da vida inglesa, a que ninguém falta, será mais fácil a um londrino ficar sem almôço do que sem chá e é bem a vida inglesa, que a hora do chá reflecte. Em todos os armazens há os mais encantadores «tea rooms».

Por tôda a cidade se encontram as casas de chá, em todos os escritórios os empregados tomam o chá das cinco horas, êsse chá que transplantado para o continente tomou um ar de elegância exclusiva, é o hábito de todo um povo.

E em parte nenhuma se servem chás como os de Inglaterra, a deliciosa bebida é sempre apresentada com elegância, as finas fatias de pão branco ou escuro têm sôbre elas a mais deliciosa manteiga. Os bolos de chá ingleses são os melhores, sem exageros de açúcar, são aqueles que àquela hora apetecem e a verdade é que em parte nenhuma se serve o chá como na Inglaterra e não há povo que saiba tomá-lo como o povo inglês.

Higiene e beleza

Uma das maiores belezas das inglesas é a cabeleira. Cabelos loiros, leves, sedosos, brilhantes e abundantes como se vêem em Inglaterra não é fácil ver-se em qualquer outro país.

Esta beleza é devida, em parte, ao grande tratamento que a mulher inglesa, faz aos seus cabelos. Não há mulher em Inglaterra que seja apurada na sua «toilette» que antes de se deitar não escove cuidadosamente a sua cabeleira tirando-lhe tôda a poeira que se acumula na cabeça durante o dia.

De mês a mês lava a cabeça e eis uma receita de «shampoo» que se faz em casa e dá o melhor resultado: Saporina 20 gramas, álcool a 90° 150 gramas, água de rosas 800 gramas, essência de amêndoa amarga 1 grama. Depois de bem esfregado e limpo o casco e o cabelo, passa-se em águas limpas, até estar completamente lavado. Não tendo secador eléctrico, enxuga-se com toalhas quentes e logo que está bem sêco aplica-se no casco a seguinte loção: Oleo de amêndoas doces 60 gramas, essência 20 gotas. Em pouco tempo o cabelo está sedoso, farto e brilhante. No caso de haver queda a pilocarpina cuida êsse mal e qualquer cabeleira rivalisa com a das mulheres inglesas.

Receitas de cozinha

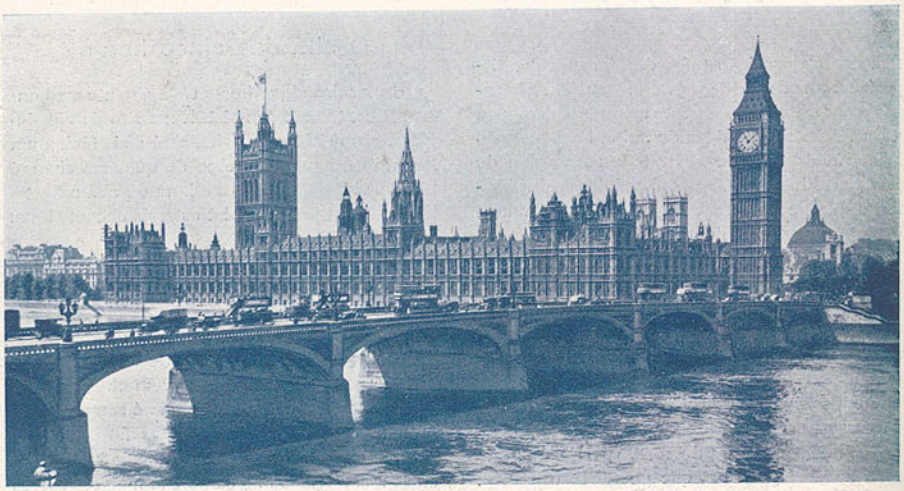
Ovos reais: Açúcar 250 gramas, em ponto de bola, tira-se para fora, deixa-se esfriar, juntam-se 16 gemas batidas, vai ao lume a enxugar, tira-se e juntam-se quatro claras batidas em castelo, mexe-se tudo muito bem e deitam se na vasilha em que são servidas.

Tosquiadas: 250 gramas de amêndoa pisada, 250 gramas de açúcar, duas claras de ovos. Bater as claras em castelo, juntar o açúcar batendo sempre, juntar a amêndoa, bater tudo com uma colher, pôr num tabuleiro aos montinhos. Vai ao fôrno a aloirar.

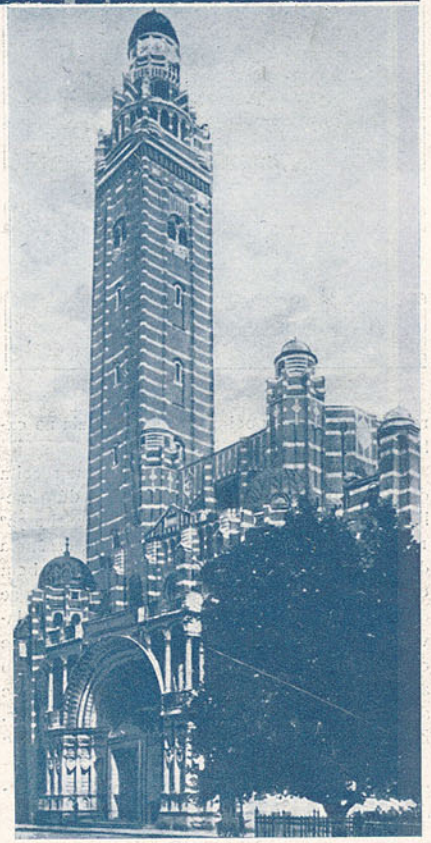
De mulher para mulher

Betty: Não seja tontinha, as coisas na vida nunca se passam como nos romances, é completamente diferente, não se desiluda por tão pouco, tome a vida pelo lado prático é a melhor maneira para ser feliz e não ter desilusões.

VISTAS BRITÂNICAS

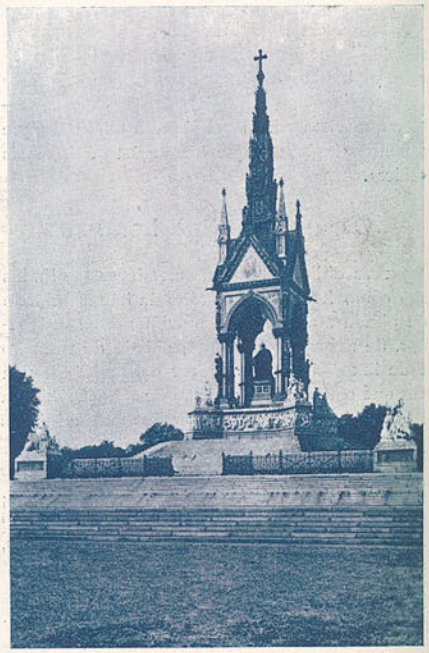


O imponente aspecto do Parlamento, vendo-se a Ponte de Westminster, sob cujas arcarias as águas passam serenas, fleumáticas consoante a índole britânica



A catedral de Westminster que constitui um dos mais justificados orgulhos londrinos

A catedral de S. Paulo em tôda a sua vetustez que lembra a de S. Pedro em Roma



O monumento comemorativo do príncipe consorte Alberto de grata memória

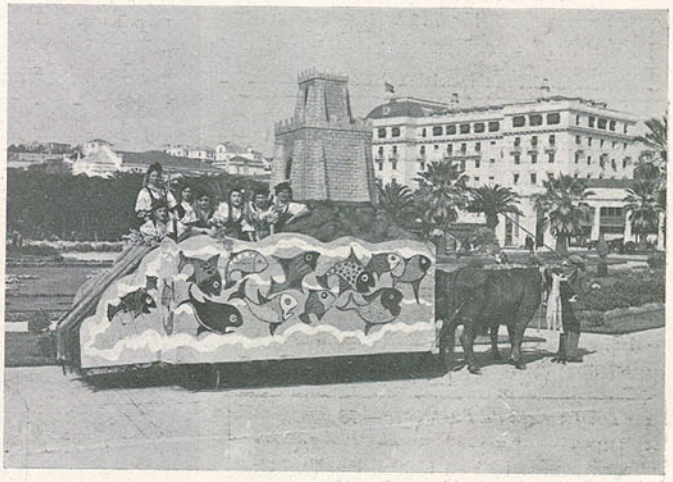
O Hyde Park, que tantas recordações deixa a todos os estrangeiros que visitam a opulenta capital inglesa

Um aspecto do Buckingham Palace, vendo-se o monumento comemorativo da tão amada e saudosa Rainha Vitória

ACTUALIDADES DA QUINZENA

Os srs. almirantes Mata Oliveira (1) e Almeida Henriques (2) que assumiram as funções, respectivamente, de Chefe do Estado Maior Naval e Superintendente da Armada, rodeados pela oficialidade que assistiu às cerimónias da posse. Os dois almirantes foram depois recebidos pelo sr. ministro da Marinha, a quem fizeram a sua apresentação

No Parque Estoril realizou-se com grande animação e extraordinário brilhantismo uma batalha de flores, a festa da Primavera, a que assistiram muitos milhares de pessoas. Estabeleceu-se um «corso» que durou até ao anoitecer. A gravura mostra um dos carros que abrilhantou a festa



A batalha de flores do Estoril foi, em boa verdade, um festival brilhantíssimo, digno das tradições desta formosa estância e que bem merece os maiores aplausos, graças aos esforços da Sociedade de Propaganda da Costa do Sol que não se poupa a sacrifícios para realizar o seu programa

Em Vila Nova de Famalicão, os srs. ministro do Comércio e Indústria e sub-secretário de Estado das Corporações e Previdência Social assistiram ao desfile de muitos milhares de trabalhadores que, em manifestações de caloroso entusiasmo, aclamaram a obra do Govêrno. As nossas gravuras mostram dois aspectos do imponente cortejo que deve ficar memorável

SECÇÃO CHARADÍSTICA

Desporto mental

NÚMERO 82

DICIONÁRIOS ADOPTADOS

Cândido de Figueiredo, 4.ª ed.; Roquete (Sinónimos e língua); Francisco de Almeida e Henrique Brunswick (Pastor); Henrique Brunswick; Augusto Moreno; Simões da Fonseca (pequeno); do Povo; Brunswick (antiga linguagem); Jaime de Séguier (Dicionário prático ilustrado); Francisco Torrinha; Mitologia, de J. S. Bandeira; Vocabulário Monossilábico, de Miguel Caminha; Dicionário do Charadista, de A. M. de Sousa; Fábula, de Chompré; Adágios, de António Delicado; Dicionário de Máximas, Adágios e Provérbios, de Jaime Rebêlo Espanha; e Dicionário de Sinónimos, de J. S. Bandeira.

CORREIO

Dr. Sicascar — Luanda — Agradeço a sua prezada carta de 30 de Março findo. Quanto aos colaboradores, não vale a pena ralar-se.

Eu sei de sobejo quanto valem e representam, em regra, as promessas dos nossos confrades — salvo as honrosas excepções, que as há, felizmente. Renovo, entretanto, os meus agradecimentos ao caro confrade pelo interêsse demonstrado pela minha secção e pelo evidente desejo de me ser agradável.

Afonso Lamares Pe eira — Faro — Estou ao inteiro dispor do confrade. Queira informar-me de quanto necessita para lhe responder particularmente. E' conveniente frisar os pontos em dúvida para um esclarecimento rápido.

Sôbre o resto é como diz; mesmo folheando e comparando as secções atrasadas fàcilmente chega a essa conclusão. Nada tem que me agradecer.

APURAMENTOS

N.º 73

PRODUTORES

QUADRO DE DISTINÇÃO

X 505
N.º 17

QUADRO DE CONSOLAÇÃO

MARIA LUÍZA
N.º 16

OUTRAS DISTINÇÕES

N.º 8, Dr. Sicascar

DECIFRADORES

QUADRO DE HONRA

Decifradores da totalidade — 18 pontos

Alfa-Romeo, Frá-Diávolo, Cantente & C.ª, Gigantezinho, José da Cunha, Fan-Tan, Oldemiro Vaz, Pérola Negra, Rei Mora, Calaveras.

QUADRO DE MÉRITO

Ti-Beado, 17. — X 505, 17. — Capitão Terror, 17. — Salustiano, 17. — Rei Luso, 17. — Só-Na-Fer, 17. — Só Lemos, 14. — Sonhador, 14. — João Tavares Pereira, 14. — Dr. Sicascar (L. A. C.), 14. — Lamas & Silva, 10. — San-Fer, 10.

OUTROS DECIFRADORES

Elsa, 9. — D. Dina, 9. — Lisbon Syl, 7. — Aldeão, 6.

DECIFRAÇÕES

1 — Ca b a -bala-cabala. 2 — Calei leira-caleira. 3 — Barca-calão-barcalão. 4 — Mastigado. 5 — Limonada. 6 — Faceto. 7 — Lipera-lira. 8 — Labuta-lata. 9 — Magusto-mato. 10 — Fábula-fala. 11 — Nacada-nada. 12 — Caneco-caco. 13 — Sarda-o-ão-inha. 14 — Asado (Ás-a-dó). 15 — Praça-o-ão. 16 — *Ato-tômo-átomo*. 17 — *Esfolador*. 18 — Em Maio rafeiro é galgo.

TRABALHOS EM PROSA

MEFISTOFÉLICAS

1) Não, *senhor!* o meu modo *brando* não me permite *meter em dificuldade* os outros... (2-2) 3.

Lisboa — *Filho d'Algo*

2) Quem «*viver*» sem *soltar* um ai por fôrça deve *aumentar* o seu sofrimento. (2-2) 3.

Lisboa — *Maine Chance*

3 Tenho *aversão* ao *remendo nos calcanhares das meias*, por causa do *tumor* que provoca. (2-2) 3.

Luanda — *Ti-Beado.*

NOVÍSSIMAS

4) Sou *sincero* e *simples* nesta riqueza e *abundância* em que vivo. 1-2.

Lisboa — *Kid Nyo*

5) Entre a realidade e a *aparência* há um *abismo* a *levantar*. 1-1.

Lisboa — *Nita*

6 Procurar o *rumo* pela *viração* é perder a esperança de se *orientar*. 2-1.

Lisboa — *Pingüim*

7) *O que não existe* pode causar *pena* ao *que sabe nadar?* 2-1.

Luanda — *Ti-Beado*

SINCOPADAS

8) Na *madrugada* de hoje senti uma *aragem* que me fêz bem. 3-2.

Luanda — *Dr. Sicascar (L. A. C)*

9) *Pessoa que de tudo tem mêdo* não é *mulher brejeira*. 3-2.

Lisboa — *Maine Chance*

10) Um *bêbado* infunde-me sempre *terror*. 3-2.

Lisboa — *Moreninha*

11) Um bom «*carácter*» poucas vezes *existe*. 3-2.

Lisboa — *Ordísi (T. E. e L. A. C.)*

TRABALHOS DESENHADOS

16) ENIGMA PITORESCO

TRABALHOS EM VERSO

ENIGMAS

12) No meu princípio, quando pequenino,
Eu brincava contente amando a vida...
Todo eu era *graça* bem florida,
Discrição própria de um ser tão ladino!

Depois ao meu encontro o mau destino
Veio depor a *intriga* fementida
Numa atracção funesta, desmedida,
Transformando o meu vulto inda franzino...

Como se não bastasse tal enrêdo
Surgiu também a *angústia*, em dia tredo,
A completar aquela maldição!

Cumpria-se o meu fado, amarga sorte...
Estava feito um ente de vil porte,
Um criminoso autêntico... um *ladrão!*...

Lisboa — *Ordísi (T. E. e L. A. C.)*

MEFISTOFÉLICAS

13) Que nada *entendo* de luta
Dizes tu! — Quem me suplanta?
Bato todo o contendor...
Palavra — não é *garganta*... 52-2) 3.

Lisboa — *D. Solidão*

NOVÍSSIMAS

(Cumprimentando os ilustres confrades)

14) Sucedeu na sexta-feira
Passear pelo Chiado,
Foi galinha verdadeira...
Dia azarento e danado!

Mulheres vi-as às grosas,
Saltitantes, sempre belas,
Sempre lindas, vaporosas,
Como airosas filomelas.

Mas quando alguma fixava
— Ó maldita sexta-feira! —
Nem sequer p'ra mim olhava...
Passos perdidos... canseira!

Não há *direito* — dizia, — 1
Ao vê-las tão provocantes...
E o meu olhar incidia
Sôbre elas mais uns instantes.

Mas sempre as mesmas respostas
Dessas donzelas malvadas...
Tôdas viravam as costas,
Ou riam às gargalhadas!...

Até de raiva chorei — 1
Por me sentir desprezado!...
O olhar em vão lancei,
Mau dia para «pescado»...

Neste dia da semana
Mais *combate* não darei...
Perderia a tramontana...
Formidável cheque ao rei...

Lisboa — *Rei Mistério*

SINCOPADA

15) O Antoninho Morgado,
Janota muito atrevido,
Foi há pouco «engavetado».
Gracejo mal sucedido...

Com mulheres é preciso,
Nestes tempos de má morte,
Ser prudente e ter juízo,
Contar com a pouca sorte...

Pois o pobre Morgadinho,
Por uma graça de mel,
Lá foi parar direitinho
Aos Delitos, no Torel!

Em presença do juiz
Confessou-se *arrependido*.
«Que fôra um dito infeliz,
Contava ser absolvido...»

Embora mesmo repêso,
Como os tempos vão bicudos,
Para não ficar lá prêso
Teve de dar *mil escudos*... — 3-2

Lisboa — *Calaveras*

Tôda a correspondência relativa a esta secção deve ser dirigida a LUIZ FERREIRA BAPTISTA, redacção da *Ilustração*, rua Anchieta, 31, 1.º — Lisboa.

VIDA ELEGANTE

Festas de caridade

CHÁ DANÇANTE

Com uma enorme e selecta concorrência, realizou-se na tarde de 1 do corrente, nos vastos salões do Grémio de Trás-os-Montes, ao Largo de São Domingos, um «chá dançante» de caridade, levado a efeito por uma comissão de gentis senhoras pertencentes à nossa primeira sociedade de que faziam parte as seguintes: D. Alice Cancela Infante de la Cerda, D. Cecília Abecassis, D. Helena Pinto Basto, D. Ivone Seruia, D. Maria Cristina Emídio da Silva, D. Maria Emília Abecassis, D. Maria Henriqueta Abecassis, D. Maria Izabel Correia de Sampaio Roquete, D. Maria Isabel Roldan Ramires, D. Maria José Guedes Pinto Machado, D. Maria Leonor Correia de Sampaio Roquete, D. Maria Luísa Guedes Pinto Machado, D. Maria de Meneses (Merceana), D. Maria Teresa Meira e Maria Virgínia Cancela de Abreu, cujo produto se destinava a favor de várias doentes pobres, decorrendo o «chá dançante», que foi abrilhantado por uma exímia orquestra «jazz-band», num ambiente de animação e alegria.

Estamos certos que a comissão organizadora deve ter ficado plenamente satisfeita com os resultados obtidos, tanto financeiro como mundano.

Festas elegantes

Decorreu muito animado, o baile que uma comissão de senhoras da nossa primeira sociedade e da colónia inglesa, que fazem parte da secção feminina do C. I. F., levou a efeito na noite de 1 do corrente, nos belos salões do Vitória Hotel, da qual faziam parte D. Ana de Freitas Branco de Herédia, D. Babette Miranda, D. Isabel Ulrich, D. Maria Luisa Graça (S. Mamede), D. Marjory Perkins, D. May Norton, D. Palmira de Matos de Vasconcelos Guimarães (Riba-Tâmega), e D. Vitória de Almeida (Lavradio), dansando se animadamente até de madrugada ao som de uma exímia orquestra «jazz-band», apenas interrompida pelas duas horas em que foi servida uma finíssima «ceia».

Diplomatas

Na Legação da Alemanha, ofereceu o ilustre ministro em Portugal, sr. Barão Hoyningen Huene, um banquete em honra do sr. Comandante Ortiz de Bettencourt, ilustre Ministro da Marinha do Govêrno Português, ao qual foram convivas os srs. capitão de mar e guerra Eyssen, comandante do «Meteor», capitão de fragata Febere, imediato do mesmo barco de guerra, capitão tenente Américo Deus Rodrigues Tomaz, chefe do gabinete do Ministro da Marinha, vice-almirante Teixeira de Sarmento Saavedra, major-general da Armada, contra-almirante Mata e Oliveira, chefe do Estado Maior Naval, contra-almirante Tito Augusto de Morais, inspector dos Serviços de Marinha, general Domingos de Oliveira, governador militar de Lisboa, almirante Gago Coutinho, dr. João Monteiro de Mondonça, secretário de legação, capitão Lopes, major Portela, dr. Alfredo Ramalho, Neef, chefe da Associação dos Funcionários Públicos do Reich, actualmente em Portugal, Claussen, chefe da Direcção do Partido Nacional-Sindicalista, Conde Du Moulin-Eskart, conselheiro da Legação, Hollberg, consul da Alemanha, em Lisboa, Wehr, chefe do Grupo Nazi, em Lisboa, Schuldt, presidente do Clube Alemão, Berner, adido de Imprensa à Legação da Alemanha, em Portugal, e Roth, secretário do Grémio Luso-Alemão. No final usaram da palavra, o Ministro da Alemanha e o Ministro da Marinha.

— O ilustre Ministro da França, sr. Amé Leroy e sua esposa, ofereceram no palácio da Legação de França, à Calçada do Marquês de Abrantes, um jantar ao corpo diplomático, a que assistiram os srs. Núncio de Sua Santidade, Embaixador do Brasil e senhora Araújo Jorge, Ministro da Bélgica e senhora Condessa de Lichterveld, Ministro da Dinamarca e senhora de Boch, Ministro da China, Ministro da Itália e senhora de Mameli, encarregado dos Negócios da Suíça e senhora de Redard, encarregado dos Negócios da Checoeslováquia, dr. Carlos Pinto Ferreira e D. Aida Barreira Pinio Ferreira. Monsenhor Verolino, auditor da Nunciatura. Guilherme Pinto Basto e D. Branca de Atouguia Pinto Basto, capitão Colbert e a senhora de Colbert e Ostorga.

— Em honra da sr.ª D. Maria do Carmo Fragoso Carmona, esposa do ilustre Chefe do Estado, sr. general António Óscar Fragoso Carmona, ofereceram o ilustre Ministro da Bélgica, em Portugal, e sua esposa, a sr.ª condessa de Lichterveld, um almôço no Palácio da Legação, à rua do Sacramento, ao qual foram convivas além da homenageada, o sr. general Daniel de Sousa e esposa, capitão Silva e Costa e esposa, condessa de Portugal de Faria, dr. Carlos Pinto Ferreira e esposa, tenente coronel Esmeraldo Carvalhais, dr. Mantero Velarde e Raul Empis e esposa.

Casamentos

Na capela de Nossa Senhora dos Navegantes, à Lapa, celebrou-se o casamento da sr.ª D. Maria Isabel Afonso dos Santos de Almeida Pinheiro, gentil filha da sr.ª D. Leonor Afonso dos Santos de Almeida Pinheiro e do capitão de fragata sr. Joaquim de Almeida Pinheiro, com o distinto clínico sr. dr. Salvador de Almeida Correia de Sá de Lucena, filho da sr.ª D. Maria de Almeida Correia de Sá de Lucena e do sr. dr. Manuel de Lucena, já falecidos, servindo de madrinhas a mãi e a tia materna da noiva sr.ª D. Isabel Lopes de Almeida Afonso dos Santos e de padrinhos os irmãos do noivo srs. dr. João de Lucena, consul de Portugal em Viena de Austria, e o tenente Francisco Lucena.

— Na paroquial de Nossa Senhora do Sobral, Matriz de Borba, celebrou-se o casamento da sr.ª D. Júlia Pereira de Mendonça, filha da sr.ª D. Joana da Conceição Bravo de Mendonça e do sr. António Felix Pereira de Mendonça, já falecido, com o sr. José António Gamito, tenente do Exército, filho da sr.ª D. Mariana de Oliveira Gamito e do sr. José Inácio Gamito, tendo servido de madrinhas as sr.ªs D. Maria Eugénia de Samora Pimentel Júdice Gamito e D. Madalena Amélia Cunhal Rodrigues de Almeida de Mendonça, e de padrinhos os srs. Pedro António Gamito e António Pereira de Mendonça Júnior.

Nascimentos

— Em Matosinhos, teve o seu bom sucesso, a sr.ª D. Maria Adelina Spratley da Silva Pinto de Oliveira, espôsa do tenente sr. Alfredo José Ferraz Vieira Pinto de Oliveira. Mai e filha estão de perfeita saúde.

— A sr.ª D. Maria Helena Santos Lima de Faria, espôsa do sr. Dr. Miguel de Faria, teve o seu bom sucesso. Mãi e filho estão de perfeita saúde.

— No Pôrto, teve o seu bom sucesso, a sr.ª D. Silva Isabel da Fonseca e Silva de Mendonça, espôsa do sr. Carlos Guerreiro de Mendonça. Mãi e filha encontram se felizmente bem.

Baptisados

— Celebrou-se na paroquial de São Pedro, em Alcântara, presidindo ao acto o prior da freguesia, reverendo Monselhor Pinheiro Marques, o baptisado do menino João Augusto, gentil filhinho da sr.ª D. Cristina Soares de Oliveira de Aiala Botto e do nosso presado colega do «Diário da Manhã» sr. José de Aiala Boto, servindo de madrinha Nossa Senhora do Rosário da Fátima, tocando com a corôa, a tia materna sr. D. Maria Luisa de Almeida Campos Soares de Oliveira e de padrinho o avô materno sr. General Domingos Lopes de Oliveira, ilustre Governador Militar de Lisboa.

— Na paroquial de São Sebastião da Pedreira, presidido pelo reverendo José dos Anjos, prior de Santa Engrácia, celebrou-se o baptisado do menino Jorge Manuel, interessante filhinho da sr.ª D. Regina Pereira do Vale Salgueiro Costa e do distinto engenheiro sr. José Inácio da Gama Salgueiro Costa, tendo servido de madrinha sua tia a sr.ª D Marieta Anciães Proença e de padrinho seu tio o sr. Pedro Salgueiro Costa.

Doentes

Após melindrosa intervenção cirúrgica em que operou o ilustre Professor Dr. Augusto Monjardino, já se encontra na sua residência, em franca convalescença, a Sr.ª D. Ilda Ferreira Brandão, esposa do nosso Director.

D. Nuno.

A sr.ª D. Júlia Pereira de Mendonça e o sr. tenente José António Gamito, com as damas de honor por ocasião do seu casamento

PIM DE FESTA

Bridge

(Problema)

Espadas — — — —.
Copas — R. V. 8.
Ouros — A. 2.
Paus — A. 3.

	N	
Espadas — — — .		Espadas — 8, 3.
Copas — 10, 9, 7.	**O** **E**	Copas — D.
Ouros — D. 10.		Ouros — R. V.
Paus — R. 8.	**S**	Paus — 10, 4.

Espadas — 9, 7, 6.
Copas — — — —.
Ouros — 6.
Paus — D. 9, 5.

Trunfo é espadas. *S* joga e faz tôdas as vasas

(Solução do número anterior)

S joga 2 de copas. Se **O** entra com figura, **N** cobre com Az de copas.

E deita R. *c.* ou 10 *c.*, é indiferente.

N — 3 *c.*, **E** — 10 *c.* ou R. *c.*, **S** — 2 *c.*, **O** — 8 *c.*; se deitasse a D. *c.*, firmava o 9 *c.* de **N**.

Se **E** joga paus, **S** joga a D. de paus, **O** balda-se a ouros ou espadas e **N** joga o 9 de copas.

S — V. *c.*, **O** balda-se, **N** — 3 *c.*, e não pode defender ouros e 6 de paus.

Se sobre o 2 de copas de **S**, **O** jogar 8 de copas e **E** o 10 ou o R. de copas, qualquer carta que jogue **E**, o jogo corre da mesma maneira.

Xadrez

(Solução)

Lance inicial: D - 7 R

Se 1. P:

R — 4 D + (desc.)	Mate por	T — 2 B D + (desc.)
C × P	—	T - 4 B D + (desc.)
C × B	—	T — 3 B D + (desc.)
C × C	—	T — 6 B R + (desc.)
C (3 R) — 4 B D	—	T × C + (desc.)
T — 4 D	—	B × T + (desc.)
C — 2 D joga	—	C — 6 B R + (desc.)
Qualquer outro	—	T × C + (desc.)

Na China e no Japão, usa-se bastante, ainda hoje, um processo curioso de curar, certas doenças, nos homens ou nos animais domésticos: é a *acunputura*. Consiste em espetar em determinada região do corpo do doente uma agulha! Em 1679 o médico Ten-Rhyne importou êste processo para a Europa, que, como tôdas as extravagâncias, teve os seus defensores, um dos quais foi o professor francês Jules Cloquet.

Como na moderna *assueroterapia*, o corpo dos animais, começou a ser espicaçado à tôa, com os fins mais extraordinários. A panacea caíu por isso no esquecimento.

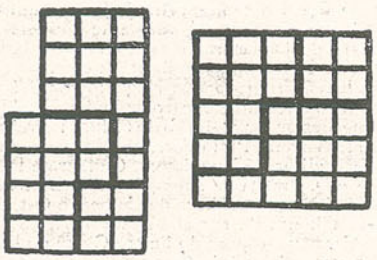
Canções tirolêsas

As canções tirolêsas, agora tão divulgadas, pela telefonia, são uma espécie de canto ritmado a três tempos, dos quais o segundo é geralmente, o tempo forte e de andamento moderado. A sua originalidade acentua-se principalmante na frase final que é escrita em motêtes de ritmo desigual. É essa frase em que o cantor, passando sucessivamente dos sons de peito aos mais agudos, na voz de cabeça e vice-versa, executa uma espécie de arrulho, inteiramente singular e característico das canções do Tirol.

Os antigos, vendo que a codorniz tem um vôo tão pesado e difícil, que quando é perseguida, prefere correr pelo campo a iniciar o vôo, não concebiam como ela era capaz de atravessar, voando, o Mediterrâneo, nas suas viagens migratórias. Por isso, alguns autores procuraram explicar o feito, por fórmas às vezes ridículas. Para Aldrovande, a codorniz, antes de empreender o vôo para passar o mar, buscava um pedaço de madeira ou cortiça, e quando estava cansada, deixava-se caír sôbre êle, e levantava uma asa em fórma de vela. Outros acreditavam que podia nadar, tendo as penas impermeáveis como as dos patos e outras aves aquáticas. Hoje sabe se que atravessam o mar dum único vôo.

Os quadradinhos

(Solução)



Fumo

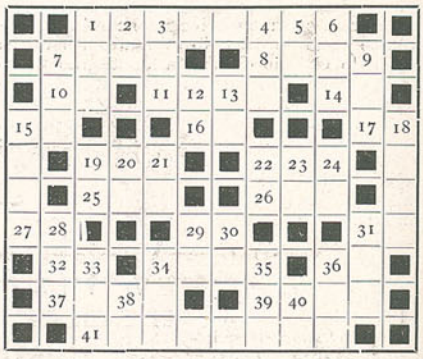
Há setenta anos, os homens fumavam cachimbo e usavam barba. Barba e bigode, naturalmente. Mas a moda, que em tudo se mete, impôs a pouco e pouco, o uso do cigarro. Acender e queimar tabaco tão perto daquelas vegetações inflamáveis, pareceu perigos; por isso os rostos masculinos se viram despojados da sua hirsuta protecção.

Parece, todavia, que se os homens não podem passar sem o cheiro e o gôsto do tabaco queimado, seria mais acertado acender o lume no fornilho dum cachimbo e aspirar lhe o fumo por um tubo.

Assim o julgaram decerto os nossos avôs e bisavôs que tanto uso faziam do cachimbo, havendo-os de várias qualidades e tamanhos.

Palavras cruzadas

(Passatempo)



Horizontalmente:

1 — Estado do Brasil. 7 — Prisões. 8 — Fileiras. 10 — Ruim. 14 — Advérbio. 15 — Advérbio. 16 — Tempo de verbo. 17 — Tempo de verbo. 19 — Astro. 22 — Aldeia de França. 25 — Nome de mulher. 26 — Rio do Brasil. 27 — Outra cousa. 29 — Parte do corpo. 31 — Nota musical. 32 — Artigo. 34 — Lobo francês. 36 — Alegre. 37 — Tempêro. 39 — Aborrecimento. 41 — Planta oleaginosa.

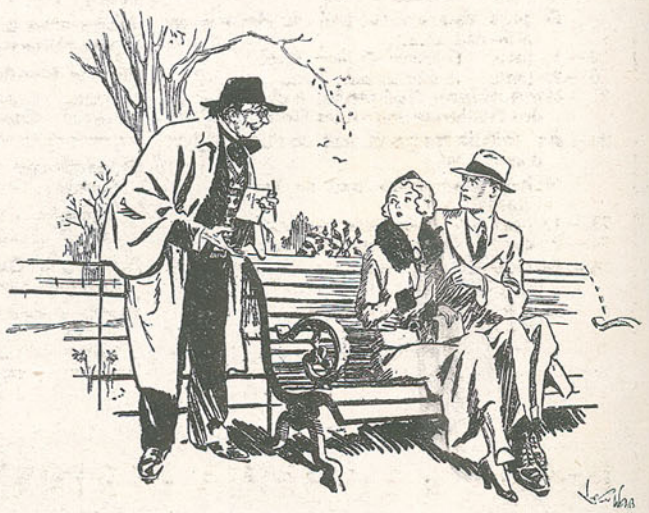
Verticalmente:

1 — Povoação da província de Sassari (Itália). 2 — Pedra. 3 — Motivo. 4 — Negação. 5 — Princípio de alma. 6 — Condimento. 7 — Ave pernalta. 9 — Tempêro. 12 — Nota musical. 13 — Nota musical. 15 — Lar. 18 — Parente. 19 — Flexão dum pronome. 20 — Artigo. 21 — Advérbio. 22 — Existe. 23 — Abreviatura que acompanha certas datas. 24 — Quadrúpede. 28 — Astro. 29 Poeira levantada. 30 — Pronome pessoal. 31 — Linha. 33 - Voz do gato. 34 — Quinhão em francês. 35 — Parente. 36 — Caminho público. 38 — Letra do alfabeto grêgo. 40 — Carlos Magno às avessas.

Anecdota

O pretendente: — Eu só lhe peço que ponha em prova o meu amor. Dê-me alguma cousa a fazer por sua causa.

Ela: — Da melhor vontade. Olhe vá casar com outra rapariga.



O poeta: — Importam-se que eu me sente aqui ao seu lado? Tenho a certeza de que me dariam inspiração para um poema!

(Do *The Happy Magazine.*)

OBRAS DE JULIO VERNE

Colecção de viagens maravilhosas aos mundos conhecidos e desconhecidos

Trabalhos premiados pela Academia das Ciências de França. Versões portuguesas autorizadas pelo autor e editôres, feitas pelos mais notáveis escritores e tradutores portugueses. Edição popular

Cada volume, ilustrado com 2 gravuras, encadernado 10$00

1 — **Da terra à lua,** viagem directa em 97 horas e 20 minutos, tradução de Henrique de Macedo. 1 volume.

2 — **Á roda da lua,** trad. de Henrique de Macedo. 1 vol.

3 — **A volta ao mundo em oitenta dias,** trad. de A. M. da Cunha e Sá. 1 vol.

Aventuras do capitão Hatteras, trad. de Henrique de Macedo:

4 — 1.ª parte — *Os ingleses no Polo Norte.* 1 vol.

5 — 2.ª parte — *O deserto de gêlo.* 1 vol.

6 — **Cinco semanas em balão,** trad. do Dr. Francisco Augusto Correia Barata. 1 vol.

7 — **Aventuras de três russos e três ingleses,** trad. de Mariano Cirilo de Carvalho. 1 vol.

8 — **Viagem ao centro da terra,** trad. de Mariano Cirilo de Carvalho. 1 vol.

Os filhos do capitão Grant, trad. de A. M. da Cunha e Sá:

9 — 1.ª parte — *América do Sul.* 1 vol.

10 — 2.ª parte — *Austrália Meridional.* 1 vol.

11 — 3.ª parte — *Oceano Pacífico.* 1 vol.

Vinte mil léguas submarinas:

12 — 1.ª parte — *O homem das águas,* trad. de Gaspar Borges de Avelar.

13 — 2.ª parte — *O fundo do mar,* trad. de Francisco Gomes Moniz. 1 vol.

A ilha misteriosa, trad. de Henrique de Macedo:

14 — 1.ª parte — *Os náufragos do ar.* 1 vol.

15 — 2.ª parte — *O abandonado.* 1 vol.

16 — 3.ª parte — *O segrêdo da ilha.* 1 vol.

Miguel Strogoff, trad. de Pedro Vidoeira:

17 — 1.ª parte — *O correio do Czar.* 1 vol.

18 — 2.ª parte — *A invasão.* 1 vol.

O país das peles, trad. de Mariano Cirilo de Carvalho:

19 — 1.ª parte — *O eclipse de 1860.* 1 vol.

20 — 2.ª parte — *A ilha errante.* 1 vol.

21 — **Uma cidade flutuante,** trad. de Pedro Guilherme dos Santos Denis. 1 vol.

22 — **As Índias Negras,** trad. de Pedro Vidoeira. 1 vol.

Heitor Servadac, trad. de Xavier da Cunha:

23 — 1.ª parte — *O cataclismo cósmico.* 1 vol.

24 — 2.ª parte — *Os habitantes do cometa.* 1 vol.

25 — **O Doutor Ox,** trad. de A. M. da Cunha e Sá. 1 vol.

Um herói de quinze anos, trad. de Pedro Denis:

26 — 1.ª parte — *A viagem fatal.* 1 vol.

27 — 2.ª parte — *Na África.* 1 vol.

28 — **A galera Chancellor,** trad. de Mariano Cirilo de Carvalho. 1 vol.

29 — **Os quinhentos milhões de Begun,** trad. de A. M. da Cunha e Sá. 1 vol.

30 — **Atribulações de um chinês na China,** trad. de Manuel Maria de Mendonça Balsemão. 1 vol.

A casa a vapor, trad. de A. M. da Cunha e Sá:

31 — 1.ª parte — *A chama errante.* 1 vol.

32 — 2.ª parte — *A ressuscitada.* 1 vol.

A Jangada, trad. de Pompeu Garrido.

33 — 1.ª parte — *O segrêdo terrível.* 1 vol.

34 — 2.ª parte — *A justificação.* 1 vol.

As grandes viagens e os grandes viajantes, trad. de Manuel Pinheiro Chagas:

35 — 1.ª parte — *A descoberta da terra.* 1.º vol.

36 — 1.ª parte — *A descoberta da terra.* 2.º vol.

37 — 2.ª parte — *Os navegadores do século XVIII.* 1.º vol.

38 — 2.ª parte — *Os navegadores do século XVIII.* 2.º vol.

39 — 3.ª parte — *Os exploradores do século XIX.* 1.º vol.

40 — 3.ª parte — *Os exploradores do século XIX.* 2.º vol.

41 — **A escola dos Robinsons,** trad. de Assis de Carvalho. 1 vol.

42 — **O raio verde,** trad de Mendonça Balsemão. 1 vol.

Kéraban, o Cabeçudo, trad. de Urbano de Castro:

43 — 1.ª parte — *De Constantinopla a Scutari.*

44 — 2.ª parte — *O regresso.* 1 vol.

45 — **A estrêla do sul,** trad. de Almeida de Eça. 1 vol.

46 — **Os piratas do arquipélago,** trad. de João Maria Jales. 1 vol.

Matias Sandorff:

47 — 1.ª parte — *O pombo correio.* 1 vol.

48 — 2.ª parte — *Cabo Matifoux.* 1 vol.

49 — 3.ª parte — *O passado e o presente.* 1 vol.

50 — **O náufrago do «Cynthia»,** trad. de Agostinho Sottomayor. 1 vol.

51 — **O bilhete de loteria n.º 9:672,** trad. de Cristóvão Aires. 1 vol.

52 — **Robur, o Conquistador,** trad. de Cristóvão Aires. 1 vol.

Norte contra Sul, trad. de Almeida de Eça:

53 — 1.ª parte — *O ódio do Texar.* 1 vol.

54 — 2.ª parte — *Justiça.* 1 vol.

55 — **O caminho da França,** trad. de Cristóvão Aires. 1 vol.

Dois anos de férias, trad. de Fernandes Costa:

56 — 1.ª parte — *A escuna perdida.* 1 vol.

57 — 2.ª parte — *A colónia infantil.* 1 vol.

Família sem nome, trad. de Lino de Assunção:

58 — 1.ª parte — *Os filhos do traidor.* 1 vol.

59 — 2.ª parte — *O padre Joan.* 1 vol.

60 — **Fora dos eixos,** trad. de Augusto Fuschini. 1 vol.

Cesar Cascabel:

61 — 1.ª parte — *A despedida do novo continente,* trad. de Salomão Sáraga. 1 vol.

62 — 2.ª parte — *A chegada ao velho mundo.* trad. de Lino de Assunção. 1 vol.

A mulher do capitão Branican, trad. de Silva Pinto:

63 — 1.ª parte — *A' procura dos náufragos.* 1 vol.

64 — 2.ª parte — *Deus dispõe.* 1 vol.

65 — **O castelo dos Carpathos,** trad. de Pinheiro Chagas. 1 vol.

66 — **Em frente da bandeira,** trad. de Manuel de Macedo. 1 vol.

A ilha do Hélice, trad. de Henrique Lopes de Mendonça:

67 — 1.ª parte — *A cidade dos biliões.* 1 vol.

68 — 2.ª parte — *Distúrbios no Pacífico.* 1 vol.

69 — **Clovis Dardentor,** trad. de Higino de Mendonça. 1 vol.

A esfinge dos gêlos, trad. de Napoleão Toscano:

70 — 1.ª parte — *Viagens aos mares austrais.* 1 vol.

71 — 2.ª parte — *Lutas de marinheiro.* 1 vol.

72 — **A carteira do repórter,** trad. de Pedro Vidoeira. 1 vol.

O soberbo Orenoco, trad. de Aníbal de Azevedo:

73 — 1.ª parte — *O filho do coronel.* 1 vol.

74 — 2.ª parte — *O coronel de Kermor.* 1 vol.

75 — **Um drama na Livónia,** trad. de Fernando Correia. 1 vol.

76 — **Os náufragos do Jonathan,** trad. de Henrique Lopes de Mendonça. 1.º vol.

77 — **Os náufragos do Jonathan,** trad. de Henrique Lopes de Mendonça. 2.º vol.

78 — **A invasão do mar,** trad. de Joaquim dos Anjos. 1 vol.

79 — **O farol do cabo do mundo,** trad. de Joaquim dos Anjos. 1 vol.

80 — **A Aldeia Aéria,** trad. de José Coelho de Jesus Pacheco. 1 vol.

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND — R. Garrett, 73-75 — LISBOA

Prémio Ricardo Malheiros

MIRADOURO

TIPOS E CASOS

POR **ANTERO DE FIGUEIREDO**

Da Academia das Ciências de Lisboa e da Academia Brasileira de Letras

TITÚLOS DOS CAPÍTULOS:

O capote do Snr. «Mariquinhas» — Apêgo à Dôr — Dr. Mendes «Gira» — Feira de Ano — Lúcia — Um sobretudo de respeito! — A paz do Lar — Uma espada... embainhada! — O Barboza de Sejins — O Morgado de Sabariz.

1 vol. de 320 págs., broch. . . **12$00** enc. . . **17$00**

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

ACABA DE APARECER

Orações e Conferências

de CARLOS MALHEIRO DIAS

1 vol. de 176 págs., broch. . . . . **8$00**

Pelo correio à cobrança . . . . . **9$00**

À venda em tôdas as livrarias

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

À venda a 3.ª edição

BERNARDES

DA ANTOLOGIA PORTUGUESA

Organizada pelo Dr. **AGOSTINHO DE CAMPOS**

2 volumes de 274 págs. cada um, broc. Esc. 24$00

Pelo correio à cobrança, Esc. 27$00

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**

73, Rua Garrett, 75—LISBOA

À VENDA

o 5.º volume

CAMÕES LÍRICO

(CANÇÕES)

PELO DR. **AGOSTINHO DE CAMPOS**

Este volume completa a obra Camões Lírico, da Antologia Portuguesa

1 vol. de 320 págs. broch. ..... **12$00**

Pelo correio à cobrança..... **14$00**

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND** — 73, Rua Garrett, 75-LISBOA

A PROSA ADMIRAVEL DUM GRANDE ESCRITOR

À venda a 3.ª edição de

NEVES DE ANTANHO

do CONDE DE SABUGOSA

Ignez Negra. — Amores do Senhor D. Jorge. — D. Brites de Lára. — Um romance na Côrte de D. João III. — Desculpa de uns amores. — A filha de D. Pedro Nunes. — Sóror Violante do Céo. — D. Francisco Manoel de Melo. — Antónia Rodrigues. — Amor aos livros. — Ramalho Ortigão. — Um beija-mão de Ano Bom no Paço da Ajuda.

1 volume de 318 págs., brochado . . . . . **12$50**

Pelo correio à cobrança mais 2$00

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

Á VENDA

a 3.ª edição, corrigida, de

O Romance de Amadis

reconstituido por **Afonso Lopes Vieira**

1 volume de 230 páginas, ilustrado, brochado..... **15$00**

Pelo correio, à cobrança ..... **16$50**

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

A VENDA

PSICOPATOLOGIA CRIMINAL

CASUIDICA E DOUTRINA

Pelo **Prof. SOBRAL CID**

Doutor em medicina pela Universidade de Coimbra — Prof. de Psiquiatria na Universidade de Lisboa

Prefácio do **Prof. Azevedo Neves**

1 vol. de 238 pág., formato 23 × 15, broc. **Esc. 25$00** = Pelo correio à cobrança **Esc. 27$00**

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND — 73, Rua Garrett, 75 — LISBOA**

Um livro aconselhavel a toda a gente

A SAÚDE A TROCO

de um quarto de hora de exercício por dia

O MEU SISTEMA

POR **J. P. MÜLLER**

O livro que mais tem contribuido para melhorar físicamente o homem e conservar-lhe a saúde

O tratado mais simples, mais razoavel, mais prático e útil que até hoje tem aparecido de cultura física

Eficaz e benemérito

verdadeira fonte de saúde e de bem estar físicos e morais

1 vol. do formato de 15×23 de 126 págs., com 119 gravuras, explicativas, broch. . . . **8$00**

pelo correio à cobrança **9$00**

■

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

Encontra-se à venda a 5.ª edição desta obra admiravel

PÁTRIA PORTUGUESA

Obra louvada em portaria do Govêrno de 20 de Dezembro de 1913
e aprovada para prémios escolares por despacho ministerial de 23 de Julho de 1914

Capa a côres de ALBERTO DE SOUSA

1 vol. de 336 págs., broch., **Esc. 12$50** — *Pelo correio à cobrança* **Esc. 14$00**

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND — 73, Rua Garrett, 75-LISBOA

A obra mais luxuosa e artística dos últimos tempos em Portugal

HISTORIA DA LITERATURA PORTUGUESA

ILUSTRADA

publicada sob a direcção de

Albino Forjaz de Sampaio

da Academia das Ciências de Lisboa

ASSINATURA EXTRAORDINÁRIA

para venda dos últimos exemplares desta edição

Os três volumes da HISTÓRIA DA LITERATURA PORTUGUESA, ILUSTRADA, compreendem desde as suas origens aos fins do século XVIII. Impressa em **magnífico papel couché** os seus três volumes são **um álbum e guia da literatura portuguesa** contendo além de estudos firmados pelas maiores autoridades no assunto, **gravuras a côres e no texto de documentos, retratos de reis, sábios, poetas e escritores, vistas, gravuras, quadros, autógrafos, portadas de edições raras ou manuscritos preciosos, monumentos de arquitectura, estátuas, cerâmica, ourivesaria, tapeçaria, mobiliário, bandeiras, armas, sêlos e moedas, lápides, usos e costumes, bibliotecas, músicas, iluminuras, letras ornadas, fac-símiles de assinaturas, plantas de cidades, encadernações, códices antigos, vinhetas, marcas tipográficas, etc.** O volume 1.º com 11 gravuras a côres fora do texto e 1005 no texto; o 2.º com 11 gravuras a côres fora do texto e 576 gravuras no texto e o 3.º com 12 gravuras fora do texto e 576 dentro, o que constitue um núcleo de **1.168 páginas com 34 gravuras fora do texto e 2.157 gravuras no texto.**

A HISTÓRIA DA LITERATURA PORTUGUESA, ILUSTRADA, é escrita pelas **mais eminentes figuras da especialidade,** nomes escolhidos entre os membros da Academia das Ciências de Lisboa, professores das Universidades, directores de Museus e Bibliotecas, nomes que são imperecíveis nas letras portuguesas. Assim sôbre vários assuntos firmam artigos **A. Botelho da Costa Veiga, Afonso Lopes Vieira, Agostinho de Campos, Alfredo Pimenta, António Baião, Fidelino de Figueiredo, Gustavo de Matos Sequeira, Hernâni Cidade, Joaquim de Carvalho, José de Figueiredo, José Leite de Vasconcelos, José de Magalhães, José Maria Rodrigues, José Pereira Tavares, Júlio Dantas, Queiroz Veloso, Reinaldo dos Santos, Ricardo Jorge,** etc., etc.

Cada fascículo de 32 páginas, profusamente ilustradas,

Esc. 10$00

Aceitam-se assinaturas para todos os pontos do país

Examinem o fascículo-espécime em qualquer livraria

ou na

LIVRARIA BERTRAND

73, Rua Garrett—LISBOA

OBRAS DE JÚLIO DANTAS

PROSA

ABELHAS DOIRADAS — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. ... 8$00
— (1.ª edição), 1 vol. br. ... 15$00
ALTA RODA — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 17$00; br. ... 12$00
AMOR (O) EM PORTUGAL NO SÉCULO XVIII — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 17$00; br. ... 12$00
AO OUVIDO DE M.me X. — (5.ª edição) — O que eu lhe disse das mulheres — O que lhe disse da arte — O que eu lhe disse da guerra — O que lhe disse do passado, 1 vol. Enc. 14$00; br. ... 9$00
ARTE DE AMAR — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 15$00; br. 10$00
AS INIMIGAS DO HOMEM — (5.º milhar), 1 vol. Enc. 17$00; br. ... 12$00
CARTAS DE LONDRES — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 15$00; br. ... 10$00
COMO ELAS AMAM — (4.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. 8$00
CONTOS — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. ... 8$00
DIÁLOGOS — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. ... 8$00
DUQUE (O) DE LAFÕES E A PRIMEIRA SESSÃO DA ACADEMIA, 1 vol. br. ... 1$50
ELES E ELAS — (4.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. 8$00
ESPADAS E ROSAS — (5.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. 8$00
ETERNO FEMININO — (1.ª edição), 1 vol. Enc. 17$00; br. ... 12$00
EVA — (1.ª edição), 1 vol. Enc. 15$00; br. ... 10$00
FIGURAS DE ONTEM E DE HOJE — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. ... 8$00
GALOS (OS) DE APOLO — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. ... 8$00
MULHERES — (6.ª edição), 1 vol. Enc. 14$00; br. ... 9$00
HEROÍSMO (O), A ELEGÂNCIA E O AMOR — (Conferências), 1 vol. Enc. 11$00; br. ... 6$00
OUTROS TEMPOS — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. 8$00
PÁTRIA PORTUGUESA — (5.ª edição), 1 vol. Enc. 17$50; br. ... 12$50
POLÍTICA INTERNACIONAL DO ESPÍRITO — (Conferência), 1 fol. ... 2$00
UNIDADE DA LÍNGUA PORTUGUESA — (Conferência), 1 fol. ... 1$50
VIAGENS EM ESPANHA, 1 vol. Enc. 17$00; br. 12$00

POESIA

NADA — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 11$00; br. ... 6$00
SONETOS — (5.ª edição), 1 vol. Enc. 9$00; br. ... 4$00

TEATRO

AUTO D'EL-REI SELEUCO — (2.ª edição), 1 vol. br. ... 3$00
CARLOTA JOAQUINA — (3.ª edição), 1 vol. br. ... 3$00
CASTRO (A) — (2.ª edição), br. ... 3$00
CEIA (A) DOS CARDIAIS — (27.ª edição), 1 vol. br. 1$50
CRUCIFICADOS — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. 8$00
D. BELTRÃO DE FIGUEIROA — (5.ª edição), 1 vol. br. 3$00
D. JOÃO TENÓRIO — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. 8$00
D. RAMON DE CAPICHUELA — (3.ª edição), 1 vol. br. 2$00
MATER DOLOROSA — (6.ª edição), 1 vol. br. ... 3$00
1023 — (3.ª edição), 1 vol. br. ... 2$00
O QUE MORREU DE AMOR — (5.ª edição), 1 vol. br. 4$00
PAÇO DE VEIROS — (3.ª edição), 1 vol. br. ... 4$00
PRIMEIRO BEIJO — (5.ª edição), 1 vol. br. ... 2$00
REI LEAR — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 14$00; br. ... 9$00
REPOSTEIRO VERDE — (3.ª edição), 1 vol. br. ... 5$00
ROSAS DE TODO O ANO — (10.ª edição), 1 vol. br. 2$00
SANTA INQUISIÇÃO — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 11$00; br. 6$00
SEVERA (A) — (5.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. ... 8$00
SOROR MARIANA — (4.ª edição), 1 vol. br. ... 3$00
UM SERÃO NAS LARANGEIRAS — (4.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. ... 8$00
VIRIATO TRÁGICO — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. 8$00

Pedidos à

LIVRARIA BERTRAND

Rua Garrett, 73 e 75—LISBOA

O MUNDO NA MÃO

Pequena enciclopédia popular de conhecimentos úteis organizada por um grupo de professores e homens de letras

À VENDA

a 2.ª edição ilustrada com mapas e muitas gravuras

O MUNDO NA MÃO

é indispensável a toda a gente pois, dum modo geral reune tudo quanto a cultura humana tem produzido no campo das ciências, das artes e das letras

É um livro de tudo e para todos

dispensa centos de livros, poupa trabalho e fornece com rapidez, a quem o consulte, o esclarecimento desejado

O MUNDO NA MÃO

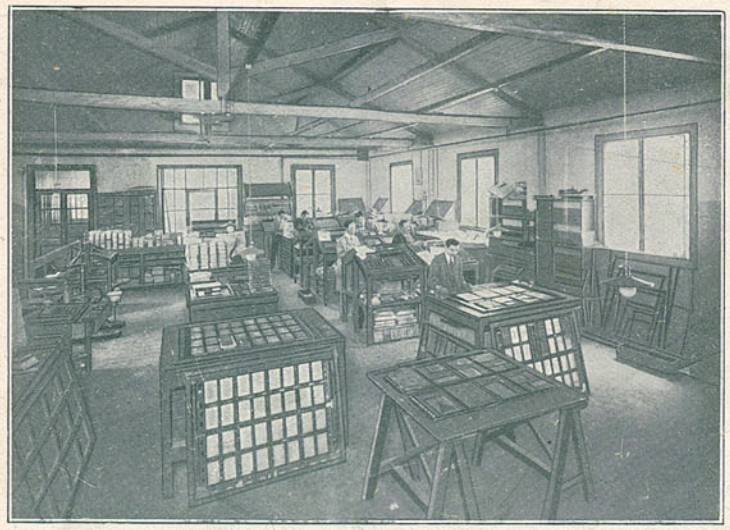
é verdadeiramente o livro mais popular de estudo e de consulta que deve existir em casa, no escritório, na oficina e nas escolas

1 volume de 824 páginas, em óptimo papel, elegantemente encadernado em percalina com gravura a côres e ouro, **Esc. 30$00**; pelo correio, à cobrança, **Esc. 33$00**

Adquirir esta obra é ficar possuindo, NUM UNICO VOLUME, manuseável, de formato cómodo e elegante, a síntese de todos os conhecimentos humanos

■

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND, Rua Garrett, 73 — Lisboa



Oficina de composição

IMPRENSA PORTUGAL BRASIL

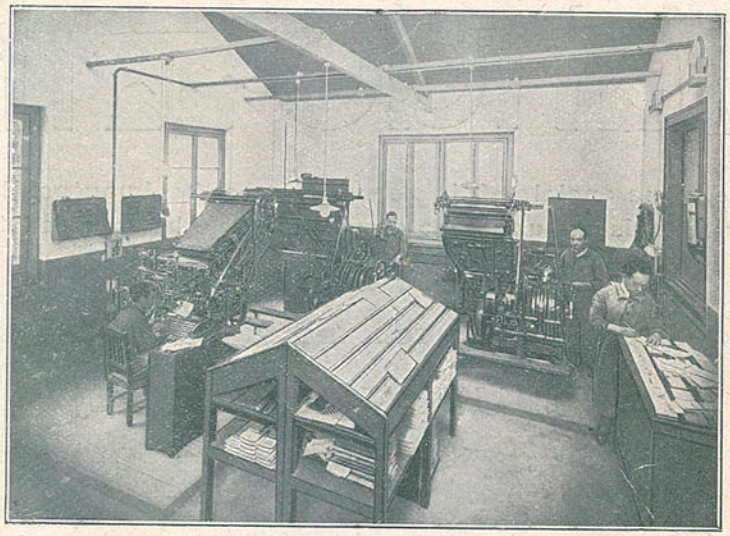
Telefone: 20739

RUA DA ALEGRIA, 30

LISBOA

As mais modernas instalações do país e aquelas que maior capacidade de produção possuem

Secção especial de publicações ultra-rápidas



Oficina de composição mecânica

É nestas oficinas que se imprimem os belos trabalhos gráficos de

Ilustração,

Almanaque Bertrand

e

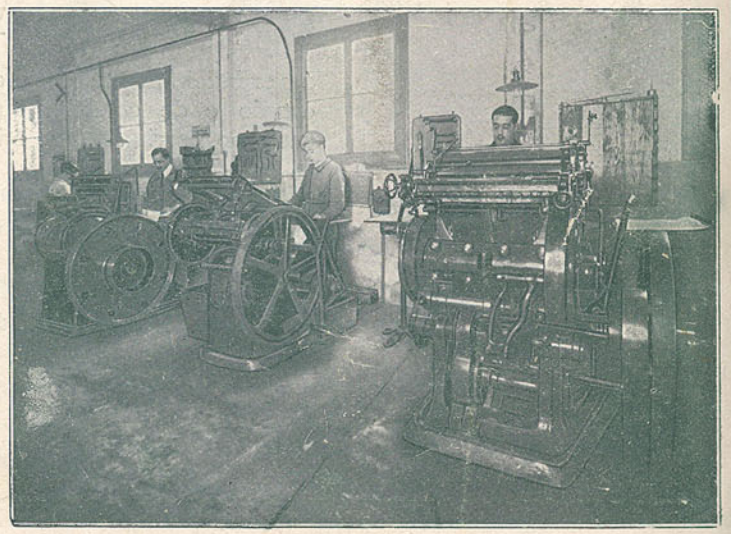
História da Literatura

LIVROS, RELATÓRIOS. ETC.

TRABALHOS COMERCIAIS

INEXCEDÍVEL PERFEIÇÃO

ORÇAMENTOS GRÁTIS



Oficina de impressão